POLÍMNIA

A Batalha de Termópilas e os 300 de Esparta



HERÓDOTO

Das Histórias de Heródoto:

POLÍMNIA
A Batalha de Termópilas e os 300 de Esparta

Tradução de Pierre Henri Larcher

O Autor

Heródoto (em grego, Ἡρόδοτος – Hēródotos, na transliteração) foi um geógrafo e historiador grego, continuador de Hecateu de Mileto, nascido no século V a.C. (485?–420 a.C.) em Halicarnasso (hoje Bodrum, na Turquia).

Foi o autor da história da invasão persa na Grécia nos princípios do século V a.C., conhecida simplesmente como As Histórias de Heródoto. Esta obra foi reconhecida como uma nova forma de literatura pouco depois de ser publicada.

Antes de Heródoto, tinham existido crônicas e épicos, e também estes haviam preservado o conhecimento do passado. Mas Heródoto foi o primeiro não só a gravar o passado mas também a considerá-lo um problema filosófico ou um projeto de pesquisa que podia revelar o conhecimento do comportamento humano. A sua criação deu-lhe o título de "pai da história" e a palavra que utilizou para o conseguir, historie, que previamente tinha significado simplesmente "pesquisa", tomou a conotação atual de "história".

A obra Histórias foi frequentemente acusada no velho mundo de influenciável, imprecisa e plagiária. Ataques semelhantes foram preconizados por alguns pensadores modernos, que defendem que Heródoto exagerou na extensão das suas viagens e nas fontes criadas. Contudo, o respeito pelo seu rigor tem aumentado na última metade do século, sendo atualmente reconhecido não apenas como pioneiro na história, mas também na etnografia e antropologia.

Vale ressaltar sua contribuição aos estudos geográficos, por esse feito a revista de geografia geopolítica, de maior tiragem na França, fundada pelo famoso geógrafo Yves Lacoste leva seu nome.

Provavelmente escritas entre 450 e 430 a.C., as Histórias foram posteriormente divididas em 9 livros, intituladas segundo os nomes das musas, pelos eruditos alexandrinos. Por volta de 445 a.C., segundo consta, Heródoto fez leituras públicas de sua obra em Atenas.

Quanto ao conteúdo, os primeiros seis livros relatam o crescimento do Império Aquemênida. Começam com uma introdução do primeiro monarca asiático a conquistar as cidades-estado gregas e o verdadeiro tributo, Creso da Lídia. Creso perdeu o reinado para Ciro, o Grande, o fundador do Império Aquemênida. As primeiras seis obras acabam com a derrota dos persas em 490 a.C., na batalha de Maratona, que constituiu o primeiro retrocesso no progresso imperial.

Os últimos três livros, entre os quais a presente obra, descrevem a tentativa do rei persa Xerxes I de vingar dez anos mais tarde a derrota persa em Maratona e absorver a Grécia no Império Aquemênida. Histórias acaba em 479 a.C. com a expulsão na batalha de Plateia e o recuo da fronteira do Império Aquemênida para a linha costeira da Anatólia.

No que diz respeito à vida de Heródoto, sabe-se que foi exilado de Halicarnasso após um golpe de estado frustrado contra a dinastia no poder em que estava envolvido, retirando-se para a ilha de Samos. Parece nunca ter regressado a Halicarnasso, embora em Histórias pareça sentir orgulho de sua cidade natal e da respectiva sátrapa, Artemísia I de Cária.

Deve ter sido durante o exílio que empreendeu as viagens que descreve em Histórias. Estas viagens conduziram-no ao Egito, Primeira Catarata, Babilônia, Ucrânia, Itália e Sicília. Heródoto

refere uma conversa com um informador em Esparta, e muito certamente terá vivido durante um determinado período em Atenas. Nesta, registou as tradições orais das famílias proeminentes, em especial, a Alcmeônidas, à qual Péricles pertencia do lado materno. Mas os Atenienses não aceitavam os estrangeiros como cidadãos, e quando Atenas apoiou a colônia de Túrio na aniquilação de Itália em 444 a.C., Heródoto tornou-se colono. Desconhece-se se lá morreu ou não.

Numa determinada altura tornou-se um *logios* – isto é, um recitador de prosa logai ou histórias – cujos temas baseavam-se em contos de batalhas, maravilhas de países distantes e outros acontecimentos históricos. Fez roteiros das cidades gregas e dos maiores festivais atléticos e religiosos, onde dava espetáculos pelos quais esperava pagamento. Em 431 a.C., a guerra do Peloponeso rebentou entre Atenas e Esparta. Poderá ter sido esse conflito, que dividiu o mundo grego, que o inspirou a reunir *logoi* numa narrativa contínua – Histórias – centrada no progresso imperial da Pérsia interrompido pela aliança entre Atenas e Esparta.

O Tradutor

Pierre-Henri Larcher foi um historiador francês, reconhecido por suas traduções de Alexander Pope, Eurípides, Heródoto e Xenofonte, além do ensaio *Essai sur le Sénat romain*.

Nascido em Dijon, em 12 de outubro de 1726, filho de Henri Larcher e Pétronille Gauthier, foi membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, do *Institut Impérial* e da *Académie des Sciences*.

Sua família era uma das três mais antigas da cidade, e seu destino seria a magistratura, mas ele tinha outra vocação. Após se formar no colégio jesuíta de Pont-à-Mousson, mudou-se para Paris. Após uma viagem para Londres, para se aperfeiçoar na língua inglesa, teve início o seu interesse pelo grego. Tendo se indignado com os ensaios de Voltaire, e incentivado pelo abade Mercier de Saint-Léger e outros clérigos, Larcher apresentou uma refutação à *Philosophie de l'histoire*. Voltaire não parou de perseguir e insultar de forma insolentemente grosseira a Larcher, que parou de respondê-lo. A retratação de Voltaire só foi publicada em 5 de maio de 1795, depois da sua morte.

Pierre-Henri Larcher morreu em Paris, em 21 de dezembro de 1812.

POLÍMNIA

A MORTE DE DARIO — XERXES SUCEDE-O NO TRONO — SUBMETE O EGITO — QUER VINGAR-SE DOS GREGOS E FAZER DA TERRA UM SÓ IMPÉRIO — REÚNE UM CONSELHO — RESOLVIDA A GUERRA CONTRA A GRÉCIA — MANDA PERFURAR O MONTE ATOS — PÍTIO — UMA PONTE LANÇADA SOBRE O MAR — O EXÉRCITO DESFILA DIANTE DE XERXES DURANTE SETE DIAS E SETE NOITES SEM INTERVALO — ENUMERAÇÃO À MANEIRA DE HOMERO — PASSANDO EM REVISTA A FROTA — XERXES CONSULTA DEMARATO — O ARAUTO DE ESPARTA DIANTE DE XERXES — TEMÍSTOCLES — EMBAIXADA A GÉLON — AS TERMÓPILAS — LEÔNIDAS — DIENECES — INSCRIÇÃO NAS TERMÓPILAS.

1 — Ao ter conhecimento da derrota das forças persas em Maratona, Dario, já irritado contra os Atenienses por causa do incêndio de Sardes, sentiu sua cólera crescer contra eles, mostrando-se, mais do que nunca, decidido a levar a guerra à Grécia. Expediu, incontinênti, ordens a todas as cidades sob o seu domínio, para levantarem grande número de tropas e fornecerem cavalos, víveres, navios de guerra e de transporte, em quantidade maior ainda do que a que haviam fornecido para a primeira expedição. Essas ordens, expedidas para todos os cantos, pôs a Ásia inteira numa agitação contínua durante três anos. No quarto ano, quando já quase ultimados os preparativos e feito o recrutamento dos homens mais bravos entre todos os que prestavam obediência ao soberano, soube-se que os Egípcios, subjugados por Cambises, se tinham revoltado contra os Persas. Ante essa notícia, Dario decidiu-se, com maior ardor ainda, a marchar contra esses dois povos.

2 — Quando se preparava para lançar-se sobre os Egípcios e os Atenienses, surgiu entre os príncipes seus filhos forte desentendimento com relação à soberania, pois as leis persas proibiam o rei de empreender uma expedição sem haver designado seu sucessor. Dario possuía, antes de ser aclamado rei, três filhos de sua primeira mulher, filha de Góbrias, e depois de ter subido ao trono tivera quatro outros de Atossa, filha de Ciro. Artobazanes era o mais velho dos filhos da primeira mulher, e Xerxes, dos da segunda. Como não eram filhos da mesma mãe, disputavam a sucessão, julgando-se Artobazanes com direito à coroa por ser o mais velho de todos, segundo a praxe aceita em toda parte. Xerxes, por sua vez, reivindicava para si esse direito, apoiando-se no fato de ser Atossa, sua mãe, filha de Ciro, a quem os Persas deviam a liberdade de que gozavam.

3 — Dario ainda não se havia pronunciado acerca dessa questão, quando chegou a Susa Demarato, filho de Aríston, que havia fugido da Lacedemônia, depois de ter sido despojado dos seus Estados. Tendo sabido da pendência existente entre os filhos de Dario, aconselhou Xerxes a acrescentar às razões já apresentadas, o fato de haver nascido depois da subida do pai ao trono, enquanto que Artobazanes nascera quando Dario era ainda um simples cidadão, não sendo, por conseguinte, justo nem natural aceitar este último em lugar dele, Xerxes. Demarato acrescentou que era esse o costume seguido em Esparta; que quando um filho nascia depois de haver o pai subido ao trono, sucedia-o no poder, mesmo que o pai tivesse tido outros antes de ter assumido o poder.

Aceitando o conselho de Demarato, Xerxes expôs ao pai as razões por ele sugeridas. Dario achou-as justas e nomeou-o seu sucessor. Acho, porém, que Xerxes teria reinado de qualquer maneira, pois Atossa contava com todo poder para isso.

4 — Dario, declarando Xerxes seu sucessor, dispôs-se a marchar para a guerra; mas a morte o surpreendeu em meio aos preparativos, no ano seguinte ao da sublevação do Egito, depois de haver reinado trinta e seis anos, sem ter tido a satisfação de punir os Egípcios e vingar-se dos Atenienses.

5 — Morrendo Dario, subiu ao trono seu filho Xerxes. A mobilização de tropas levada a efeito pelo jovem soberano ao tomar as rédeas do governo visava principalmente o Egito, pois, de início, ele não nutria nenhum propósito de fazer guerra à Grécia. Mas Mardônio, filho de Góbrias e de uma irmã de Dario, e, por conseguinte, primo-irmão de Xerxes, sendo, de todos os Persas, o que maior ascendência tinha sobre este, falou-lhe nestes termos: "Senhor, não é razoável deixardes impunes os insultos que nos dirigiram os Atenienses. Levai avante, como desejais, o empreendimento que tendes em mão, mas, logo que tiverdes punido a insolência dos Egípcios, voltai o vosso poderio contra a Grécia. Com isso conquistareis a celebridade, e ninguém mais ousará, daí por diante, penetrar nos vossos Estados de armas na mão". A esses motivos de vingança, Mardônio acrescentou o fato de ser a Europa um belo país, de terras extremamente férteis, produzindo todas as espécies de árvores frutíferas, e de que somente ele, Xerxes, merecia ser possuidor.

6 — Mardônio assim agia levado pela sede de aventuras e porque cobiçava o governo da Grécia. Conseguiu, realmente, com o concurso de outras circunstâncias, persuadir Xerxes a realizar essa empresa. Da Tessália vieram embaixadores a mando dos Aleuades, soberanos dessa região, especialmente para incitá-lo contra a Grécia, sendo secundados nos seus esforços pelos partidários de Pisístrato que foram ter a Susa, levando em sua companhia Onomácrites, célebre adivinho, que havia reunido todos os oráculos de Museia. Onomácrites tinha sido expulso de Atenas por Hiparco, filho de Pisístrato, por haver vaticinado, com base num oráculo de Museia, a submersão das ilhas vizinhas de Lemnos. Antes de irem a Susa, os partidários de Pisístrato reconciliaram-se com o adivinho. Chegando à presença do soberano persa, Onomácrites pôs-se a recitar-lhe os oráculos, silenciando sobre os que anunciavam alguma desgraça aos bárbaros, mas insistindo nos que prediziam acontecimentos felizes. Concluindo a apresentação dos oráculos, falou-lhe da passagem do exército persa pela Grécia, dizendo que estava escrito no livro do destino, que um persa ligaria, por meio de uma ponte, as duas margens do Helesponto.

7 — Deixando-se convencer pelas insinuações dos embaixadores dos Aleuades, dos partidários de Pisístrato e pelos oráculos apresentados por Onomácrites, Xerxes resolveu fazer guerra aos Gregos. Atacou primeiramente os Egípcios, no segundo ano da morte de Dario, e, derrotando-os, impôs-lhes um jugo mais severo do que o que haviam experimentado sob o reinado de seu pai, dando-lhes como governador Aquêmenes, seu irmão. Esse príncipe foi morto, pouco depois, por Inaros, filho de Psamético, rei da Líbia.

8 — Submetido o Egito, Xerxes preparou-se para marchar contra Atenas. Convocou os principais da Pérsia, para expor-lhes os seus planos e ouvir-lhes as sugestões. Quando os viu reunidos, assim lhes falou: "Persas, não pretendo introduzir entre vós novos costumes, mas seguir aqueles que nos foram transmitidos pelos nossos ancestrais. Desde que Ciro arrebatou a coroa a Astíages, e desde que arrebatamos este império aos Medos, jamais ficamos inativos, como nos

asseguraram nossos avós. Um deus nos conduz, e sob seus auspícios marchamos de vitória em vitória. Considero desnecessário falar-vos das façanhas de Ciro, de Cambises e de Dario, meu pai, bem como das províncias que acrescentaram ao nosso império; pois já estais perfeitamente a par de tudo isso. Quanto a mim, desde o momento que subi ao trono, cioso de não desmentir o sangue dos meus ancestrais, vivo a cogitar de como poderei dar aos Persas um poderio não menos considerável que aquele que me foi legado. Depois de muito refletir, cheguei à conclusão de que poderemos engrandecer mais e mais o nosso nome, conquistando um país em nada inferior ao nosso e até mesmo mais fértil, tendo, ao mesmo tempo, a satisfação de punir aqueles que nos injuriaram. Eu vos convoquei para fazer-vos conhecedores das minhas intenções. Pretendo, depois de haver construído uma ponte sobre o Helesponto, passar para a Europa e dirigir-me à Grécia, a fim de vingar meu pai e meu povo dos insultos dos Atenienses. Não ignorais que Dario tinha o firme propósito de marchar contra esse povo; mas a morte não lhe permitiu realizar seu intento. Cabe a mim vingar meu pai e os Persas, e não descansarei enquanto não me apoderar de Atenas e reduzi-la a cinzas. Seus habitantes, vós o sabeis, iniciaram as hostilidades contra meu pai, primeiro, vindo a Sardes com Aristágoras de Mileto, nosso escravo, e pondo fogo aos templos e aos bosques sagrados; em seguida, tratando-vos da maneira de que deveis estar bem lembrados, quando fostes à Grécia sob o comando de Dátis e Artafernes. Tudo isso me anima e impele a fazer a guerra contra os Atenienses. Quanto mais reflito, mais vantagens vejo nessa expedição contra eles. Se viermos a subjugá-los e a seus vizinhos, os habitantes do país de Pélope o Frígio, a Pérsia não terá outros limites senão o céu, e o sol não iluminará país algum que não nos pertença. Percorrerei a Europa inteira, e, com o vosso concurso, tornarei toda a terra num só império. Vencidos os Gregos, não haverá mais, ao que me asseguram, nação alguma que possa resistir-nos. Assim, culpados ou não, todos serão igualmente submetidos ao nosso jugo. Conduzindo-vos com acerto e bravura, sereis merecedores da minha estima e gratidão. Reuni aqueles que estiverem dispostos a seguir-vos e vinde, sem demora, ao local que designarei. Àquele que ali chegar com as melhores tropas, darei o que mais for do seu agrado. Assim prometo e cumprirei. Para vos mostrar que não quero regular tudo pelas minhas próprias ideias e sentimentos, permito-vos resolver entre vós este assunto, expondo-me, em seguida, o vosso ponto de vista".

9 — Calando-se Xerxes, Mardônio tomou a palavra: "Senhor, sois o maior de todos os Persas, não só dentre os que já existiram, como dos que ainda estão para nascer. Atentei bem para as palavras sensatas que acabais de pronunciar, e estou convencido de que não permitireis que os Iônios da Europa, esse povo vil e desprezível, nos insulte impunemente. Se, com o propósito único de alargar as fronteiras do nosso império, submetemos os Sácios, os Indianos, os Etíopes e várias outras nações poderosas, que nenhum ato de hostilidade haviam cometido contra nós, como poderíamos deixar impune a insolência dos Gregos, que nos insultaram sem razão plausível? Que temos a temer? O número de suas tropas? Seus recursos econômicos? Não ignoramos nem a sua maneira de combater, nem a sua fraqueza, já subjugamos aqueles de seus filhos que habitam nosso país e que são conhecidos pelos nomes de Iônios, Eólios e Dórios. Conheço bem as forças dos Gregos; já as experimentei quando marchei contra eles por ordem de vosso pai. Penetrei na Macedônia, e pouco faltou para que eu chegasse até Atenas, sem que tivesse encontrado resistência. A ignorância e a estupidez dos Gregos não lhes permitem, ordinariamente, agir com prudência na guerra. Eles sempre escolhem, como campo de batalha, a planície mais nua e mais extensa. Assim, vencedores e vencidos sofrem as mais pesadas perdas. Quanto à sua maneira de tratar os vencidos, confesso que a ignoro.

"Uma vez que todos os Gregos falam a mesma língua, não deviam resolver as pendências que surgem entre eles por intermédio de arautos e embaixadores, não deviam experimentar outros meios, antes de chegarem às vias de fato? E se se torna necessário resolvê-las pelas armas, não deviam escolher um terreno mais propício à defesa para uns e para outros? Por causa desse costume de tentar a sorte das armas em campo aberto, os Gregos não ousaram oferecer-me combate quando cheguei até a Macedônia. Serão eles, por conseguinte, capazes de opor-se a vós, senhor, que ireis conduzindo as mais poderosas forças de terra e mar da Ásia? Não acredito que eles ousem oferecer-vos resistência. Se, entretanto, eu estiver enganado; se a sua insensatez levá-los a medir forças conosco, aprenderão que somos, de todos os homens, os mais bravos e os mais hábeis na arte da guerra. De uma maneira ou de outra, cabe-nos estar bem preparados para a empresa. Nada se realiza por si mesmo, e o sucesso é, geralmente, o preço de um grande esforço". Assim, Mardônio com sua habitual habilidade procurou atenuar o que podia haver de excessivamente duro no discurso que Xerxes proferira.

10 — Como os outros Persas guardassem silêncio, não ousando emitir uma opinião contrária, Artábano, filho de Histaspes, tio de Xerxes pelo lado paterno, manifestou-se nestes termos: "Senhor, quando, em um conselho, as ideias não são compartilhadas por todos, não se pode escolher a melhor; tem-se que confiar naquele que as expôs. Quando, porém, todos delas compartilham, escolhe-se a mais vantajosa, da mesma maneira por que se distingue o ouro puro: confrontando umas com as outras. Aconselhei o rei Dario, vosso pai e meu irmão, a não fazer guerra aos Citas, pois que nenhuma vantagem lhe adviria subjugando povos nômades, que nem cidades possuem. Dario, entretanto, levado pelo desejo de dominá-los, repeliu o meu conselho, e o resultado foi uma expedição malograda, da qual voltou sem suas melhores tropas. Por isso, senhor, já que vos dispondes a marchar contra homens mais bravos e mais adestrados que os Citas, é justo que eu vos advirta dos perigos que ides correr.

"Dizeis que, depois de haver lançado uma ponte sobre o Helesponto, passareis para a Europa com o vosso exército para ir ter à Grécia. Pode bem acontecer sermos batidos em terra ou no mar, ou tanto num como noutro, pois esse povo tem fama de bravo, fama essa que não parece sem fundamento, uma vez que os Atenienses sozinhos derrotaram o poderoso exército que penetrou na Ática sob o comando de Dátis e Artafernes. Mas, suponhamos que eles não consigam bater-nos em terra e no mar a um só tempo; se nos oferecerem combate naval e, depois de haver-nos derrotado, destruírem a ponte sobre o Helesponto, encontrar-nos-emos, então, senhor, em grande perigo.

"Essas minhas conjecturas não estão baseadas na minha simples prudência, mas na terrível experiência por que passamos quando o rei, vosso pai, tendo mandado lançar uma ponte sobre o Bósforo da Trácia e outra sobre o Íster, passou para a Cítia. Então os Citas tudo fizeram para que os Iônios, a quem havia sido confiada a guarda da ponte, a destruíssem, e se, nessa ocasião, Histeu, tirano de Mileto, não fosse de parecer contrário ao dos outros tiranos, que não seria feito dos Persas e do Império? Trememos só ao pensar que a sorte do rei dependeu de um único homem.

"Convém, pois, senhor, que reflitais sobre os azares da guerra, antes de expor-vos a tão grandes perigos, que reputo absolutamente desnecessários. Segui os meus conselhos, dissolvei esta assembleia; fazei novas e maduras reflexões, e quando julgardes oportuno, dai as ordens que vos parecerem mais acertadas. Considero mais proveitosas as deliberações tomadas depois de prolongadas conjecturas, pois, mesmo que os resultados não correspondam à nossa expectativa, resta-nos a satisfação de havermos decidido com sabedoria; a falta de sorte é que terá suplantado a

nossa prudência. Quando tomamos uma decisão apressada, mesmo que a fortuna nos favoreça, o sucesso não impede de pensarmos que agimos perigosa e inconsideradamente.

"Não vedes que Deus lança o raio sobre os animais mais fortes, exterminando-os, poupando os pequenos e mais fracos? Não vedes que a faísca mortífera cai sempre sobre os edifícios mais altos e sobre as árvores de maior porte? Sabeis por quê? Porque Deus se compraz em fazer baixar tudo que se eleva. Assim, também, um grande e poderoso exército é, muitas vezes, destroçado por outro pequeno, e isso pela vontade de Deus, que não permite que simples mortais se elevem e se glorifiquem tanto quanto Ele próprio. A precipitação acarreta erros que ocasionam desgraças irreparáveis. A ponderação, ao contrário, traz-nos sempre vantagens. Se não as percebemos imediatamente, viremos a reconhecê-las com o tempo.

"São esses, senhor, os conselhos que tomo a liberdade de vos dar. Quanto a ti, Mardônio, filho de Góbrias, não tires deduções apressadas e talvez falhas sobre os Gregos, que não merecem que deles se fale com desprezo. Caluniando-os, incitas o rei a marchar em pessoa contra esses povos. Eu te exorto, em nome dos deuses, a que não te entregues à calúnia, o mais odioso de todos os vícios e uma injustiça que se pratica contra um semelhante. O caluniador viola todas as regras da equidade quando aquele a quem acusa está ausente. Não menos culpado é o que lhe dá fé antes de estar bem informado sobre o caso. O ausente, enfim, recebe uma dupla injúria, ao ser pintado com cores falsas por um e aceito sob esse aspecto por outro.

"Se, todavia, é forçoso fazer-se guerra aos Gregos, que o rei, pelo menos, permaneça na Pérsia, e que os nossos filhos respondam perante ele pelos nossos conselhos. Quanto a ti, Mardônio, leva contigo as melhores tropas e o maior número de soldados possível; coloca-te à testa da empresa, e se alcançares os sucessos que prometes ao rei, que me tirem a vida a mim e a meus filhos. Se acontecer o que prevejo, que a punição recaia sobre os teus e sobre ti também, caso voltes da expedição. Se não queres aceitar essas condições e teimas em marchar contra a Grécia, asseguro-te que os que aqui ficarem saberão que Mardônio, depois de pôr em jogo a segurança dos Persas, foi servir de pasto aos cães e aos pássaros nas terras dos Atenienses ou nas dos Lacedemônios, a menos que essa desgraça não lhe suceda em caminho, mostrando ao rei que espécie de homens o persuadem a fazer a guerra".

11 — Esse discurso de Artábano encheu Xerxes de furor. "Se não fosses irmão de meu pai — disse ele —, receberias o merecido castigo pelas tuas palavras insensatas; mas como és um covarde, um homem sem brio, punir-te-ei de outra maneira: não irás comigo à Grécia; ficarás aqui com as mulheres. Executarei, mesmo sem ti, todos os meus planos. Que não me considerem mais filho de Dario, que contava entre seus ancestrais Histaspes, Arsames, Armnes, Teispes, Ciro, Cambises e Aquêmenes, se eu não me vingar dos Atenienses. Sei muito bem que se não os atacarmos seremos, mais cedo ou mais tarde, por eles atacados, como é fácil deduzir pelas suas façanhas anteriores, pelo incêndio de Sardes e pelas tropelias que já fizeram na Ásia. Não podemos mais, nem nós nem eles, recuar, ou iremos sobre eles, ou eles virão sobre nós; ou as nossas terras passarão para o domínio dos Gregos, ou toda a Grécia para o nosso. Não há meio termo; a inimizade que reina entre as duas nações não o permite. Convém vingar as injúrias que esses povos nos fizeram em primeiro lugar, a fim de que eu possa julgar do perigo oferecido por uma nação subjugada por Pélope o Frígio, escravo dos meus ancestrais".

12 — Foram essas as palavras de Xerxes encerrando aquela movimentada assembleia. Ao chegar a noite, porém, Xerxes, já mais calmo e mais senhor de si, pôs-se a refletir sobre as advertências feitas por Artábano, chegando à conclusão de que não seria, realmente, vantajoso realizar uma expedição contra a Grécia. Assim conjecturando, adormeceu, e em sonhos julgou ver, segundo contam os Persas, um homem de grande estatura e de belas feições, que lhe dizia o seguinte: "Então, rei da Pérsia, já não queres fazer guerra à Grécia, depois de haveres ordenado a mobilização de um grande exército? Não procedes com acerto, mudando assim de resolução; ninguém aprovará tua conduta. Se queres confiar em mim, segue o caminho que traçaste durante o dia". Ditas essas palavras, a visão desapareceu como que voando.

13 — No dia seguinte, Xerxes, sem dar nenhuma importância a esse sonho, convocou as mesmas pessoas que reunira na véspera, e falou-lhes nos seguintes termos: "Peço que me perdoem se mudo de resolução. Ainda não atingi esse grau de prudência a que devo algum dia chegar. Aliás, sentia o espírito um tanto perturbado ante as contínuas exortações que me faziam para levar a cabo a empresa que ontem discutimos aqui; e quando ouvi a sugestão de Artábano, deixei-me de tal maneira levar pelos ímpetos da mocidade, que cheguei a falar de maneira pouco conveniente com uma pessoa que pela sua idade é merecedora de toda consideração. Reconheço agora a minha falta e decidi seguir os seus conselhos. Ficai tranquilos; renuncio a fazer guerra à Grécia".

14 — Arrebatados com essa declaração, os Persas presentes prosternaram-se diante do rei. Na noite seguinte, a mesma visão apresentou-se novamente em sonhos a Xerxes, dizendo-lhe: "Filho de Dario, renunciaste, perante a assembleia dos Persas, à expedição contra a Grécia, sem nenhuma atenção à sugestão que te fiz, como se não a tivesses compreendido. Advirto-te que, se não te pões imediatamente em marcha, sofrerás as consequências da tua obstinação: de grande e poderoso que te tornaste em pouco tempo, também em pouco tempo te tomaras pequeno e humilde".

15 — Aterrorizado com essa visão, Xerxes saltou do leito e mandou chamar Artábano. "Artábano — disse-lhe, assim que o viu chegar —, não estava no meu bom senso quando retruquei aos teus conselhos com palavras injuriosas; mas, logo me arrependi e reconheci que tinhas razão. Não posso, entretanto, embora seja esse o meu desejo, renunciar ao meu propósito, e digo-te por que: Quando já tinha mudado de resolução, apareceu-me, em sonho, uma visão insinuando-me que devia levar avante a minha ideia e fazendo-me terríveis ameaças caso eu voltasse atrás. Se é um deus quem ma envia, desejando decididamente que eu faça guerra à Grécia, acredito que ela te aparecerá também, sugerindo-te o mesmo que a mim, se envergares os meus trajes reais e, depois de haveres sentado no trono, deitares no meu leito".

16 — A princípio, Artábano negou-se a aceitar o convite, porque não se julgava digno de sentar-se no trono real, mas, ante a insistência do soberano, acabou acedendo, depois de haver-lhe falado desta maneira: "Grande rei, considero tão glorioso seguir um bom conselho, como tê-lo dado. Reconheço a vossa grandeza e a vossa magnanimidade, que a companhia dos maus ameaça prejudicar. A vós pode-se bem aplicar o que se diz do mar: Nada mais útil aos homens do que o oceano; mas o sopro impetuoso dos ventos agita-o, tirando-lhe a calma natural. Quanto às vossas palavras, que vós mesmo reputais de injuriosas, senti-as menos do que ver que de dois conselhos, um tendente a aumentar a insolência dos Persas, e o outro a reprimi-la, mostrando como é perigoso aos homens não imporem limites aos seus desejos, escolhestes o mais perigoso para vós e para a nação. Agora, quando já tínheis reconsiderado a vossa atitude e optado pelo melhor partido, renunciando à

expedição contra a Grécia, dizeis que uma visão enviada por um deus vos proíbe de desmobilizar o exército que levantastes. Tais sonhos, senhor, nada encerram de divino; ocorrem por acaso e provêm de objetos e coisas em que concentramos o pensamento durante o dia. Ora, como sabeis, no dia anterior, a expedição à Grécia foi assunto bastante debatido no conselho. Se, porém, esse sonho encerra, como dizeis, algo de divino, é, com efeito, provável que a visão se apresente a mim, revestido como estarei nas vossas vestes reais, ordenando-me o mesmo que ordenou a vós. Convém, todavia, observar que, se ela quiser revelar-se mais uma vez, logo perceberá, embora eu esteja em vossas vestes, que não sou o rei. Se pelo simples fato de eu envergar os vossos trajes, ela se revelar a mim, tomando-me por vós, então é porque nada encerra de divino. Se, ao contrário, apresentar-se unicamente a vós, será porque há nela, realmente, um desígnio superior. Em todo caso, estou pronto a obedecer às vossas ordens, deitando-me no vosso leito; mas, enquanto essa visão não se revelar a mim, manterei minha opinião a respeito".

17 — Depois de haver assim falado, Artábano, esperando poder provar a Xerxes que o sonho nada significava, fez o que ele lhe havia ordenado. Vestiu seus trajes reais, sentou-se no trono e depois recolheu-se ao leito. Logo que adormeceu, surgiu-lhe em sonho a mesma visão que se apresentara a Xerxes, dirigindo-lhe estas palavras: "Então és tu quem procura demover Xerxes da sua expedição contra a Grécia, como se pudesses dirigir as suas ações? És tu quem se opõe ao destino? Pois bem, serás, por isso, punido no presente e no futuro. Quanto a Xerxes, já lhe fiz ver as desgraças a que estará sujeito se desobedecer".

18 — Tais as ameaças que Artábano julgou ouvir. Pareceu-lhe também que a visão queria queimar-lhe os olhos com um ferro em brasa. Despertando num grito, saltou do leito e foi à procura de Xerxes, relatando-lhe o acontecido. "Como já vi, senhor — falou ele, depois de fazê-lo ciente da visão que tivera —, nações poderosas serem destruídas por outras muito inferiores, procurei dissuadir-vos da empresa que tínheis em mente realizar e evitar que vos abandonásseis ao ardor da vossa mocidade, pois sei o quanto é perigoso nutrir desejos demasiadamente ambiciosos. Lembrando-vos o destino da expedição de Ciro contra os Masságetas; da de Cambises contra os Etíopes, e da de Dario contra os Citas, da qual ele fazia parte, desejava apenas poupar-vos algum desgosto promovendo essa guerra, contribuindo, assim, para a vossa tranquilidade e felicidade. Mas, já que os próprios deuses vos incitam a essa empresa, parecendo ameaçar os Gregos com uma grande desgraça, dou-me por vencido e mudo de opinião. Comunicai aos Persas a visão que os deuses vos enviaram e dizei-lhes que, em vista do ocorrido, devem continuar os preparativos necessários para a expedição. Quanto a vós, senhor, conduzi-vos com prudência, para que a ajuda dos deuses não vos falte em nada que fizerdes".

Encorajado com a visão que se lhe revelara tão insistentemente, Xerxes, logo ao amanhecer, pôs os Persas a par de tudo, e Artábano, o único que se mostrara contrário à ideia da expedição, agora era o primeiro a estimulá-lo a realizá-la.

19 — Enquanto Xerxes se preparava para marchar contra os Gregos, teve, durante o sono, uma terceira visão. Pareceu-lhe ter a fronte cingida por um ramo de oliveira, que, espalhando-se, cobria toda a terra. Comunicando o sonho aos magos, estes disseram-lhe que tal visão significava que todos os homens sobre a terra ficariam submetidos ao seu domínio. Logo após a interpretação desse sonho pelos magos, os Persas que haviam tomado parte no conselho reassumiram seus postos e puseram-se a executar, com todo ardor, as ordens do soberano, para receberem as recompensas prometidas.

20 — Xerxes realizou, então, o levantamento de tropas, buscando-as por todo o continente, e, submetido o Egito, levou quatro anos a armazenar provisões. Concluídos os preparativos, pôs-se em marcha, no quinto ano, à frente de poderosas forças. De todas as expedições de que temos conhecimento, foi essa, sem dúvida, a maior e a mais bem organizada, a ela não se podendo comparar nem a de Dario contra os Citas, nem a dos Citas, que, perseguindo os Cimérios, penetraram na Média e subjugaram quase toda a Ásia Superior, o que levou Dario, pouco mais tarde, a vingar-se deles. O mesmo podemos dizer da expedição dos Atridas contra Troia e da dos Mísios e dos Teucros, que, antes da guerra de Troia, transpuseram o Bósforo para lançar-se sobre a Europa. Tendo subjugado todos os Trácios, desceram em direção ao mar Iônio, avançando para o sul, até Peneu.

21 — Essas expedições e todas as outras de que não fiz menção não podem, como disse, comparar-se com a de Xerxes. Realmente, que nação da Ásia não arrastou ele contra a Grécia, que rios não esgotou ele formando provisões de água para suas tropas, com exceção das grandes e caudalosas correntes d'água? Entre os povos mobilizados para essa guerra, uns forneceram navios; outros tropas de infantaria; outros cavalaria; estes, navios de transporte para os cavalos e tropas; aqueles, navios longos para o lançamento de pontes; outros, enfim, forneceram víveres e barcos para transportá-los. Os preparativos incluíram a perfuração do monte Atos, que, na expedição anterior, havia causado a perda da maior parte das unidades da frota persa, sacrificando grande número de vidas. Trabalhou-se ali durante três anos. Dos trirremes fundeados na enseada de Eleunte partiam destacamentos de todos os corpos do exército, os quais eram obrigados, a chicotadas, a perfurar o monte, revezando-se as turmas para apressar a tarefa. Os habitantes desse monte também ajudaram nos trabalhos de perfuração, que eram dirigidos por Bubares, filho de Megabizo, e Artaqueu, filho de Astreu, ambos persas de nascimento.

22 — O monte Atos é uma vasta e famosa montanha, bastante habitada, que avança para o mar e termina no lado do continente, formando uma península, cujo istmo mede cerca de dez estádios. Nesse ponto estende-se uma planície pontilhada de pequenas colinas que vão do mar dos Acântios até o de Torone, situado em frente. No istmo, onde termina o monte Atos, ergue-se uma cidade grega denominada Sanos. Aquém dessa cidade e em volta do monte encontram-se as de Dio, Olofixo, Arcrotoon, Tissos e Cleonas.

23 — Vejamos como foi feita a perfuração dessa montanha. Traçou-se primeiramente uma linha reta até a cidade de Sanos, dividindo-se o terreno por nações. Quando o canal chegou a uma certa profundidade, enquanto uns continuavam a cavá-lo, outros iam entregando a terra solta aos que achavam nas escadas construídas para esse fim; estes passavam-na de mão em mão, até fazê-la chegar aos que se encontravam no alto, que então a levavam para longe dali. As bordas do canal ficaram abauladas, exceto na parte confiada aos Fenícios, dando aos homens duplo trabalho para nivelá-las. Isso tinha, fatalmente, de acontecer, porque o canal não tinha declive, apresentando, em cima e em baixo, a mesma largura. Foi aí que os trabalhadores fenícios revelaram todo o seu talento em se tratando de escavações. Para cavar a parte que lhes fora confiada, fizeram uma abertura bem maior do que a largura que o canal deveria ter, e, à medida que cavavam, iam estreitando-a, de sorte que o fundo acabou igual ao das partes confiadas às outras nações. Havia nas imediações um prado, onde eles instalaram um mercado, para onde transportaram uma grande quantidade de farinha vinda da Ásia.

24 — Acho que Xerxes mandou rasgar esse canal no monte Atos por uma questão de orgulho, a fim de dar uma demonstração do seu poder e legar um monumento à posteridade. Poder-se-ia levar, sem dificuldade alguma, os navios de um mar para o outro, através do istmo; mas ele preferiu abrir um canal comunicando-se com o mar, e bastante largo, de modo a poderem dois trirremes por ele navegar ao mesmo tempo. As tropas encarregadas de abri-lo tinham também ordem de construir uma ponte sobre o Estrímon.

25 — Para a construção dessa ponte, o soberano persa mandou preparar cordames de linho e de biblos. Dando ordens aos Fenícios e aos Egípcios para transportarem os víveres destinados ao exército, a fim de que as tropas e os animais de carga que ele conduzia à Grécia não viessem a sofrer fome, informou-se da situação dos países que contribuíam para essa expedição e fez transportar, de todos os recantos da Ásia, grandes quantidades de farinha em navios apropriados para a travessia, mandando depositá-la nos lugares mais cômodos, parte num sítio, parte noutro. A maior parte dessa farinha foi levada para a costa da Trácia e depositada num lugar chamado Leuce Acte. Levaram-na também para Tirodize, nas terras dos Períntios, para a Dórica, para Éjon, sobre o Estrímon, e para a Macedônia.

26 — Deixando uma pequena parte de seus comandados entregues a essa tarefa, Xerxes partiu com um poderoso exército de terra, de Critália, na Capadócia, onde se haviam concentrado, de acordo com as suas ordens, todas as tropas que deviam acompanhá-lo por terra, e marchou em direção a Sardes. Não sei dizer qual foi o general que recebeu a recompensa que ele prometera a quem lhe trouxesse as melhores tropas, e ignoro mesmo se se chegou a tratar disso.

As forças persas, tendo atravessado o Hális, penetraram na Frígia, e, atravessando esse país, chegaram a Celenas, onde se encontram as nascentes do Meandro e as de um outro rio não menos considerável, a que se dá o nome de Cataratas. O Cataratas nasce justamente na praça pública de Celenas e se lança no Meandro. Vê-se, na cidadela, a pele do sileno Mársias, ali colocada por Apolo em figura de um simples mortal, segundo dizem os Frígios, depois de havê-lo esfolado.

27 — Pítio, filho de Átis, lídio de nascimento, morava nessa cidade. Recebeu Xerxes e as suas tropas com toda pompa e cortesia, e ofereceu-lhe dinheiro para as despesas da guerra, tendo o soberano perguntado aos Persas que se achavam presentes quem era esse Pítio e quais as suas posses para fazer-lhe tal oferecimento. "Senhor — respondeu um dos interrogados —, esse homem é o mesmo que fez presente a Dario, vosso pai, de um plátano e de uma vinha de ouro. É, depois de vós, o homem mais rico de que já tivemos conhecimento".

28 — Surpreso com estas últimas palavras, Xerxes foi, ele próprio, inquirir Pítio sobre as suas riquezas. "Não pretendo ocultar-vos, grande rei, o montante das minhas riquezas. Dir-vos-ei com toda a franqueza. Ao saber da vossa vinda e tendo a intenção de vos oferecer dinheiro para a expedição, calculei as minhas riquezas e vi que possuía dois mil talentos de prata e quatro milhões de estáteres dáricos em ouro, menos sete mil. Ofereço-vos todo esse dinheiro, reservando para mim apenas os meus escravos e as minhas terras, que bastam para a minha subsistência".

29 — Xerxes, encantado com a oferta, disse-lhe: "Meu hospedeiro, desde a minha partida da Pérsia ainda não havia encontrado ninguém que quisesse dar acolhida às minhas tropas ou oferecer-me qualquer soma para cobrir as despesas com a expedição. Tu, porém, não contente de receber a mim e ao meu exército com cortesia e prodigalidade, ainda me fazes essa generosa oferta. Aceita,

pois, em troca, a minha amizade; e, para que nada falte aos teus quatro milhões, dou-te os sete mil estáteres que não possuís, e a tua conta ficará redonda. Goza, tu sozinho, dos bens que adquiriste e procura ser sempre assim, como te mostraste para comigo; nunca haverás de arrepender-te, nem no presente nem no futuro".

30 — Cumprindo a promessa de completar a soma declarada por Pítio, o soberano pôs-se em marcha, passando perto de Anava, cidade da Frígia, e de um lago de onde se extrai sal, e chegou a Colossos, outra grande cidade da Frígia, onde o Lico desaparece, precipitando-se num abismo, indo reaparecer mais adiante, para lançar-se no Meandro. Deixando Colossos, o exército atingiu Cidrara, na fronteira da Frígia com a Lídia, onde uma inscrição gravada numa coluna erguida por ordem de Creso indicava os limites dos dois países.

31 — Deixando a Frígia, Xerxes entrou na Lídia, onde a estrada se divide em dois braços. Um deles, à esquerda, conduz à Cária, e o outro, à direita, a Sardes. Tomando-se este último, tem-se, necessariamente, de atravessar o Meandro e passar pela cidade de Calatebos, onde se fabrica mel com mírica e trigo. Tomando esse caminho, Xerxes encontrou um plátano que lhe pareceu tão belo, que mandou orná-lo com colares e braceletes de ouro, confiando a sua guarda a um imortal. Continuando a marcha, chegou, no dia seguinte, à cidade dos Lídios.

32 — Logo que chegou a Sardes, enviou arautos a toda a Grécia, exceto Atenas e a Lacedemônia, para pedirem terra e água e ordenarem o aprovisionamento da mesa do rei. Assim agiu por julgar que os que haviam outrora recusado terra e água a Dario não deixariam de satisfazer agora a ele, Xerxes, atemorizados que deviam estar com a sua marcha sobre a Grécia.

33 — Enquanto se preparava para prosseguir a marcha em direção a Abido, adiantavam-se os trabalhos de construção da ponte sobre o Helesponto, para a travessia da Ásia para a Europa. Do Quersoneso ao Helesponto, entre as cidades de Sesto e Mádito, estende-se uma costa escarpada, que se alonga para o mar diante de Abido. Foi ali que Xantipo, filho de Arífron, general dos Atenienses, capturou, pouco tempo depois, Artaictes, persa de nascimento e governador de Sardes, mandando crucificá-lo, por haver ele levado mulheres para o templo de Protesilau, em Eleunte, e ali cometido atos iníquos.

34 — Os encarregados da construção da ponte iniciaram-na do lado de Abido, estendendo-a até o trecho a que acabamos de nos referir. De Abido à costa oposta há uma distância de sete estádios. Enquanto os trabalhadores fenícios ligavam os navios com cordames de linho, para a formação da ponte, os Egípcios serviam-se, para o mesmo fim, de cordames de biblos. Aconteceu, porém, que, logo que a ponte foi dada por terminada, levantou-se uma terrível tempestade, rompendo os cordames e despedaçando os navios.

35 — Sabedor do ocorrido, Xerxes, indignado, mandou aplicar trezentas chicotadas no Helesponto e lançar ali um par de cadeias. Ouvi dizer que ele ordenou também aos executores que marcassem as águas com um ferro em brasa; mas o que é certo é que, juntamente com as chicotadas, ordenou a um dos executores que proferisse este discurso bárbaro e insensato: "Onda traiçoeira, teu senhor assim te pune porque o ofendeste sem que ele te houvesse dado motivo para isso. O rei Xerxes passará por ti, quer queiras, quer não. É com razão que ninguém te oferece sacrifícios, pois que és um rio traidor e vil". Depois de castigar assim o mar, fez cortar a cabeça dos que haviam dirigido a construção da ponte.

36 — Executada essa ação bárbara, encarregou outros da construção de uma nova ponte. Eis como procederam esses homens: Ligaram, de um lado, trezentos e sessenta navios de cinquenta remos e vários trirremes, e do outro, trezentos e quatorze. Os primeiros tinham os costados voltados para o Ponto Euxino, e os demais, do lado do Helesponto, resistiam à correnteza, mantendo os cordames bem estendidos. Dispostas assim as embarcações, lançaram grossas âncoras, parte do lado do Ponto Euxino, para resistir aos ventos que sopram desse mar, e parte do lado do ocidente e do mar Egeu, por causa dos ventos que sopram do sul e do sudoeste. Deixaram, em três pontos diferentes, uma passagem livre entre os navios de cinquenta remos, para as pequenas embarcações que quisessem entrar ou sair do Ponto Euxino. Terminado o trabalho, estenderam os cabos com auxílio das máquinas de madeira que se achavam em terra. Não se serviram de cordames simples, como os outros fizeram da primeira vez; trançaram os de linho branco, dois a dois, e os de biblos, quatro a quatro. Esses cabos eram todos da mesma espessura, mas os de linho eram mais fortes, pesando um talento por côvado. Estendidos os cabos, cortaram grossos pedaços de madeira, seguindo a largura projetada da ponte, e colocaram-nos, um ao lado do outro, sobre os referidos cabos. Uniram bem os pedaços de madeira, estendendo, em seguida, sobre os mesmos, as pranchas previamente preparadas, cobrindo-as com terra, que aplainaram. Feito isso, ergueram de cada lado uma barreira, a fim de que os cavalos e outros animais de carga não se assustassem ao verem o mar por baixo deles.

37 — Terminada a construção da ponte e dos diques na embocadura do canal aberto no monte Atos, destinados a impedir a obstrução da entrada pelo fluxo das águas, foi a notícia levada a Sardes, e Xerxes pôs-se novamente em marcha. Deixando aquela cidade no começo da Primavera, depois de haver passado ali todo o Inverno, tomou a estrada de Abido, com o seu exército em boa ordem. Já havia vencido uma boa parte do percurso, quando, de súbito, o sol desapareceu do céu, sereno e sem nuvens, e o dia cedeu lugar à noite. Inquieto ante esse fenômeno, o soberano consultou os magos sobre o significado do mesmo, respondendo eles que os deuses pressagiavam aos Gregos a destruição de suas cidades, pois que o sol anunciava o futuro da Grécia, e a lua o dos Persas. Satisfeito com a resposta, continuou a jornada.

38 — Nesse momento, o lídio Pítio, aterrorizado com o fenômeno, veio procurá-lo. Os presentes que havia feito ao soberano, e os que, em troca, dele recebera, encorajaram-no a falar-lhe desta maneira: “Senhor, eu desejava uma graça; dignar-vos-eis a conceder-ma? É pouco para vós e muito para mim”. Xerxes, esperando um pedido bem diferente do que lhe ia ser feito, prometeu satisfazê-lo no que desejasse. Pítio, cheio de confiança, continuou: “Grande rei, tenho cinco filhos, e a sorte quis que todos fossem chamados a fazer parte da vossa expedição contra a Grécia. Pensai, senhor, na minha velhice; não permiti que eu fique ao desamparo; deixai comigo pelo menos o primogênito, para que possa cuidar de mim e administrar os meus bens. Quanto aos outros, levai-os convosco, e possam eles voltar depois de haverdes conseguido a vitória, segundo os vossos desejos”.

39 — “És egoísta e mau — respondeu-lhe Xerxes, indignado —; eu próprio marcho contra a Grécia com meus filhos, meus irmãos, meus parentes, meus amigos; e tu ousas falar-me do teu filho, tu, meu escravo, que devias seguir-me com tua mulher e toda a tua criadagem. Convém que saibas que o espírito do homem reside nos ouvidos. Quando ele ouve coisas agradáveis, regozija-se, e a alegria se expande por todo o corpo; mas quando ouve coisas desagradáveis, irrita-se. Se a princípio

te conduziste bem; se teus oferecimentos foram altamente louváveis, não poderás, entretanto, vangloriar-te de haveres suplantado um rei em liberalidade. Assim, embora hoje te mostres pouco digno das tuas ações passadas, tratar-te-ei menos rigorosamente do que mereces. A hospitalidade que ofereceste a mim e aos meus salva a tua vida e a de quatro dos teus filhos; mas punir-te-ei com o sacrifício daquele que mais amas". Depois de assim falar, mandou procurar o filho mais velho de Pítio e cortar-lhe o corpo em duas partes, colocando uma metade à direita e a outra à esquerda do caminho por onde devia passar o exército.

40 — Executadas essas ordens, o exército passou entre as duas partes do corpo do filho de Pítio, as bagagens e os animais de carga em primeiro lugar, seguidos das tropas de todas as nações que tomavam parte na expedição. Essas tropas, em absoluta confusão, marchavam separadas do grosso do exército, onde se encontrava o soberano, estando dele separadas por um considerável intervalo. À frente do corpo principal do exército seguiam mil cavaleiros escolhidos entre todos os Persas, seguidos de mil infantes armados de lanças com as pontas para baixo, também tropa de elite como a que a antecedia. Vinham, em seguida, dez cavalos sagrados niseus, com soberbos arneses. Eram chamados niseus porque provinham da vasta planície de Niseia, na Média, que os produz da melhor qualidade. Logo a seguir vinha o carro sagrado de Júpiter, puxado por oito cavalos brancos, com um condutor segurando-lhes as rédeas. A ninguém era permitido subir nesse carro. Atrás dele vinha o de Xerxes, puxado por cavalos niseus, tendo ao lado o condutor, um persa de nome Patiranfes, filho de Otanes.

41 — Foi com suas tropas assim dispostas que Xerxes deixou Sardes. Quando lhe dava vontade, passava do seu carro para uma harmamaxe, sendo seguido por mil homens armados de lanças com a ponta para cima, segundo o costume. Os que compunham esse grupo eram escolhidos entre os mais nobres e os mais bravos da Pérsia. Atrás desse grupo vinham outros mil cavaleiros de elite, seguidos por dez mil infantes, escolhidos entre as outras classes persas. Mil desses homens levavam granadas de ouro em lugar de ferro no cabo da lança, formando no centro dos outros nove mil, que conduziam granadas de prata na ponta das suas lanças. Os que marchavam com as lanças voltadas para baixo levavam também granadas de ouro, mas os que vinham logo depois de Xerxes traziam pomos de ouro nas suas lanças. Esses dez mil homens eram seguidos de dez mil persas a cavalo, havendo, entre esse corpo de cavalaria e o resto das tropas que marchavam em confusão, um intervalo de dois estádios.

42 — Deixando a Lídia, o exército tomou a direção do Caíque, penetrou na Mísia e, deixando à esquerda o monte Cane, passou por Atárnea e dirigiu-se para a cidade de Carene. Dessa cidade, prosseguiu a marcha para a planície de Tebas, passou próximo a Adramíteo e Antandro, cidade pelásgica, e, deixando à esquerda o monte Ida, penetrou na Tróada, onde acampou com a chegada da noite. Sobrevindo uma grande tempestade, acompanhada de terríveis trovões e relâmpagos, que matou muitos dos seus componentes, o exército abandonou o local, indo acampar às margens do Escamandro. As águas desse riacho, o primeiro encontrado desde a partida de Sardes, não foram suficientes para matar a sede das tropas e dos animais de carga.

43 — Logo que chegou às margens do Escamandro, Xerxes subiu a Pérgamo de Príamo, que desejava muito ver. Depois de tê-la examinado e se inteirado das suas particularidades imolou ali mil bois a Minerva de Troia, e os magos fizeram libações em honra aos heróis do país. Depois disso, uma espécie de terror pânico manifestou-se no acampamento durante a noite, e Xerxes dali partiu ao

nascer do dia, tendo à esquerda as cidades de Reteu, Ofrínio e Dárdano, vizinha à de Abido, e à direita a dos Gergites-Teucros.

44 — Chegando a Abido, Xerxes desejou passar em revista todas as tropas. Para isso, os habitantes da cidade fizeram erguer sobre o outeiro uma grande plataforma de mármore branco, de acordo com as instruções que haviam recebido antes da chegada do soberano. Dali, lançando o olhar para as praias e para a paisagem imensa, Xerxes contemplou orgulhoso seus exércitos de terra e mar. Depois de haver gozado, durante algum tempo, desse soberbo espetáculo, manifestou o desejo de assistir a um combate naval, no que foi prontamente satisfeito. Do combate simulado saíram vencedores os Fenícios, mostrando-se o soberano encantado com o desenrolar da luta e com a demonstração de suas forças.

45 — Vendo o Helesponto coalhado de navios, e as praias e as planícies de Abido cheias de guerreiros, Xerxes felicitou-se pela sua boa sorte e sentiu-se tomado de intenso sentimento de felicidade; mas, logo em seguida, inexplicavelmente pôs-se a chorar.

46 — Artábano, seu tio pelo lado paterno, que havia procurado dissuadi-lo da ideia de uma guerra contra a Grécia, falando-lhe sem rodeios e com toda a franqueza sobre um tal empreendimento, vendo-o a chorar, a ele se dirigiu nestes termos: "Senhor, vossa conduta de agora é bem diferente da de há pouco. Há momentos, vós vos consideráveis feliz, e agora derramais lágrimas". "Quando refleti — volveu Xerxes — sobre a brevidade da vida humana e ao pensar que de tantos milhões de homens não restará um só dentro de cem anos, senti-me tomado de compaixão". "Experimentamos, no decurso de nossa vida — tornou Artábano —, coisas bem mais tristes do que o próprio sentimento da morte. Apesar da brevidade da vida humana, a que vos referistes, não há homem feliz, seja no meio dessa multidão, seja em todo o universo, ao qual não venha ao espírito, já não digo uma vez, mas frequentemente, o desejo de morrer. As vicissitudes por que passamos, as enfermidades que nos perturbam, fazem com que a vida nos pareça bem longa, por mais curta que ela seja. Numa existência tão infeliz, o homem vive a suspirar pela morte, encarando-a como um porto de salvação. Se temperamos a acridez de nossa vida com alguns prazeres, os deuses logo manifestam o seu ciúme".

47 — "Artábano — redarguiu Xerxes —, a vida humana é tal como a apresentas, mas ponhamos fim a tão tristes cogitações, quando a nossa sorte se mostra venturosa. Dize-me, a visão que tiveste não foi bastante clara? Serias ainda capaz de procurar dissuadir-me de levar a guerra à Grécia, ou mudaste realmente de opinião? Fala-me sem rodeios. "Senhor — replicou Artábano —, possa a visão que tivemos levar-nos à realização daquilo que ambos desejamos. Confesso-vos, todavia, que continuo bastante temeroso; que não me sinto senhor de mim quando, entre as coisas sobre que reflito, vejo duas da mais alta importância, que te são contrárias".

48 — "Quais essas duas coisas que, na tua opinião, me são contrárias? — interrogou Xerxes. — Será que julgas que o meu exército de terra não é suficientemente poderoso e que os Gregos poderão opor-nos um mais forte? Consideras a nossa frota inferior à deles? Se nossas tropas te parecem pouco consideráveis para a empresa, ainda há tempo para fazermos novos recrutamentos".

49 — "Senhor — obtemperou Artábano —, nenhum homem de senso seria capaz de julgar os vossos exércitos de terra e mar insuficientemente poderosos ou pouco adestrados para um tal empreendimento. Se fizerdes novos recrutamentos, as duas coisas de que vos falei ser-vos-ão ainda

mais contrárias. Essas duas coisas, senhor, são a terra e o mar. Com efeito, se se levanta uma tempestade, não há, como presumo, porto no mundo bastante vasto para abrigar vossa frota, colocando-a em segurança; e mesmo que houvesse um porto em tais condições, seria preciso que existissem outros com a mesma capacidade em todos os lugares aonde ireis. Ora, não existindo portos que satisfaçam essas condições, estaremos, senhor, à mercê de acontecimentos fortuitos, nos quais não podemos influir. Isso com relação ao mar, ao deslocamento da vossa frota. Quanto à terra, senhor, o problema que se nos oferece não é menos importante. Senão, vejamos: se ninguém se opuser às vossas conquistas, à medida que avançardes, ela se irá tornando insensivelmente, sem perceberdes, cada vez mais contrária aos vossos desígnios. Os homens nunca estão satisfeitos com os primeiros sucessos que obtêm; estão sempre sedentos em busca da glória. Assim, se não fordes detido na vossa marcha, a extensão do trajeto e o tempo que passa vos farão experimentar as agruras da fome. O homem prudente pensa sempre nas suas deliberações, as más circunstâncias que possam sobrevir nos seus empreendimentos, mas, no momento da execução, mostra-se ousado e intrépido".

50 — "Artábano — replicou Xerxes —, concordo com o que acabas de dizer, mas não devemos encarar todas as coisas com a mesma circunspecção. Se em todos os negócios fôssemos deliberar com o mesmo escrúpulo, nunca faríamos nada. É melhor proceder com ousadia, medir apenas a metade dos males possíveis, do que deixar-se dominar por temores prematuros, nada fazendo. Se combates todas as opiniões sem propor em seu lugar algo mais acertado, nada conseguirás sobre aquele que foi de opinião contrária à tua. Ora, ao homem nunca é dado acertar em todas as suas previsões. As pessoas ousadas geralmente obtêm sucesso em suas iniciativas, enquanto que as que agem com excesso de cautela raramente o conseguem. A que grau de poderio já não chegaram os Persas! Se os reis que me precederam houvessem pensado como tu, ou tivessem conselheiros que assim pensassem, não veríamos agora, como vemos, o nosso povo elevado às culminâncias da glória. Foi enfrentando os perigos e os azares da guerra que eles estenderam as fronteiras do império; pois o triunfo, nas grandes empresas, só se conquista enfrentando o perigo. Ciosos das nossas tradições de conquista e desejosos de ombrear com os nossos antepassados, lançamo-nos a mais uma campanha, na mais bela estação do ano, e, depois de havermos subjugado a Europa inteira, voltaremos à Pérsia, sem havermos experimentado a fome nem qualquer outra desgraça. Trouxemos conosco víveres em quantidade suficiente para levarmos a bom termo o nosso empreendimento, e, como todas as nações que faremos experimentar o nosso poderio cultivam a terra e não são nômades, havemos de encontrar muito trigo para dele nos apropriarmos".

51 — "Já que achais, senhor — volveu Artábano —, que nada temos a temer, permiti ainda um conselho. Quando se tem muito que dizer, é preciso falar muito. Ciro, filho de Cambises, subjugou toda a Iônia, com exceção de Atenas, e tornou-a tributária dos Persas. Eu vos aconselho, pois, a não lançar os Iônios contra os seus ascendentes. Não necessitamos deles para sermos superiores aos nossos inimigos. Pode-se dizer dos que nos acompanham, que é preciso que sejam os mais injustos dos homens, para tomarem parte numa empresa que visa submeter sua própria pátria. O mais certo é que ajudem a mantê-la livre. Refleti, senhor, na justeza desta velha sentença: Ao iniciarmos uma empresa, geralmente ignoramos as consequências que poderão advir".

52 — "Artábano — redarguiu Xerxes —, são errôneas as tuas impressões, principalmente no que diz respeito ao procedimento dos Iônios que conosco colaboram. Temos prova da fidelidade deles. Tu mesmo foste testemunha disso, bem como todos os que tomaram parte na expedição de

Dario contra os Citas. Dependia deles a salvação ou a desgraça das nossas tropas, e eles se mantiveram fiéis e solidários conosco, auxiliando-nos em vez de prejudicar-nos. Aliás, não devo recear nenhuma sortida da parte de um povo que deixou como garantia, nos meus Estados, seus bens, suas mulheres e seus filhos. Fica, pois, tranquilo; enche-te de coragem; vela pela conservação da minha casa e do meu império; é a ti, a ti somente que confio o meu cetro".

53 — Depois dessa palestra, Xerxes enviou Artábano de volta a Susa e fez vir à sua presença os mais ilustres dentre os Persas. Quando os viu reunidos diante de si, assim lhes falou: "Persas, eu vos convoquei para vos exortar a conduzir-vos como homens de coragem e a não deslustrar as tradições e os empreendimentos dos nossos antepassados. Que todos em geral e cada um em particular demonstrem igual ardor e alto espírito de luta. Trabalhai com zelo pelo interesse comum, aplicando toda a vossa capacidade na guerra que vamos travar com povos, segundo me informaram, muito belicosos. Se os batermos nos primeiros encontros, não encontraremos mais resistência em parte alguma. Passemos, pois, para a Europa, depois de endereçarmos nossas preces aos deuses tutelares da Pérsia".

54 — Nesse mesmo dia os Persas se prepararam para ganhar o outro continente. Na manhã do dia seguinte, enquanto aguardavam o levantar do sol queimaram sobre a ponte toda espécie de essências aromáticas, juncando o caminho de mirto. Logo que o sol apareceu, Xerxes, empunhando uma taça de ouro, fez libações no mar, rogando ao astro-rei para afastar os obstáculos que pudessem impedi-lo de subjugar a Europa. Terminada a prece, lançou a taça no Helesponto, juntamente com uma cratera de ouro e um sabre de um tipo usado na Pérsia e denominado *acinaces*. Não posso afirmar se, lançando esses objetos ao mar, ele prestava uma homenagem ao sol, ou se, arrependido de haver fustigado o Helesponto, procurava apaziguá-lo com tais oferendas.

55 — Terminada a cerimônia, iniciou-se a travessia da ponte, passando a cavalaria e a infantaria do lado do Ponto Euxino, e do lado do mar Egeu os animais de carga e os servos. Os dez mil persas iam na frente, tendo todos uma coroa na cabeça. Logo atrás seguiam os corpos de tropas compostos de soldados de todas as nações. Com a chegada da noite, foi interrompido o movimento das forças através da ponte.

No dia seguinte, foi concluída a travessia, passando em primeiro lugar os cavaleiros que levavam suas lanças com a ponta voltada para baixo, tendo também uma coroa na cabeça. Vinham, em seguida, os cavalos e o carro sagrado, e logo atrás o próprio Xerxes, os lanceiros e o grupo de mil cavaleiros, seguidos pelo resto do exército. Enquanto isso, os navios dirigiam-se para a margem oposta. Segundo ouvi dizer, o soberano foi o último a passar.

56 — Atingindo o continente, Xerxes assistiu ao desfile de suas tropas, que marchavam sob golpes de chicote. Esse espetáculo durou sete dias e sete noites sem interrupção. Conta-se que, quando o soberano atravessou o Helesponto, um habitante do litoral exclamou: "Oh Júpiter! Por que, sob a forma de um persa e sob o nome de Xerxes, arrastais convosco tantos homens para destruir a Grécia? Ser-vos-ia fácil fazê-lo sem o concurso deles".

57 — Quando terminou o desfile das tropas, verificou-se um fenômeno, a que Xerxes não deu nenhuma importância: uma égua deu à luz uma lebre. Isso queria significar que o soberano levaria à Grécia, com muito fausto e ostentação, um exército numeroso, mas que voltaria ao ponto de partida, forçado que seria, por motivo de saúde, a bater em retirada. Quando ele ainda se encontrava em

Sardes, verificara-se um fenômeno semelhante: uma mula gerou um potro que trazia as partes que caracterizam os dois sexos, estando as do macho por cima.

58 — Xerxes, sem dar atenção a esse segundo fenômeno, como não dera ao primeiro, pôs-se em marcha com o exército de terra, enquanto a frota zarpava do Helesponto e contornava a costa, seguindo uma rota oposta à do exército, isto é, velejando para o Poente, em demanda do promontório de Sarpédon, onde tinha ordem de estagiar. O exército de terra, ao contrário, tomando a direção do Levante em rota para o Quersoneso, atravessou a cidade de Ágora, deixando, à direita, o túmulo de Heleia, filha de Atamas, e à esquerda, a cidade de Cárdia. Dali, contornando o golfo Melas, atravessou o rio do mesmo nome, cujas águas foram esgotadas pelas tropas, não bastando para matar a sede de todos. Transpondo esse rio, o exército voltou-se para o ocidente, passou ao longo de Enos, cidade eólia, e do lago Estentóris, chegando finalmente a Dorisco.

59 — Dorisco é o nome dado a uma grande planície da Trácia, banhada pelo Ebro, rio bastante considerável. Ali foi construído um castelo real denominado Dorisco, onde os Persas mantêm uma guarnição desde a época da expedição de Dario contra os Citas. Como o local parecesse a Xerxes apropriado para dispor as tropas e passá-las em revista, deu ordens nesse sentido. Tendo todos os navios chegado à costa de Dorisco, os comandantes colocaram-nos, a mando do soberano, na margem que toca o castelo, onde se encontram Sala, cidade dos Samotrácios, e Zona, bem na extremidade de um promontório chamado Sérrio. Essa região pertencia outrora aos Cícones.

60 — Ignoro o número exato de tropas que cada nação forneceu a Xerxes, mas, ao que se afirma, o exército de terra somava um milhão e setecentos mil homens. Eis como foi feita a contagem das tropas concentradas no local. Reunindo um corpo de dez mil homens em determinado espaço e juntando-o o máximo possível, traçaram um círculo em torno. Em seguida, fizeram sair dali esse corpo de tropas e ergueram em torno do círculo um muro à altura do umbigo. Isso feito, mandaram entrar outras tropas no local já murado, e depois outras e outras mais, calculando, por esse processo, o seu número. Feita a contagem, dispuseram-nas por ordem de nações.

61 — Vejamos as tropas que participavam dessa expedição. Primeiramente, os Persas, que usavam bonés de feltro, bem forrados, a que davam o nome de tiaras, túnicas de várias cores, guarnecidas de punhos; couraças de ferro com incrustações imitando escamas de peixe, e longos calções que lhes cobriam os joelhos. Levavam uma espécie de escudo chamado *gerres*, com um arnês por baixo, dardos muito curtos, arcos de grande tamanho, flechas de bambu e um punhal suspenso à cintura, caindo sobre a coxa direita. Eram eles comandados por Otanes, pai de Améstris, mulher de Xerxes. Os Gregos davam-lhes, outrora, o nome de Cefenes, e seus vizinhos, o de Arteus. Perseu, filho de Júpiter e de Daneia, tendo ido à casa de Cefeu, filho de Belo, enamorou-se de Andrômeda, filha deste último, e desposou-a, tendo dela um filho que recebeu o nome de Perses. A criança permaneceu na companhia de Cefeu, e como este não tinha filhos varões, toda a nação tomou de Perses o nome que hoje possui.

62 — Os Medos marchavam vestidos e armados da mesma maneira. Essa maneira de trajar-se e armar-se era, aliás, própria dos Medos e não dos Persas. As tropas medas eram dirigidas por Tigranes, da dinastia dos Aquemênidas. Os Medos eram, outrora, conhecidos por todos os outros povos pela designação de Ários; mas, tendo Medeu de Colcos passado de Atenas para o país que habitavam, trocaram de nome, passando a chamar-se Medos. Os Cícios estavam também trajados e

armados como os Persas, mas, em lugar de tiaras, traziam mitras. Comandava-os Ánafes, filho de Otanes. Os Hircânios estavam armados como os Persas e tinham como comandante Megapanes, que veio a tornar-se governador da Babilônia.

63 — As tropas assírias usavam capacetes de bronze, trabalhados de uma maneira difícil de descrever. Seus escudos, dardos e punhais assemelhavam-se bastante aos dos Egípcios. Além dessas armas, levavam maças de madeira eriçadas de nós de ferro e couraças de linho. Os Gregos davam aos Assírios o nome de Sírios, e os bárbaros o de Assírios. Os Caldeus compunham com as tropas assírias o mesmo corpo de exército. Uns e outros eram comandados por Otaspes, filho de Artaqueu.

64 — Os capacetes dos Báctrios assemelhavam-se muito aos dos Medos. Seus arcos eram de bambu, à moda de seu país, e os dardos muito curtos. Os Sácios, Citas de origem, usavam bonés forrados terminando em ponta, calções, arcos à moda do seu país, punhais e machados denominados *sagáris*. Embora Citas amírgios, davam-lhes o nome de Sácios, que é como os Persas denominam todos os Citas. Histaspes, filho de Dario e de Atossa, filha de Ciro, comandava as tropas báctrias e sácias.

65 — As tropas indianas envergavam trajes de algodão e traziam arcos e flechas de bambu, estas guarnecidas de pontas de ferro. Assim equipados, marchavam eles sob as ordens de Farnazatres, filho de Artábato. Os arcos dos Ários eram semelhantes aos dos Medos, e o resto da armadura à dos Báctrios. Eram comandados por Sisames, filho de Hidarnes.

66 — Os Partas, os Corásmios, os Sógdios, os Gandários e os Dádices estavam armados como os Báctrios. Os Partas e os Corásmios eram comandados por Artábazo, filho de Fárnaces; os Sógdios por Azanes, filho de Arteu; os Gandários e os Dádices por Artífio, filho de Artábano.

67 — As tropas cáspias traziam um manto de pele de cabra; levavam arcos e flechas de bambu à moda do seu país, e cimitarras. Eram comandadas por Ariomardes, irmão de Artífio. Os Sarangeus envergavam trajes de cores berrantes, calçavam botas que vinham até o joelho e usavam arcos e dardos à moda dos Medos. Estavam sob o comando de Ferendates, filho de Megabazo. Os Pactícios usavam também um manto de pele de cabra, arcos à moda do seu país e punhais. Eram dirigidos por Artintes, filho de Itamatres.

68 — Os Outios, os Mícios e os Paricanos estavam armados como os Pactícios. Os Outios e os Mícios eram comandados por Arsamenes, filho de Dario, e os Paricanos por Siromitres, filho de Ébaso.

69 — Os trajes das tropas árabes eram amplos e amarrados na cintura. Traziam, no lado direito, longos arcos, que podiam ser retesados numa ou noutra extremidade. Os Etíopes, vestidos com peles de leopardo e de leão, levavam arcos de talo de palmeira, com cerca de quatro côvados de comprimento, e longas flechas de bambu, tendo na extremidade, em lugar de ferro, uma pedra pontuda, de que se serviam também para gravar seus sinetes. Além disso, traziam dardos com cornos de cabra pontiagudos e trabalhados como um ferro de lança, bem como maças cheias de nós. Quando em combate, os guerreiros etíopes costumam untar a metade do corpo com gesso e a outra com vermelhão. Essas tropas, procedentes do norte do Egito, e as árabes estavam sob as ordens de Arsames, filho de Dario e de Artistone, filha de Ciro, a mais amada por Dario entre todas as suas mulheres e da qual ele mandara fazer uma estátua de ouro esculpida a martelo, verdadeira maravilha

de arte e riqueza.

70 — Os Etíopes orientais (uns e outros faziam parte do exército) serviam com os Indianos. Assemelhavam-se aos outros Etíopes, deles diferindo apenas na língua e na cabeleira. Os Etíopes orientais possuem cabelos lisos, ao passo que os da Líbia têm-nos mais crespos do que todos os outros homens. Estavam armados mais ou menos como os Indianos e levavam na cabeça peles de cabeça de cavalo, arrancadas com as crinas e as orelhas. Estas se mantinham eretas, servindo-lhes as crinas de penacho. Peles de grou faziam as vezes de escudos.

71 — Os Líbios usavam trajes de peles e dardos endurecidos ao fogo. Eram comandados por Massages, filho de Carizo.

72 — Os capacetes dos Paflagônios eram tecidos; seus escudos de pequeno tamanho, e pequenas as suas lanças. Levavam também dardos e punhais. Calçavam-se à moda do seu país, indo as botas até o meio da perna.

Os Lígios, os Macianos, os Marandínios e os Sírios, que os Persas denominam Capadócios, estavam armados como os Paflagônios. Estes e os Macianos estavam sob as ordens de Doto, filho de Megasidres; os Marandínios, os Lígios e os Sírios eram comandados por Góbrias, filho de Dario e de Aristona.

73 — As armas dos Frígios aproximavam-se muito das dos Paflagônios, sendo muito pequena a diferença. Segundo os Macedônios, os Frígios, enquanto permaneceram na Europa, em companhia deles, chamavam-se Brígios; mas, passando para a Ásia, trocaram de nome e de pátria, passando a denominar-se Frígios.

Os Armênios estavam armados como os Frígios, dos quais constituem uma colônia. Uns e outros eram comandados por Artocmes, que havia desposado uma filha de Dario.

74 — O armamento dos Lídios assemelhava-se um tanto ao dos Gregos. Os Lídios eram outrora conhecidos por Meônios, tendo eles, mais tarde, mudado de nome, adotando o de Lido, filho de Átis. Os Mísios levavam capacetes à moda do seu país, e pequenos escudos e dardos endurecidos ao fogo. Constituem, também, uma colônia dos Lídios e tomaram o nome de Olímpios, do monte Olimpo. Uns e outros tinham por comandante Artafernes, filho de Artafernes, que invadira a Maratona com Dátis.

75 — Os Trácios tinham na cabeça peles de raposa e envergavam túnicas, por cima das quais traziam uma roupa de diversas cores, muito ampla. Calçavam borzeguins de pele de cabrito, e estavam armados de escudos leves, de dardos e de pequenos punhais. Os Trácios se tinham passado para a Ásia, onde tomaram o nome de Bitínios. Chamavam-se outrora Estrimônios, quando habitavam as margens do Estrímon, de onde foram expulsos, segundo eles próprios afirmam, pelos Teucros e Mísios.

Esses Trácios asiáticos eram comandados por Bassace, filho de Artábano.

76 — Os Calíbios traziam pequenos escudos de pele de boi crua, chuços à maneira dos Lícios e capacetes de bronze com penachos. Tiras de fazenda vermelha envolviam-lhes as pernas. Há, entre os Calíbios, um oráculo de Marte.

77 — Os Cabálios-Meônios e os Lasônios estavam armados e vestidos como os Cilícios, dos

quais falarei mais adiante. Os Mílios traziam lanças curtas, as vestes presas com colchetes e capacetes de pele, sendo que alguns usavam arcos à moda dos Lícios. Essas tropas estavam sob as ordens de Badres, filho de Histanes. Os Moscos usavam capacetes de madeira, pequenos escudos e lanças de ferro com ponta pequena.

78 — Os Tibarenos, os Macrões e os Mosinecos estavam armados à maneira dos Moscos. Estes eram comandados por Ariomardes, filho de Dario e de Pármis, filha de Esmérdis e neta de Ciro. Os Macrões e os Mosinecos estavam sob as ordens de Artaites, filho de Querásmis, governador de Sesto sobre o Helesponto.

79 — Os Mares usavam capacetes tecidos à moda do seu país, pequenos escudos de couro e dardos curtos. Os Colquidenses traziam capacetes de madeira, pequenos escudos de pele de boi crua, lanças curtas e espadas. As tropas Mares e Colquidenses eram comandadas por Farandates, filho de Tesápis. Os Alaródios e os Sapiros, armados à maneira dos Colquidenses, estavam sob as ordens de Masício, filho de Siromitres.

80 — Os Insulares do mar da Eritreia, procedentes das ilhas para onde o rei faz transportar os exilados, também tomavam parte nessa expedição. Seus trajes e seu armamento muito se assemelhavam aos dos Medos. Eram dirigidos por Mardontes, filho de Bageu, morto dois anos depois da expedição a Mícale, em que figurava como comandante.

81 — Tais eram as tropas que marchavam contra a Grécia e que compunham a infantaria do exército persa. Eram dirigidas pelos comandantes de que fiz menção e que foram seus organizadores. Esses homens tinham sob suas ordens outros comandantes de grupos de dez mil homens e de mil. Os comandantes de dez mil homens criaram, por sua vez, os capitães de cem homens e os chefes de dez homens. Assim, os diferentes corpos de tropas e de nações eram chefiados por oficiais subalternos, obedientes às ordens dos comandantes-em-chefe, cujos nomes mencionei.

82 — Esses chefes reconheciam por seus generais, bem como toda a infantaria, Mardônio, filho de Góbrias; Tritantecmes, filho daquele Artábano que havia aconselhado o soberano a não fazer guerra à Grécia; Esmerdomenes, filho de Otanes, todos sobrinhos de Dario e primos-irmãos de Xerxes; Masistes, filho de Dario e de Atossa; Gérgis, filho de Arizes, e Megabizo, filho de Zópiro.

83 — Toda a infantaria, como já disse, reconhecia-os por seus generais, exceto os dez mil, corpo de tropas escolhidas entre todos os Persas e comandado por Hidarnes, filho de Hidarnes. Chamavam-nos imortais, porque, se qualquer um dentre eles viesse a faltar por ter morrido ou por motivo de doença, escolhiam outro para ocupar o seu lugar, e o seu número nunca era nem mais nem menos de dez mil. As tropas persas superavam todas as outras, tanto pela sua magnificência como pela sua bravura. Seu armamento e traje eram como já descrevemos, sendo de notar o brilho que lhes dava o grande número de ornamentos de ouro com que se achavam decorados. Levavam eles consigo harmamaxes para as suas concubinas, e um grande número de criados soberbamente trajados. Animais de carga transportavam suas provisões, independentemente das que eram destinadas ao resto do exército.

84 — Todas as nações que compunham o grande exército possuíam cavalaria, mas somente algumas as haviam trazido. A cavalaria persa estava armada como a infantaria, com exceção de um pequeno número que levava na cabeça lâminas de bronze e de ferro.

85 — Os Sagárcios, povo nômade de origem persa, falando a mesma língua que os Persas, forneceram oito mil homens à cavalaria. No traje, os Sagárcios assemelhavam-se em parte aos Persas e em parte aos Pactícios. Esse povo não adota o costume de levar armas de bronze e de ferro, exceto punhais; mas servem-se, na guerra, de cordas de couro trançadas, que consideram da maior eficiência e de que se utilizam da seguinte maneira: em meio à confusão do combate atiram a corda em cuja extremidade fazem uma laçada, e, se apanham um cavalo ou um homem, puxam-no para si, e mantendo-o enlaçado, matam-no. Tal a sua maneira de combater. Formavam corpo de exército com as tropas persas.

86 — A cavalaria meda estava armada como a infantaria, o mesmo acontecendo com a dos Císsios. Os cavaleiros indianos usavam as mesmas armas que a sua infantaria, trazendo, além dos cavalos, carros de combate puxados por cavalos e zebras. A cavalaria bactriana levava o mesmo apetrecho bélico que a sua infantaria, o mesmo se verificando com os Cáspios e os Líbios, sendo que estes últimos tinham também carroças. Os Cáspiros e os Paricanos estavam também armados como a infantaria. As tropas árabes de infantaria e cavalaria usavam o mesmo armamento, levando, além disso, camelos tão velozes quanto os seus cavalos.

87 — Eram essas as nações que haviam fornecido cavalaria ao exército Persa. Eram, ao todo, oitenta mil cavalos, sem contar os camelos e os animais de tração. As várias tropas, formadas por esquadrões, marchavam no seu devido lugar, vindo por último os Árabes, para não espantar os cavalos, pois estes animais têm horror aos camelos.

88 — Hermamitres e Titeu, ambos filhos de Dátis, dirigiam a cavalaria. Farnuces, seu colega, ficara retido em Sardes por uma enfermidade que lhe sobreveio em consequência de um acidente sofrido na ocasião em que o exército deixava aquela cidade. Seu cavalo, espantando-se com um cachorro que se lhe atirou de improviso às pernas, empinou-se, lançando-o ao solo. Dada a violência da queda, Farnuces pôs-se a vomitar sangue e adoeceu gravemente, acabando por ficar tuberculoso. Seus criados, cumprindo as ordens que ele lhes deu com relação ao cavalo, conduziram o animal ao local onde havia lançado seu dono por terra e cortaram-lhe as pernas à altura dos joelhos. Este acidente fez com que Farnuces fosse retirado do comando.

89 — O número de trirremes que compunham a frota persa subia a mil duzentos e sete, fornecidos por várias nações que tornavam parte na expedição. Os Fenícios e os Sírios da Palestina forneceram trezentos. Os Fenícios, segundo eles próprios afirmam, habitavam outrora as margens do mar da Eritreia, mas, passando para as costas da Síria, ali se estabeleceram. Essa parte da Síria, com toda a região que se estende até as fronteiras do Egito, chama-se Palestina. As tropas fenícias traziam capacetes parecidos com os dos Gregos, couraças de linho, dardos curtos e escudos sem guarnições de ferro nas bordas.

Os Egípcios tinham fornecido duzentos navios. Suas tropas traziam capacetes de junco tecido, escudos convexos, cujas bordas eram guarnecidas de ferro, lanças apropriadas para a luta no mar, e grandes machados.

90 — Os Cíprios contribuíram com cento e cinquenta navios, estando suas tropas assim equipadas: os reis tinham a cabeça coberta por uma mitra, e seus súditos por uma cítara. O resto do traje e do armamento assemelhava-se ao dos Gregos. Os Cíprios são uma mistura de nações diferentes, vindos uns de Salamina e de Atenas; outros da Arcádia, de Citno, da Fenícia e da Etiópia,

como eles próprios o afirmam.

91 — Os Cilícios forneceram cem navios. Os guerreiros usavam capacetes à moda do seu país, pequenos escudos de pele de boi crua, túnicas de lã, trazendo cada um dois dardos curtos e uma espada um tanto semelhante à dos Egípcios. Esse povo era, antigamente, denominado Hipaqueus, passando, mais tarde, a chamar-se Cilícios, de Cílix, filho de Agenor, que era fenício.

Os Panfílios contribuíram com trinta navios. Suas tropas estavam armadas e equipadas à maneira dos Gregos. Os Panfílios descendem daqueles que, ao regressarem da expedição contra Troia, foram dispersados pela tempestade, juntamente com Anfíloco e Calcas.

92 — Os Lícios forneceram cinquenta navios, e suas tropas traziam couraças, arcos de madeira, flechas de caniço desprovidas de penas, dardos, uma pele de cabra sobre as espáduas e bonés alados na cabeça. Usavam também punhais e foices. Os Lícios são originários de Creta e denominavam-se Térmilos. Mais tarde adotaram o nome de Lícios, derivado de Lico, filho de Pandíon, que era ateniense.

93 — Os Dórios asiáticos contribuíram com trinta navios. Os guerreiros dórios usavam armas à maneira dos Gregos, porquanto seu povo era originário do Peloponeso. Os Cários forneceram setenta navios, e suas tropas estavam trajadas e equipadas à moda dos Gregos. Usavam também foices e punhais.

94 — Os Iônios contribuíram com cem navios. Esse povo era denominado Pelasgos-Egiáleos, como dizem os Gregos, na época em que habitava a parte do Peloponeso hoje conhecida pelo nome de Acaia e antes da chegada de Dânaos e Xuto ao Peloponeso. Mais tarde passaram a chamar-se Iônios, de Íon, filho de Xuto.

95 — Os Insulares, que estavam armados à moda dos Gregos, forneceram dezessete navios. Denominavam-se Pelasgos; mas depois passaram a chamar-se Iônios, pela mesma razão que as doze cidades iônias fundadas pelos Atenienses. Os Eólios deram sessenta navios. O armamento de suas tropas era o mesmo dos Gregos. Esse povo chamava-se outrora Pelasgos, ao que informam os Gregos. Os Helespontinos, com exceção dos de Abido, que tinham ordem do rei de permanecerem no país, guardando as pontes, e do resto dos habitantes do Ponto Euxino, forneceram a equipagem para cem navios. Os Helespontinos constituíam uma colônia dos Iônios e dos Dórios, e suas tropas estavam equipadas à maneira dos Gregos.

96 — As forças navais persas, medas e sácias tripulavam todos esses navios. Os melhores veleiros eram fenícios, sendo os mais notáveis os de Sídon. Todas essas tropas, bem como as de terra, tinham à frente um comandante do seu país. Não havendo necessidade de investigar-lhes os nomes, passarei sobre eles em silêncio. E é justo que assim proceda, pois, não somente cada povo, como todas as cidades, tendo seus comandantes particulares, os oficiais não seguiam na qualidade de generais, mas como os outros escravos que participavam da expedição. Já mencionei os generais que tinham toda autoridade e os Persas que comandavam cada nação.

97 — A força naval tinha como generais Ariabines, filho de Dario; Prexaspes, filho de Aspatines; Megabases, filho de Megabates; e Aquêmenes, filho de Dario. Os Iônios e os Cários eram comandados por Ariabines, filho de Dario e da filha de Góbrias, e os Egípcios por Aquêmenes, irmão de Xerxes por parte de pai e mãe. Os dois outros generais comandavam o resto da frota, os

navios de trinta e de cinquenta remos, os *cercures*, os que serviam para o transporte de cavalos e os navios compridos que faziam três milhas.

98 — Entre os oficiais da frota, os mais famosos, pelo menos depois dos generais, eram Tetramnestes, filho de Aniso, de Sídon; Mápen, filho de Siromo, de Tiro; Merbal, filho de Agbal, de Arados; Sienésis, filho de Oromédon, da Cilícia; Cibernisco, filho de Sicas, da Lícia; Gorgo, filho de Quérsis, e Timónax, filho de Timágoras, ambos da ilha de Chipre; Histieu, filho de Timnes; Pigres, filho de Seldomo, e Damasítimo, filho de Candaules, da Cária.

99 — Considero desnecessário falar dos outros chefes. Não deixarei, todavia, de fazer uma referência a Artemisa. Esta princesa me parece tanto mais digna de admiração quanto, apesar do seu sexo, quis tomar parte na expedição. Como o filho se encontrava ainda em tenra idade quando o marido morreu, ela tomou as rédeas do governo, e sua grandeza d'alma e sua coragem levaram-na a seguir os Persas, embora não fosse a isso compelida por nenhuma necessidade. Artemisa era filha de Ligdâmis, originário de Halicarnasso pelo lado paterno, e de Creta, pelo lado materno. Comandava ela os de Halicarnasso, os de Cós, os de Nisiros e os de Calidnas. Veio ao encontro de Xerxes com cinco navios, os mais bem equipados de toda a frota, pelo menos depois dos dos Sidônios, e, entre os aliados, ninguém deu ao soberano melhores conselhos. Os povos submetidos a Artemisa e dos quais acabo de falar, são todos Dórios, ao que penso. Os de Halicarnasso são originários de Trezena, e os outros, de Epidauro. Mas creio já haver dito o suficiente sobre a frota.

100 — Enumeradas as tropas e dispostas em ordem de batalha, Xerxes desejou percorrer as fileiras e passá-las em revista. Sentado no seu carro, inspecionou, uma após outra, as tropas de todas as nações ali representadas, desde a cavalaria e a infantaria até as últimas fileiras, fazendo perguntas a todos, sendo as respostas anotadas pelos seus secretários. Terminada a revista e colocadas as embarcações ao largo, passou do carro para um navio sidônio, onde sentou-se sob um pavilhão com estofo de ouro, vogando ao longo das embarcações e interrogando os tripulantes, como fizera com as tropas de terra. As respostas eram cuidadosamente anotadas. Os capitães haviam ancorado seus navios a pouca distância da margem, a proa voltada para terra, e os soldados em armas, como se estivessem para dar combate. O soberano examinava-os, passando entre as proas e a margem.

101 — Terminada essa outra revista, Xerxes deixou o navio e mandou chamar Demarato, filho de Aríston, que o acompanhava na expedição. Ao vê-lo diante de si, falou-lhe nestes termos: "Demarato, desejo fazer-te algumas perguntas; és grego e como soube de ti mesmo e de outros gregos com quem tenho conversado, nasceste numa das maiores e mais poderosas cidades da Grécia. Dize-me, pois, agora, se os Gregos ousarão opor-se a mim. Penso que os gregos e todos os outros povos do Ocidente reunidos num só corpo de exército seriam incapazes de sustentar os meus ataques, sobretudo por não estarem eles de acordo com relação às coisas da guerra. Quero, porém, saber a tua opinião sobre isso". "Senhor — respondeu Demarato —, devo dizer-vos a verdade ou coisas que vos lisonjeiem?" O soberano disse-lhe que podia falar com toda franqueza.

102 — "Pois bem, senhor — tornou Demarato —, já que assim o desejais, dir-vos-ei a verdade, e não duvideis jamais, daqui por diante, de quem usar da mesma linguagem. Os Gregos têm sido criados na escola da pobreza, e a virtude a ela se junta, filha da temperança e das leis estáveis, dando-nos armas contra a pobreza e a tirania. Os Gregos que habitam as regiões vizinhas aos Dórios — para citar apenas esses como exemplo — sempre se houveram com dignidade, bravura e nobreza

d'alma, sendo, por isso, dignos de todos os louvores. Ouso afirmar, senhor, que eles não só não ouvirão as vossas propostas, que têm por fim submeter a Grécia, como estarão decididos a ir ao vosso encontro e oferecer-vos batalha, mesmo que os outros povos gregos disso se abstenham. Quanto ao seu número, senhor, qualquer que ele seja não influirá na sua decisão de resistir. Tivessem eles um exército de apenas mil homens, e nem por isso deixariam de oferecer-vos combate".

103 — "Que dizes, Demarato! — exclamou o soberano, rindo — Mil homens dariam combate a um exército tão numeroso? Dize-me, tu que foste o rei deles, ousarias combater sozinho contra dez homens? Se os teus concidadãos são realmente valorosos como afirmas, tu, representante da tua raça, poderás, de acordo com as tuas próprias afirmações, resistir ao dobro, quero dizer, se um lacedemônio vale por dez homens do meu exército, tu valerás por vinte, se é que as tuas palavras foram ditadas pela sinceridade. Se, porém, os Gregos cujas qualidades tanto exaltas não possuem estatura mais avantajada do que a tua ou a dos gregos que conheço, receio muito que tuas palavras não encerrem senão jactância e vanglória. Mostra-me de que maneira mil homens, ou dez mil, ou mesmo cinquenta mil, todos igualmente livres e fora da influência de qualquer senhor, poderiam resistir a um exército tão poderoso como o meu; pois, afinal, se eles são cinco mil, somos mais de mil contra um. Se eles agissem, como entre nós, sob as ordens de um senhor, o temor ao castigo inspirar-lhes-ia uma coragem fora do comum, e, impelidos por chicotadas, marchariam, embora fossem em pequeno número, contra tropas muito mais numerosas. Mas os teus compatriotas, independentes como são, não fariam tal coisa. Penso mesmo que, ainda que eles fossem iguais em número a nós, não levariam vantagens sobre os Persas, pois entre nós encontramos grandes exemplos de bravura. Há, entre os meus guardas, persas que se bateriam com três gregos de uma só vez; e se tanto exaltas as qualidades pessoais dos teus concidadãos, é porque nunca viste lutar um desses homens de que te falo".

104 — "Senhor — volveu Demarato —, eu já sabia, ao começar a falar, que a verdade não vos agradaria; mas, forçado a dizê-la, apresentei os Espartanos tal como são. Não ignorais, senhor, o quanto os detesto atualmente, a eles que, não satisfeitos de me privar das honras e dos privilégios que me foram legados por meus pais, baniram-me da minha pátria. Vosso pai acolheu-me bondosamente, deu-me uma casa e cumulou-me de riquezas. Não é crível, portanto, que um homem sensato e justo responda com a ingratidão aos benefícios recebidos. Não me ufano de poder lutar contra dez homens, nem mesmo contra dois, e jamais, por minha própria vontade, me bateria contra um apenas. Mas, se fosse necessário, se a isso me visse forçado por qualquer contingência, lutaria com a maior boa vontade com qualquer desses homens que se consideram capazes de resistir, cada um deles, a três gregos. O mesmo sucede com os Lacedemônios. Num combate de homem para homem não são inferiores a ninguém, e, reunidos num corpo de exército, são os mais bravos de todos os homens. Na verdade, embora livres, não o são da maneira que imaginais. A lei é, para eles, um senhor absoluto, e não a temem menos que os vossos súditos a vós. Obedecem aos seus ditames, às suas determinações, que são ordens, e essas ordens impedem-nos de fugir diante do inimigo, qualquer que seja o seu número, e obriga-os a manterem-se firmes no seu posto, a vencer ou morrer. Se o que vos digo vos parece destituído de senso, guardarei, de agora em diante, silêncio sobre tudo o mais. Falei apenas em obediência às vossas ordens. Possa, senhor, esta expedição ser bem sucedida, segundo os vossos desejos."

105 — Xerxes, em lugar de aborrecer-se, pôs-se a rir e despediu Demarato com benevolência.

Depois dessa palestra, o soberano destituiu o governador que Dario havia colocado em Dorisco, nomeando em seu lugar Mascames, filho de Megadostes, e atravessou a Trácia com o seu exército, em direção à Grécia.

106 — Esse Mascames, nomeado governador de Dorisco, era o único a quem o soberano costumava enviar presentes, por tratar-se do mais bravo de todos os governadores estabelecidos por Dario ou por ele próprio. Artaxerxes, filho e sucessor de Xerxes, conduziu-se da mesma maneira com relação aos descendentes de Mascames. Antes da expedição à Grécia havia governadores na Trácia e em todas as regiões do Helesponto, mas, depois dessa empresa, foram todos destituídos, com exceção de Mascames, que se manteve no governo de Dorisco, a despeito dos reiterados esforços dos Gregos para retirá-lo dali. Como recompensa pela firme atitude de Mascames, todos os reis passaram, sucessivamente, a fazer-lhe presentes, bem como aos seus descendentes.

107 — De todos os governadores que os Gregos expulsaram, Boges, governador de Éjon, foi o único que conquistou a estima do rei, que não se cansava de elogiá-lo, cobrindo de honrarias a ele e os filhos que o sobreviveram na Pérsia. Boges merecia, realmente, os louvores que lhe tributavam. Tendo sido sitiada pelos Atenienses sob as ordens de Címon, filho de Milcíades, a praça por ele comandada, permitiram-lhe dali sair e retirar-se para a Ásia; mas Boges, não querendo que o soberano pensasse haver eles conservado a vida por covardia, recusou as condições e continuou a lutar enquanto pôde. Afinal, quando viu a praça inteiramente desprovida de víveres, mandou erguer uma grande fogueira, matou os filhos, a mulher, as concubinas e todos os criados, e lançou-os ao fogo. Em seguida, atirou ao Estrímon, por cima das muralhas, tudo quanto havia de ouro e prata na cidade, depois do que jogou-se, ele próprio, à fogueira.

108 — Partindo de Dorisco com destino à Grécia, Xerxes forçou todos os povos que encontrou na sua rota a acompanhá-lo na expedição, pois toda aquela região até a Tessália havia sido, por Megabizo e depois Mardônio, submetida ao seu domínio, passando a pagar-lhe tributo. Deixando Dorisco, passou primeiramente pelas vizinhanças dos Samotrácios, cuja última cidade do lado do ocidente é Mesêmbria, bem próxima a Estrima, que pertence aos Tásios. O Lisso passa entre essas duas cidades. As águas desse rio não foram também suficientes para suprir as necessidades do exército, sendo rapidamente esgotadas.

A região por ele banhada chamava-se outrora Galácia e denomina-se hoje Briântica, pertencendo, na realidade, aos Cicônios.

109 — Depois de atravessar o leito seco do Lisso, Xerxes passou próximo a Maroneia, Diceia e Abdera, cidades gregas, e dos famosos lagos situados nas cercanias: o Ísmaros, entre Maroneia e Estrima, e o Bistônia, perto de Diceia, no qual se lançam o Trave e o Compsato. Transpondo o Nesto, que desemboca no mar, o soberano continuou a marcha, passando por algumas cidades do continente, em uma das quais existe um lago piscoso e de águas salobras, medindo cerca de trinta estádios de circunferência. Os animais de carga nele se abeberaram, deixando-o quase seco. A cidade onde se encontra esse lago chama-se Pistira.

110 — Os povos da Trácia cujos territórios Xerxes atravessou são os Pétios, os Cícones, os Bístones, os Sápios, os Dérsios, os Edônios e os Satres. Os habitantes das cidades marítimas seguiram-no por mar, e os do interior, de que acabo de falar, foram forçados a acompanhá-lo por terra, com exceção dos Satres.

111 — Os Satres, ao que soubemos, nunca estiveram submetidos a qualquer estrangeiro, sendo os únicos povos da Trácia que têm conseguido manter-se livres. Habitam altas montanhas cobertas de neve, onde crescem árvores de toda espécie, e são bravos e decididos. Estão de posse do oráculo de Baco, que fica na parte mais elevada das montanhas. Os Bessos interpretam para eles os oráculos do deus. Uma sacerdotisa transmite esses oráculos, da mesma maneira que em Delfos, e suas respostas não são menos ambíguas.

112 — Depois de haver atravessado esse país, Xerxes passou pelas proximidades das duas cidades dos Pieros, uma das quais se denomina Fages e a outra Pérgamo, deixando à direita o Pangeu, grande e alta montanha, onde se encontram as minas de ouro e prata exploradas pelos Pieros, pelos Odomantes e, sobretudo, pelos Satres.

113 — Passou, em seguida, ao longo dos territórios dos Peônios, dos Doberes e dos Peoples, que vivem ao norte, além do monte Pangeu, marchando sempre para ocidente, até atingir as margens do Estrímon e a cidade de Éjon. Boges, de quem já falei, vivia ainda e ali exercia o cargo de governador. Nas cercanias do monte Pangeu encontra-se uma pequena região denominada Fílis, que se estende para ocidente até o rio Angitas, que se lança no Estrímon, e para o sul até o próprio Estrímon. Os magos sacrificaram nas margens deste rio um bom número de cavalos brancos, cujas entranhas pressagiaram um grande sucesso.

114 — Terminadas as cerimônias dos magos às margens do rio, bem como muitas outras, o exército continuou a marcha pelo território das Nove-Vias dos Edônios, em direção às pontes construídas sobre o Estrímon. Informados de que esse cantão se denominava Nove-Vias, os Persas ali enterraram vivos nove rapazes e nove moças escolhidos entre os habitantes da região. Os Persas têm o costume de enterrar pessoas vivas, e ouvi dizer que Améstris, mulher de Xerxes, tendo chegado a idade avançada, mandou enterrar quatorze jovens membros das mais ilustres famílias da Pérsia, para render graças ao deus que eles dizem estar sob a terra.

115 — Deixando o Estrímon, o exército passou próximo à cidade grega de Argila, situada à beira-mar, a oeste. A região onde se encontra essa cidade, bem como o país situado mais acima, trazem o nome comum de Bisálcia. Dali, tendo à esquerda o golfo que fica nas proximidades do templo de Netuno, o exército atravessou a planície de Sileia, passou junto a Estagiros, cidade grega, chegando a Acanto, engrossado com as novas tropas arrebanhadas entre os habitantes do monte Pangeu e da região de que falei há pouco. Os habitantes do litoral acompanharam-no por mar, e os do interior por terra.

Os Trácios não lavram nem semeiam as terras por onde passou o exército de Xerxes, e continuam a não fazê-lo, tendo por elas a maior veneração.

116 — Chegando a Acanto, Xerxes protestou amizade aos habitantes dessa cidade, fez-lhes presente de um traje medo, e, notando o ardor com que eles o secundavam nessa guerra e sabendo concluído o canal do monte Atos, fez-lhes os maiores elogios.

117 — Enquanto o soberano se achava em Acanto, Artaqueu, que havia dirigido os trabalhos do canal, adoeceu e veio a falecer. Pertencia ele à casa dos Aquemênidas, e Xerxes o tinha em grande apreço. Era de estatura maior que a dos Persas e dono de uma voz tonitruante. Xerxes mostrou-se desolado com a morte do amigo e mandou fazer-lhe os mais honrosos funerais. O exército

ergueu um cômoro sobre a sua sepultura, e, por ordem de um oráculo, os Acântios ofereceram-lhe sacrifícios como a um herói, chamando-o pelo nome. O soberano encarou a morte de Artaqueu como uma grande desgraça.

118 — Os povos gregos que acolheram o exército persa e ofereceram um repasto a Xerxes viram-se reduzidos a tão grande miséria, que foram obrigados a abandonar seus lares e a expatriar-se. Os Tásios também acolheram o exército e ofereceram um festim ao soberano em nome das cidades que possuíam no continente. Antípatro, filho de Orges, cidadão dos mais distintos, encarregado da recepção, demonstrou que havia despendido com ela quatrocentos talentos de prata.

119 — Gastos semelhantes se verificaram nas outras por onde passaram as forças persas, como o provaram, com suas contas, os encarregados das homenagens, sendo que os festins tanto mais dispendiosos quanto preparados com maior antecedência. Logo que os arautos anunciavam a vinda do rei e as suas ordens, os habitantes do lugar reuniam suas quotas de grãos de trigo e punham-se a moê-los durante dias e dias. Faziam a engorda do melhor gado que podiam reunir, cevando em viveiros e gaiolas toda espécie de aves. Fabricavam também taças e crateras de ouro e de prata, bem como outros utensílios para o serviço de mesa. Esses preparativos eram feitos para o rei e os seus convivas. Para o resto do exército, bastavam boas provisões e acomodação. Em todos os lugares onde chegavam, os Persas encontravam pronta uma tenda, na qual Xerxes devia alojar-se. As tropas acampavam ao ar livre. À hora do repasto, os que hospedavam o exército desenvolviam grande atividade, e os convidados, depois de terem ceado, passavam a noite no próprio local. Na manhã seguinte, arrancavam a tenda, lançavam mão do vasilhame e dos demais utensílios e levavam-nos consigo, nada deixando.

120 — Sabendo da aproximação das tropas persas, Megácreon, de Abdera, aconselhou aos Abdérios a reunirem-se todos em seus templos, homens e mulheres, para suplicarem aos deuses que conjurassem a metade dos males prestes a caírem sobre eles, pois em vista do que já tinham sofrido, deviam dar graças aos deuses por Xerxes não ter o hábito de fazer duas refeições por dia. Se os de Abdera recebessem ordens de preparar um jantar semelhante à ceia, seriam obrigados a fugir ante a aproximação do soberano, se não quisessem ver-se inteiramente arruinados.

121 — Embora acabrunhados ante essa má perspectiva, os Abdérios não deixaram de cumprir as instruções recebidas. Em Acanto, Xerxes ordenou aos comandantes da frota que fossem esperá-lo com seus navios em Terma, cidade situada no golfo Termeu, que lhe dá o nome. Tinham-lhe dito ser esse o caminho mais curto. De Dorisco a Acanto, o exército marchou na seguinte ordem: todas as tropas de terra seguiam divididas em três corpos; um, comandado por Mardônio e Masiles, marchava ao longo do litoral, acompanhando a frota; outro, sob as ordens de Tritantecmes e de Gérgis, seguia pelo interior; o terceiro, no qual se encontrava Xerxes, marchava entre os outros dois, sob o comando de Esmerdomenes e de Megabizo.

122 — Seguindo as ordens recebidas, a frota penetrou no canal do monte Atos, que se estendia até o golfo onde se encontram as cidades de Assa, Pilore, Singos e Sarta. Depois de receber tropas nessas praças, zarpou para o golfo, dobrando o Âmpelo, promontório do golfo Toroneu e passando por Torone, Galepso, Sermila, Meciberna e Olíntia, cidades gregas situadas na região hoje denominada Sitônia, onde reuniu mais navios e tropas.

123 — Do promontório de Âmpelo rumou diretamente para o de Canastreu, de toda a Palene a

parte mais avançada no mar. Ali tomou igualmente navios e tropas procedentes de Potideia, Afítis, Neápolis, Egas, Terambos, Cioneia, Mendas e Sana. Todas essas cidades estão situadas na península conhecida atualmente pelo nome de Palene e outrora pelo de Flegra. Depois de haver contornado essa região, singrou para o local do encontro, passando pelas cidades vizinhas de Palene e que se limitam com o golfo Terma. Essas cidades são: Lipaxos, Combreia, Lises, Gigonos, Campsa, Esmila e Énia. A região onde elas estão situadas chama-se, ainda hoje, Cruseia. De Énia, a última dessas cidades, a frota seguiu diretamente para o golfo de Terma, passando pela costa de Migdônia. Afinal, chegou a Terma, onde tinha ordem de reunir-se, não sem antes haver tocado em Sindos e Chalestre, sobre o Áxio, que separa Migdônia da Botieia. As cidades de Icnas e Pela ficam na parte mais estreita dessa região, banhada pelo mar.

124 — A frota ancorou perto do rio Áxio, da cidade de Terma e de outras praças intermediárias, e aguardou a chegada do rei. Xerxes, partindo de Acanto com as forças de terra, atravessou o continente em direção a Terma. Passou pela Peônia e pela Crestônia, banhadas pelo Equidoro, que nasce no país dos Crestônios e atravessa a Migdônia, desembocando perto do pântano existente nas proximidades do Áxio.

125 — Quando Xerxes se achava em marcha, um grupo de leões atacou os camelos que transportavam os víveres. As feras, deixando suas cavernas, atiraram-se vorazmente sobre os camelos, sem tocar nos outros animais de carga e nos homens. Qual a razão por que assim agiram, quando nunca haviam visto camelos e nem experimentado a sua carne, é o que não saberei dizê-lo, confessando-me espantado com o fato.

126 — Existe, naquelas regiões, grande quantidade de leões e bois selvagens, possuindo estes últimos cornos de grande tamanho, que são levados para a Grécia. O Nesto, que atravessa Abdera, serve de barreira aos leões de um lado, enquanto do outro desempenha o mesmo papel o Aqueloo, que banha a Arcanânia. Por essa razão, tais feras nunca foram vistas em nenhum lugar da Europa, quer a leste, além do Nesto, quer a oeste, em todo o resto do continente, além do Aqueloo, mas somente na região compreendida entre esses dois rios.

127 — Chegando finalmente a Terma, Xerxes mandou acampar o exército, que ocupou assim todo o terreno ao longo do mar, desde a cidade de Terma e a Migdônia, até Lídia e o Haliácmon, que serve de limites à Botieia e à Macedônia. De todos os rios de que acabo de falar, o Equidoro, que vem da Crestônia, foi o único cujas águas não bastaram para dessedentar as tropas, ficando o seu leito inteiramente seco.

128 — Percebendo de Terma as montanhas da Tessália, o Olimpo e o Ossa, que são bastante elevados, e informado de que existia entre essas montanhas um vale estreito por onde corre o Peneu, com um caminho que leva à Tessália, desejou conhecer a embocadura desse rio, pois devia seguir pelas montanhas, através da Macedônia, para ir de lá ao país dos Perrebos, perto da cidade de Gonos. Haviam-lhe informado ser essa a rota mais segura. Tomando essa resolução, embarcou num navio sidônio, de que sempre se servia em tais ocasiões, e, fazendo sinal aos outros navios para erguerem âncora, fez-se ao largo, deixando no local o exército de terra. Chegando à embocadura do Peneu, o soberano contemplou-a, cheio de admiração, e, mandando chamar os guias, perguntou-lhes se era possível, desviando o rio, fazê-lo alcançar o mar por outro ponto.

129 — Dizem que a Tessália era, outrora, um lago, cercado de altas montanhas; a leste pelos

montes Pélion e Ossa, cujas bases se confundem, ao norte pelo Olimpo, a oeste pelo Pindo, e ao sul pelo Ótris. O espaço entre essas montanhas é ocupado pela Tessália atual, país pouco plano, banhado por um grande número de rios, sendo o Peneu, o Apídano, o Onocono, o Enipeu e o Pamiso os principais. Esses rios, correndo paralelos na planície ao deixarem as montanhas que envolvem a Tessália, atravessam um estreito vale e desembocam no mar, após se reunirem no mesmo leito. Depois dessa junção, recebem todos o nome comum de Peneu.

Dizem que outrora, não existindo ainda esse vale e um escoadouro para as águas, os cinco rios citados, bem como o lago Bebeis, não possuíam o nome por que são hoje conhecidos, e que, correndo continuamente, acabaram por transformar a Tessália num verdadeiro mar. Os próprios Tessálios dizem ter Netuno feito o estreito vale por onde corre o Peneu, o que não me parece inteiramente inverossímil. Com efeito, quem considera Netuno capaz de abalar a terra e atribui os movimentos desta ao deus, não pode julgar inadmissível, vendo esse vale, que Netuno tenha sido o seu autor. Creio, realmente, que a separação dessas montanhas, dando origem ao vale, foi provocada por um tremor de terra.

130 — Tendo Xerxes, como disse, perguntado aos guias se existia alguma outra saída do Peneu para o mar, estes, conhecedores do lugar, responderam-lhe: "Senhor, o Peneu não pode ter, para lançar-se no mar, outra saída senão esta, pois a Tessália está cercada de montanhas por todos os lados". Diz-se que, ante essa resposta, Xerxes assim se expressou: "Os Tessálios são prudentes. Tomaram suas precauções de longe, porque sabem, entre outras coisas, não ser difícil a alguém assenhorear-se do seu país. Bastaria, com efeito, fazer refluir o rio para as suas terras, desviando-lhe o curso e obstruindo o vale por onde ele corre, para submergir toda a Tessália, com exceção, está visto, das montanhas". Essas palavras visavam os filhos de Áleo, porque, sendo tessálios, eram gregos e os primeiros a serem submetidos ao soberano, e porque este pensava que os mesmos haviam feito amizade com ele em nome de toda a nação.

131 — Depois de haver examinado bem a embocadura do Peneu, Xerxes mandou abrir velas de regresso a Terma. Permaneceu durante algum tempo nas cercanias de Piéria, enquanto uma terça parte das tropas cortava as árvores e as matas da montanha da Macedônia, a fim de abrir passagem para todo o exército, para penetrar no território dos Perrebos. Durante sua permanência ali, os arautos por ele enviados à Grécia regressaram, uns com terra e água, e outros com as mãos vazias.

132 — Os povos que se lhe haviam submetido, enviando-lhe terra e água, eram os Tessálios, os Dólopes, os Enianos, os Perrebos, os Lócrios, os Magnetas, os Mélios, os Aqueus da Fitiótida, os Tebanos e o resto dos Beócios, exceto os Téspios e os Plateus. Os Gregos que haviam movido guerra aos bárbaros ligaram-se entre si por um juramento concebido nestes termos: "Aqueles, entre os Gregos, que se entregarem aos Persas sem serem a isso forçados pela necessidade, pagarão ao deus de Delfos, depois de normalizada a situação, a décima parte de seus bens".

133 — Xerxes não enviou arautos a Atenas e a Esparta para exigir a submissão dessas cidades. Dario os tinha enviado anteriormente com esse fim, mas os Atenienses os haviam lançado no Báratro, enquanto que os Lacedemônios atiraram-nos num poço, dizendo-lhes que dali tirassem terra e água para levarem ao rei. Foi por essa razão que Xerxes se absteve de fazer essa solicitação por intermédio de arautos. De resto, desconheço o motivo que levou os Atenienses a tratar dessa maneira os emissários de Dario. A cidade e o país foram, realmente, devastados, mas não creio que o

tratamento dispensado aos arautos persas se tenha originado desse fato.

134 — A cólera de Taltíbio, que havia sido o arauto de Agamémnon, caiu sobre os Lacedemônios. Há, em Esparta, um lugar a ele consagrado, e seus descendentes (chamam-nos Taltibíades) são os únicos aos quais, a título de honra, se confiam embaixadas. Depois que tiveram lugar esses acontecimentos, sempre que os Espartanos analisavam as entranhas das vítimas sacrificadas, estas nada lhes auguravam de bom. Isso perdurou por muito tempo. Finalmente, os Lacedemônios, atribulados com aquele estado de coisas, mandaram perguntar pelos seus arautos, por ocasião de uma das frequentes assembleias realizadas para discutir o assunto, se não havia algum lacedemônio disposto a morrer pela salvação de Esparta. Então Espértias, filho de Aneristo, e Búlis, filho de Nicolau, ambos espartanos de alta linhagem e dos mais ricos da cidade, ofereceram-se para sofrer o castigo que Xerxes, filho de Dario, quisesse impor-lhes pela morte dos arautos enviados a Esparta. Os Lacedemônios enviaram-nos, então, aos Medos, sabendo, de antemão, que iam ao encontro da morte.

135 — O desassombro e a intrepidez de linguagem que tiveram os dois jovens espartanos em tais circunstâncias foram admiráveis. Partindo para Susa, foram ter à casa de Hidarnes, persa de nascimento e governador da costa marítima da Ásia. Hidarnes fez-lhes acolhimento hospitaleiro, e depois de convidá-los a participar de sua mesa, assim lhes falou: “Lacedemônios, por que recusais de tal forma a amizade que o nosso soberano vos oferece? Podeis ver, pela situação privilegiada que desfruto, que ele sabe premiar o mérito; e como tem em alta conta a vossa coragem, estou certo que daria também, a cada um de vós, um governo na Grécia, se quisésseis reconhecê-lo como vosso soberano”. “Senhor — responderam os jovens —, o conselho que nos dais é de um homem que não pensou os prós e os contras da situação. Sugeris que assim procedamos porque não tens dela experiência e não conheceis o seu outro lado. Sabeis ser escravo, mas nunca experimentastes a liberdade, ignorando, por conseguinte, as suas doçuras. Se já a tivésseis algum dia conhecido, estimular-nos-íeis a lutar por ela, não somente com lanças, mas até com machados”.

136 — Levados, à sua chegada a Susa, à presença do rei, os guardas ordenaram-lhes que se prosternassem e se mantivessem em atitude de adoração diante de Xerxes, chegando mesmo a usar de violência, mas os dois jovens espartanos protestaram, dizendo que não fariam tal coisa, ainda que fossem impelidos à força contra o chão, pois que entre os Gregos não havia o costume de adorar-se um homem, e que não tinham vindo com semelhante propósito à corte persa. Depois de assim se defenderem, dirigiram-se a Xerxes nestes termos: “Rei dos Medos, os Lacedemônios nos enviaram aqui para expiarmos, com a nossa morte, a dos arautos persas que pereceram em Esparta”. Ouvindo essa declaração, Xerxes, revelando grandeza d’alma, respondeu não se assemelhava aos Lacedemônios, que haviam violado o direito das gentes matando arautos; que não faria aquilo que neles recriminava, e que não queria, pela morte dos dois jovens, absolver os Lacedemônios do crime que, contra toda expectativa, haviam cometido.

137 — A conduta dos Espartanos, enviando Espértias e Búlis a Susa para reparar a morte dos arautos persas, aplacou momentaneamente a cólera de Taltíbio, apesar de terem os dois jovens regressado incólumes a Esparta; mas, tempos depois, essa cólera explodiu novamente na guerra entre os Peloponésios e os Atenienses. Na minha opinião, tal acontecimento apresenta algo de estranho. Que a cólera de Taltíbio caísse sobre os enviados e não cessasse enquanto não se consumasse a reparação, era justo e compreensível; mas que viesse a recair sobre os filhos dos dois espartanos que

se haviam prontificado a sacrificar-se para remir seus concidadãos daquela culpa — quero dizer, sobre Nicolau, filho de Búlis, e Aneristo, filho de Espértias, que assaltou pescadores de Tirinto que navegavam em volta do Peloponeso num navio de carga tripulado por habitantes de Andros — isso me parece mais o resultado da ira dos deuses. Nicolau e Aneristo, tendo sido enviados como embaixadores à Ásia pelos Lacedemônios, foram traídos por Sitalces, filho de Teres, rei dos Trácios, e Ninfodoro, filho de Piteias, da cidade de Abdera, e presos em Bisante, sobre o Helesponto, sendo conduzidos para a Ática, onde os Atenienses os executaram, juntamente com Aristeu, filho de Adimanto de Corinto. Esse acontecimento teve lugar alguns anos depois da expedição do rei persa contra a Grécia.

138 — Voltemos, porém, à nossa narrativa. A expedição não visava, aparentemente, senão Atenas, mas, na realidade, ameaçava toda a Grécia. Embora os Gregos disso já estivessem alertados, não deram todos a mesma importância ao fato. Os que haviam dado ao soberano persa a terra e a água exigidas, sentiam-se seguros contra qualquer surpresa. Aqueles que, ao contrário, não haviam feito ato de submissão, sentiam-se apavorados e inquietos, porque todas as forças marítimas da Grécia não estavam em condições de resistir aos ataques do exército de Xerxes, e grande parte delas, em lugar de preparar-se para a guerra, mostrava inclinação para os Medos.

139 — Sinto-me levado a expor aqui a minha opinião, e, muito embora me exponha à ira de muitos, não dissimularei o que parece, a meus olhos, a verdade. Se o receio ao perigo que ameaçava os Atenienses lhes tivesse feito abandonar a pátria, ou se, permanecendo na cidade, eles se submetessem a Xerxes, ninguém teria tentado opor-se ao soberano no mar. Se ninguém lhe tivesse resistido no mar, eis o que teria, sem dúvida, acontecido no continente: Ainda que os Peloponésios fechassem o istmo com muitas muralhas, os Lacedemônios não ficariam menos abandonados pelos seus aliados, que, vendo a força naval dos bárbaros apossar-se de suas cidades uma após outra, sentir-se-iam obrigados a traí-los. Sozinhos e desprovidos de todo e qualquer auxílio, morreriam como heróis, depois de terem realizado gloriosas façanhas, ou experimentariam a mesma sorte que o resto dos aliados, ou mesmo, antes de experimentar essa sorte entrariam em entendimento com Xerxes, quando vissem o resto dos gregos bandear-se para os Medos. Assim, num ou noutro caso a Grécia cairia sob o domínio dos bárbaros, pois, obtendo o soberano o domínio do mar, tornar-se-iam inúteis as muralhas erguidas em torno do istmo. Não estaremos exagerando se dissermos que os Atenienses foram os verdadeiros salvadores da Grécia. Realmente, qualquer partido que eles tomassem, este deveria prevalecer. Preferindo a liberdade da Grécia, insuflaram coragem em todos os Gregos que ainda não se haviam manifestado favoráveis aos Persas; e foram eles que, depois dos deuses, repeliram o rei. As respostas do oráculo de Delfos, por mais contrárias e terríveis que lhes tivessem sido, não os persuadiram a abandonar a Grécia. Permaneceram firmes e resolutos, sustentando o choque do inimigo que contra eles se precipitava.

140 — Os Atenienses, desejando consultar o oráculo, enviaram teoros a Delfos. Após as cerimônias de costume, os emissários penetraram no santuário e sentaram-se, recebendo, então, da pitonisa, que se chamava Aristonice, a seguinte resposta: “Infelizes. Por que vos manterdes assim? Abandonai os vossos lares, os mais altos cimos da vossa cidade circular, e fugi para os confins da terra; pois nada de vós ficará intacto; tudo desaparecerá na voracidade do incêndio. Marte, montado num carro sírio, deitará por terra não somente as vossas torres e fortalezas, como também as de várias outras cidades, e incendiará os templos. Os deuses estão tomados de assombro e de pavor, e

do alto dos seus templos já corre um sangue negro, presságio seguro dos males que vos ameaçam. Saí, pois, do santuário; armai-vos de coragem contra as desgraças que se avizinham".

141 — Esta resposta deixou os emissários de Atenas de ânimo aquebrantado. Tímon, filho de Androbules, um dos mais eminentes cidadãos de Delfos, vendo-os desesperados em vista das desgraças anunciadas pelo oráculo, aconselhou-os a munirem-se de ramos de oliveira e ir novamente consultar o oráculo na qualidade de suplicantes. Os teoros aceitaram o conselho e dirigiram-se pela segunda vez ao templo, exprimindo-se assim ante o deus: "Oh! Rei, dai-nos uma resposta mais favorável sobre a sorte de nossa pátria, em consideração a estes ramos de oliveira que temos na mão; do contrário, não sairemos do vosso santuário e aqui ficaremos até a morte". A pitonisa assim lhes respondeu pela segunda vez: "Em vão Palas emprega suas súplicas e suas razões junto a Júpiter Olímpico; não consegue convencê-lo. Não obstante, dar-vos-ei esta resposta, inflexível como o diamante: Quando o inimigo se apoderar de tudo quanto o país de Cecrops encerra, e os antros do sagrado Citéron, Júpiter, que tudo vê, concederá a Palas uma muralha de madeira, a única que não poderá ser destruída; ela vos será útil, a vós e a vossos filhos. Não esperai, pois, a cavalaria e a infantaria do poderoso exército que virá atacar-vos por terra; fugi antes e voltai-lhe as costas. Dia virá em que havereis de encará-las de frente. Quanto a ti, oh divina Salamina! perderás os filhos das tuas mulheres; que Ceres seja separada ou reunida".

142 — Esta resposta pareceu aos teoros menos dura do que a precedente, e realmente o era. Tomaram-na por escrito e regressaram a Atenas, onde tudo relataram ao povo. O significado do oráculo foi discutido, dividindo-se as opiniões. Alguns entre os mais idosos deduziram da resposta do deus, que a cidade não seria tomada, pois estava, desde muito tempo, cercada por uma paliçada, e que essa paliçada era a muralha de madeira a que o oráculo se referia. Outros sustentavam, ao contrário, que o deus se referia aos navios, e que, por conseguinte, deviam ser equipados sem perda de tempo. Todavia, os dois últimos versos da pitonisa: "Quanto a ti, oh divina Salamina! perderás os filhos das tuas mulheres; que Ceres seja separada ou reunida", embaraçavam os que achavam que os navios eram as muralhas de madeira, e entristeciam os adivinhos, que entendiam que seriam vencidos perto de Salamina, se se dispusessem a um combate naval.

143 — Havia, então, em Atenas, um cidadão recentemente elevado à mais alta categoria social. Chamava-se Temístocles, mas era conhecido como o filho de Néocles. Afirmava ele que os intérpretes não haviam encontrado o verdadeiro sentido do oráculo. Se a desgraça anunciada, dizia ele, se referia, de qualquer maneira, aos Atenienses, a resposta da pitonisa não encerraria, na minha opinião, tanta doçura. *Infortunada Salamina*!, teria ela dito, em lugar de *Oh divina Salamina*!, se os habitantes devessem perecer nas cercanias dessa ilha. Mas, para quem tomasse o oráculo no seu verdadeiro sentido, o deus referia-se antes aos inimigos do que aos Atenienses; e, portanto, ele os aconselhava a se prepararem para um combate naval, porque os navios eram as muralhas de madeira. Os Atenienses consideraram a opinião de Temístocles mais acertada do que a dos outros intérpretes, contrários a um combate naval e à ideia de levantar as mãos contra o inimigo, optando pelo abandono da Ática.

144 — Anteriormente a esse seu parecer, Temístocles havia dado um outro que, para felicidade dos Gregos, prevalecera. Havia, no tesouro público, grandes riquezas provenientes das minas de Lauros. Estavam em vias de distribuir a todos os cidadãos dez dracmas por cabeça. Temístocles persuadiu os Atenienses a não fazerem tal distribuição, construindo com esse dinheiro

duzentos navios para a guerra — a guerra que teriam de sustentar contra os Eginetas. Essa guerra resultou num grande benefício para a Grécia, porque obrigou os Atenienses a se tornarem bons marinheiros. Os navios assim construídos não serviram para o fim a que eram destinados, mas serviram, muito a propósito, para suprir as necessidades da Grécia com relação à sua força naval. Como já estavam construídos, na ocasião precisa não foi necessário senão acrescentar alguns outros. Assim, num conselho mantido depois da consulta feita ao oráculo, ficou resolvido que, em obediência ao deus, toda a nação, de concerto com os Gregos que a ela quisessem juntar-se, atacaria por mar os bárbaros que vinham invadi-la.

145 — Os Gregos mais bem intencionados para com a pátria reuniram-se todos num determinado local, e, depois de haverem deliberado entre si, resolveram, de comum acordo, reconciliar-se com os outros inimigos — pois, nessa ocasião, várias cidades gregas estavam em guerra, sendo a mais encarniçada a que travavam Atenienses e Eginetas. Informados de que Xerxes se encontrava em Sardes com o seu exército, decidiram enviar espiões à Ásia para instruir-se sobre os projetos do soberano persa, despachando, também, embaixadores, uns para Argos, a fim de obterem a aliança dos Árgios contra os Persas; outros para a Sicília, junto a Gélon, filho de Diomenes; outros para a Corcira, para exortar os Corcírios a fornecerem auxílio à Grécia; outros ainda para Creta, com o mesmo propósito. Pretendiam, com isso, reunir, se possível, todas as forças helênicas e congregar esforços extremos para conjurar o perigo que ameaçava igualmente todos os Gregos. O poderio de Gélon era, então, considerado bastante apreciável, não havendo, em nenhum Estado da Grécia, forças que pudessem ser igualadas às suas.

146 — Tomadas essas resoluções e aplacados os ódios entre eles, enviaram primeiramente três espiões à Ásia, os quais, ali chegando, puseram-se a observar as forças de Xerxes e os seus movimentos; mas, surpreendidos nessa tarefa e condenados à morte pelos generais do exército de terra, foram levados ao suplício depois de torturados. Ao ter conhecimento do fato, Xerxes censurou a conduta dos seus generais e ordenou que os espiões fossem levados à sua presença, se ainda estivessem vivos. Os guardas, encontrando-os ainda vivos, levaram-nos ao soberano.

Xerxes, informado do propósito que tinham em mira os espiões, ordenou aos guardas que os acompanhassem por toda parte, mostrando-lhes todas as tropas, a infantaria, a cavalaria, e, depois de satisfazer-lhes a curiosidade, os deixassem ir em paz para onde quisessem. Dando essas ordens, explicou que, se os espiões fossem executados, os Gregos não poderiam ser informados com antecedência do vulto das tropas persas, em número muito superior ao que se dizia, acrescentando que, matando esses homens, não fariam grande mal aos inimigos, enquanto que, deixando-os regressar ao seu país, os Gregos, instruídos sobre as forças que teriam de enfrentar, não esperariam a sua chegada para se submeterem, não havendo, assim, necessidade de movimentar todo o exército contra eles.

147 — Esse parecer assemelha-se a este outro do mesmo soberano: Quando ele se encontrava em Abido, observou alguns navios que vinham do Ponto Euxino e atravessavam o Helesponto para levar trigo a Egina e para o Peloponeso. Os que se achavam a seu lado, sabendo que os navios pertenciam ao inimigo, dispuseram-se a capturá-los, e, com os olhos fixos no rei, aguardavam as suas ordens, quando este lhes perguntou para onde iam aqueles navios. “Senhor — responderam —, vão levar trigo para os vossos inimigos”. “Pois bem — observou Xerxes —, não vamos nós para o mesmo lugar, levando, entre outras coisas, trigo? Que mal nos farão, transportando víveres para

nós?”

Os espiões, depois de haverem tudo observado por sugestão do próprio soberano, regressaram sãos e salvos à Europa para darem ciência da sua missão.

148 — Logo depois de terem os Gregos confederados enviado espiões à Ásia, despacharam emissários para Argos. Eis como os Árgios se referem aos acontecimentos relacionados com a expedição do soberano persa: Afirmam eles terem tido, desde o início, conhecimento dos propósitos dos bárbaros contra a Grécia, e que, sabendo que os Gregos desejavam incluí-los na liga comum contra os Persas, tinham mandado perguntar ao deus de Delfos que partido lhes seria mais vantajoso. Isso porque, pouco antes, os Lacedemônios, comandados por Cleómenes, filho de Anaxandrides, haviam matado seis mil dos seus concidadãos. A pitonisa respondeu-lhes nestes termos: “Povo odiado pelos outros povos vizinhos, querido dos deuses imortais, conserva-te em guarda, pronto para atacar ou aparar os golpes dos teus inimigos, defende tua cabeça, e tua cabeça salvará teu corpo”. Acrescentam eles que, chegando os emissários gregos a Argos, foram admitidos no Senado, onde expuseram o motivo que ali os levava, tendo os senadores respondido estarem os Árgios dispostos a conceder-lhes auxílio, tão pronto concluíssem uma trégua de trinta anos com os Lacedemônios, e com a condição de lhes ser confiada parte do comando da metade do exército aliado. Disseram eles que o comando geral lhes pertencia por direito, mas que se contentariam com a metade.

149 — Tal foi, segundo os Árgios, a resolução do seu Senado, apesar de o oráculo ter sido contrário à aliança com os Gregos contra os Persas. Dizem ainda os Árgios que o que mais os fazia desejar a trégua de trinta anos, apesar do receio que lhes inspirara o oráculo, era, afinal, a necessidade de darem aos filhos tempo para atingirem a idade viril. Se essa trégua não fosse concluída, receavam cair para sempre sob o jugo dos Lacedemônios, ou ainda, enfraquecidos pela guerra que contra eles sustentavam, vir a experimentar um revés ante os Persas. Os embaixadores de Esparta que ali se encontravam responderam à proposta do Senado declarando que, com relação à trégua, exporiam o caso ao povo, mas, quanto ao comando dos exércitos, já estavam encarregados de dizer que, tendo os Espartanos dois reis e os Árgios um só, não era possível retirar o comando das tropas a um dos dois reis de Esparta, nada impedindo, todavia, que o rei de Argos participasse também do comando. Dizem os próprios Árgios que, diante disso, não quiseram submeter-se à ambição dos Espartanos, preferindo obedecer aos bárbaros a transigir com os Lacedemônios, e, em consequência, ordenaram aos embaixadores que deixassem o seu território antes do pôr do sol, sob pena de serem tratados como inimigos.

150 — É assim que os Árgios relatam o caso, mas, na Grécia, contam-no de maneira bem diversa. Xerxes, dizem os Gregos, antes de empreender a expedição contra a Grécia enviou a Argos um arauto, portador da seguinte mensagem: “Árgios, ouvi o que vos diz o rei Xerxes. Tendo Perses, um dos nossos ancestrais, tido por pai Perseu, filho de Dânao, e por mãe Andrômeda, filha de Cefeu, deduz-se que os Persas e os Árgios têm a mesma origem. Não é lógico, por conseguinte, que façamos guerra aos nossos pais, nem tão pouco que, prestando auxílio aos Gregos, vos torneis nossos inimigos. Permanecei tranquilos no vosso país. Se esta expedição tiver o sucesso que espero, tratar-vos-ei com maior distinção do que a qualquer outro povo”. Acrescente-se que, embora essa proposta tivesse parecido da maior importância para os Árgios, eles, da sua parte, nada solicitaram aos Gregos, mas, quando estes lhes pediram para participar da aliança, exigiram uma parte do comando, a fim de terem um pretexto para não aderir à luta, sabendo perfeitamente que os Lacedemônios não

partilhariam o comando com eles.

151 — Alguns gregos declaram que, muitos anos depois, tal relato foi confirmado pelo seguinte fato: Os Atenienses tinham enviado embaixadores a Susa, cidade de Mémnon, para tratarem de certos negócios relacionados com a sua segurança. Entre esses embaixadores figurava Cálias, filho de Hipônico. Na mesma ocasião, os Árgios enviaram embaixadores àquela mesma cidade, para perguntar a Artaxerxes, filho de Xerxes, se a aliança que haviam firmado com este subsistia ainda, ou se ele os tinha como inimigos. Artaxerxes respondeu que a aliança ainda vigorava, expressando, ao mesmo tempo, a sua simpatia pelos habitantes de Argos.

152 — Não posso assegurar que Xerxes tenha enviado um arauto a Argos para dizer aos Árgios o que acabo de relatar, nem que embaixadores árgios tenham ido a Susa inquirir Artaxerxes a respeito da continuação da sua aliança com eles. Limito-me a relatar o que dizem os próprios Árgios. Tudo que sei é que, se todos os homens levassem para um mesmo lugar suas más ações para trocá-las pelas de seus vizinhos, cada qual reconduziria com prazer a que ia levar à massa comum. Há, sem dúvida, ações ainda mais vergonhosas do que as dos Árgios; mas acho que não devemos acreditar em tudo cegamente. Conta-se, realmente, que foram os Árgios que incitaram os Persas a invadir a Grécia, porque, tendo sido vencidos pelos Lacedemônios, consideravam qualquer outra situação preferível à que lhes fora imposta.

153 — À Sicília foram também enviados embaixadores da parte dos aliados, entre os quais figurava Siágrio, da Lacedemônia, para entrarem em entendimento com Gélon. Originário de Telos, ilha situada nas proximidades do promontório de Triópia, foi levado para Gela pelos líndios da ilha de Rodes, e por Antífemo, quando foram fundar a cidade de Gela. Seus descendentes, tendo-se tornado sacerdotes das divindades infernais, continuaram eles sempre a usufruir dessa dignidade. Herdaram-na de Telines, um dos seus ancestrais, que a obteve da maneira seguinte: Tendo havido uma sedição em Gela, os vencidos fugiram para Mactório, cidade situada ao norte de Gela. Telines conduziu-os de volta à pátria sem o apoio de quaisquer tropas, apenas levando consigo as imagens sagradas daquelas divindades. Onde as tinha conseguido ou como vieram elas ter às suas mãos, é o que não sei explicar. O certo é que, cheio de confiança nessas imagens, reconduziu os fugitivos a Gela, com a condição, porém, de os seus descendentes tornarem-se sacerdotes daquelas deusas. Espanta-me ter ele podido levar a bom termo essa façanha, acessível somente aos homens corajosos e decididos, sendo Telines, segundo afirmam os habitantes da Sicília, um indivíduo débil e um tanto efeminado.

154 — Cleandro, filho de Pantares, tendo sido morto por Sabelo, cidadão de Gela, depois de haver reinado sete anos nessa cidade, seu irmão Hipócrates apoderou-se da coroa. No reinado deste último, Gélon, descendente do hierofante Telines, elevou-se em pouco tempo, pelo seu mérito, como aconteceu com vários outros dos seus concidadãos, entre os quais Enesidemo, filho de Pataico, de simples guarda do corpo de tropas de Hipócrates, à dignidade de general de cavalaria. Distinguiu-se ele contra os Calipólites, os Náxios, os Zancleus, os Leontinos, os Siracusanos e vários outros povos bárbaros cujas cidades foram cercadas por Hipócrates. De todas essas cidades, somente Siracusa escapou ao jugo do soberano. Seus habitantes foram derrotados perto do rio Eloro, mas os Coríntios e os Corcírios libertaram-nos da servidão, reconciliando-os com Hipócrates, com a condição de lhe cederem Camarina, que durante muito tempo lhes pertencera.

155 — Hipócrates, depois de haver reinado tanto tempo quanto seu irmão Cleandro, morreu diante da cidade de Hibla, combatendo contra os Sículos. Então, Gélon, aparentemente, tomou a defesa de Euclides e Cleandro, ambos filhos de Hipócrates, contra os cidadãos de Gela, que não queriam reconhecê-los como seus senhores; e, tendo vencido seus oponentes em combate, apoderou-se da autoridade soberana, espoliando os filhos de Hipócrates. Firmando-se no poder, mandou vir da cidade de Casmena os siracusanos denominados Gamores, que haviam sido expulsos de suas terras pelo povo e pelos seus próprios escravos, chamados Cilicírios. Restabelecendo-os em Siracusa, Gélon apoderou-se também dessa cidade, cujos habitantes, vendo-o decidido a atacá-los, submeteram-se docilmente.

156 — Senhor de Siracusa, Gélon passou a dar menos importância a Gela, confiando o governo desta ao seu irmão Híeron e reservando para si o de Siracusa, que tinha em maior conta. Siracusa desenvolveu-se rapidamente, tornando-se uma das mais florescentes cidades da região. Gélon para ali transferiu todos os habitantes de Camarina, fê-los cidadãos siracusanos e destruiu sua primitiva cidade. Agiu da mesma maneira com relação à maioria dos gelanos. Em seguida, cercou os Megarinos da Sicília, obrigando-os a render-se. Os cidadãos ricos da cidade, responsáveis pela guerra, estavam convencidos de que não escapariam à morte, mas Gélon não só poupou-os como os enviou para Siracusa, concedendo-lhes a cidadania. Quanto à plebe, foi também levada para Siracusa e ali vendida e transportada para fora da Sicília, embora não tivesse tido nenhuma participação ativa na guerra e não merecesse tão dura sorte. Gélon procedeu do mesmo modo com os Eubeus da Sicília, que ele tinha separado em duas classes, por considerar esse povo um vizinho bastante incômodo. Foi assim que Gélon veio a tornar-se um poderoso monarca.

157 — Logo que os embaixadores gregos chegaram a Siracusa, Gélon concedeu-lhes audiência. “Os Lacedemônios, os Atenienses e seus aliados — disseram-lhe eles — enviaram-nos aqui para solicitar a vossa cooperação militar contra os bárbaros. Sabeis, naturalmente, que o rei dos persas está prestes a lançar-se contra a Grécia com poderosas forças que trouxe da Ásia, através das pontes que mandou construir sobre o Helesponto, assim como não ignorais que, sob o pretexto de vingar-se dos Atenienses, ele se dirige contra todos nós, pretendendo submeter a Grécia inteira ao seu jugo. Sois poderoso, a Sicília, da qual sois o soberano, não é uma das partes mais fracas da Grécia. Concedei auxílio aos defensores da liberdade e uni-vos a eles, para que possam preservá-la. Se todos os povos gregos se unirem, formaremos uma potência considerável e em condições de rechaçar o inimigo que nos vem atacar. Se, ao contrário, estivermos divididos, uns traindo a pátria e outros recusando socorro aos que estão dispostos a defendê-la, ficaremos reduzidos a um pequeno número, sendo de temer-se que a Grécia inteira sucumba sob os ataques do invasor. Concedendo-nos socorro estareis trabalhando pela vossa própria segurança. Uma empresa bem organizada é quase sempre coroada de sucesso”.

158 — “Gregos — respondeu com veemência Gélon —, ousais convidar-me a juntar minhas forças às vossas contra os Persas, vós que, quando vos solicitei auxílio contra os Cartagineses, com os quais me achava em guerra; quando implorei vossa colaboração para vingar a morte de Dorieu, tilho de Anaxandrides, oferecendo-me para ajudar a restabelecer a liberdade dos portos e das cidades, que vos traria muitas vantagens e proveitos, não somente vos recusastes a vir em meu auxílio, como ainda vos negastes a vingar comigo o assassínio de Dorieu. Pouco vos importava, então, que este país se tornasse presa dos bárbaros. Mas o perigo passou e as coisas nos correram

favoravelmente. Agora, que a guerra está à vossa porta e que uma ameaça terrível paira sobre as vossas cabeças, é que vos lembrais de Gélon. Embora tenhais agido com inteira desconsideração para comigo, não tenciono pagar-vos na mesma moeda; porei à vossa disposição duzentos trirremes, vinte mil guerreiros, dois mil cavalarianos, dois mil archeiros, dois mil besteiros e dois mil homens de cavalaria ligeira. Comprometo-me também a fornecer trigo para todas as tropas até o fim da guerra, mas com a condição de me ser confiado o comando. De outra maneira, nem tomarei parte na guerra, nem fornecerei tropas de qualquer espécie".

159 — Ouvindo as condições impostas por Gélon, Siágrio não pôde conter-se: "Seria, certamente, motivo de grande mágoa para Agamémnon, descendente de Pélope, saber que os Espartanos se haviam deixado substituir no comando por um Gélon ou por siracusanos. Não falemos, pois, mais nisso; é uma condição que não podemos aceitar. Se quiserdes prestar socorro à Grécia, tereis que obedecer aos Lacedemônios. Se vos recusais a servir sob as ordens deles, podeis ficar com as vossas tropas".

160 — Observando, por essa resposta, a pouca importância dada à sua proposta, Gélon fez-lhes uma segunda, falando-lhes nestes termos: "Espartanos, os insultos que nos são dirigidos levam-nos, geralmente, à cólera, mas não tomo em consideração os vossos propósitos insultuosos e me abstenho de responder-vos no mesmo tom. Quero apenas dizer-vos que, se estais interessados no comando, mais ainda deverei eu estar, pois entro com mais tropas e navios do que vós. Como, porém, considerais inaceitável a minha proposta, estou disposto a transigir até certo ponto. Se quereis ficar com o comando das tropas de terra, me satisfaço com o das forças navais; ou, se preferis comandar no mar, comandarei em terra. Se ainda assim considerais absurda a minha pretensão, resta-vos apenas voltar para o vosso país, dispensando a aliança que vos ofereço".

161 — Tais as propostas de Gélon. O embaixador de Atenas, prevendo o que diria o da Lacedemônia, respondeu nestes termos: "Rei de Siracusa, não necessitamos de um general, mas de tropas, e foi para pedi-las que nos enviaram aqui. Vós, entretanto, declarais que só as fornecereis com a condição de vos reconhecermos como general, tão grande é o vosso desejo de comandar-nos. Quando pedistes o comando de todas as forças, nós, Atenienses, contentamo-nos em guardar silêncio, persuadidos de que o embaixador da Lacedemônia saberia responder-vos por ele e por nós. Excluída a possibilidade do comando geral, vós vos apegais ao da frota. Pois bem, agora, mesmo que os Lacedemônios vo-lo concedessem, não concordaríamos com isso, pois esse comando nos pertence, a menos que os Lacedemônios o pretendam. Se eles quiserem assumir o comando da frota, não nos oporemos a isso, mas não o cederemos a nenhum outro. É um direito que nos cabe, uma vez que fornecemos a maior parte das forças navais de que dispõem os Gregos. De forma alguma nós, Atenienses, abandonaríamos o comando aos Siracusanos, nós o povo mais antigo da Grécia; nós os únicos entre os Gregos que nunca trocaram de solo; nós, enfim, que nos orgulhamos de citar, entre os nossos compatriotas, aquele glorioso comandante que participou do cerco de Troia e que era, no dizer de Homero, o poeta épico, um dos mais hábeis para animar um exército à luta. É, pois, com justa razão que nos ufanamos de nossa pátria".

162 — "Atenienses — volveu Gélon —, não vos faltam, segundo parece e como vós próprios dizeis, generais, mas soldados. Já que vos mantendes intransigentes, reservando tudo para vós, o que tendes a fazer é voltar o mais depressa possível para a vossa pátria e anunciar que ela perdeu a Primavera deste ano". Gélon queria dar a entender com isso, que a Grécia, privada da sua aliança,

era como um ano sem Primavera.

163 — Ante essa resposta de Gélon, os embaixadores dos Gregos, dando por encerrada a missão que ali os levara, fizeram-se de regresso à pátria. Entretanto, Gélon, receando que os Gregos não fossem suficientemente fortes para vencer o soberano persa, e, por outro lado, considerando insuportável e indigno para um soberano da Sicília servir no Peloponeso sob as ordens dos Lacedemônios, decidiu pôr em prática um plano que lhe resultasse favorável. Logo que soube que Xerxes havia atravessado o Helesponto, confiou a Cadmo, filho de Cites, da ilha de Cós, três navios de cinco filas de remos e enviou-os a Delfos com riquezas consideráveis, palavras de paz e instruções para observar o desenrolar da batalha que ia ser travada. Se o soberano persa saísse vencedor, devia ele presenteá-lo com o rico carregamento que levava e oferecer-lhe, ao mesmo tempo, terra e água em nome de todas as cidades e Estados sob o domínio de Gélon. Se fossem os Gregos os vencedores, devia regressar imediatamente à Sicília.

164 — Esse Cadmo havia herdado de seu pai a soberania de Cós, e, embora a tivesse segura nas mãos, entregou-a aos habitantes, sem que fosse a isso compelido, mas voluntariamente, apenas por amor à justiça. Tendo, em seguida, partido para a Sicília, ali fixou residência com os Sâmios, em Zancle, que passou a chamar-se Messina. Sabendo dos motivos que o haviam levado à Sicília e do seu amor à justiça, demonstrado em diversas ocasiões, Gélon resolveu encarregá-lo daquela missão a Delfos. Cadmo mostrou aí, mais uma vez, os seus nobres sentimentos e correta maneira de proceder, pois, embora tivesse nas mãos as riquezas consideráveis que Gélon lhe confiara, podendo facilmente delas apropriar-se, não lhe passou pela mente fazer tal coisa, trazendo-as de volta para a Sicília depois da vitória dos Gregos sobre os Persas e da consequente retirada de Xerxes.

165 — Dizem os habitantes da Sicília que, se fossem outras as circunstâncias, Gélon teria prestado auxílio aos Gregos, mesmo que tivesse de servir sob as ordens dos Lacedemônios. Terilo, filho de Crinipo, tirano de Hímera, vendo-se expulso dessa cidade por Téron, filho de Enesidemo, tirano dos Agrigentinos, tinha reunido um exército de trezentos mil homens, composto de fenícios, líbios, ibérios, lígios, helisícios, sardônios e círnios, sob o comando de Amílcar, filho de Hanão, rei dos Cartagineses. Esse general cartaginês aceitara a incumbência levado pelos compromissos de hospitalidade que contraíra com Terilo e, sobretudo, pela confiança que lhe havia testemunhado Anaxilas, filho de Cretino, tirano de Régio, oferecendo-lhe os filhos como reféns para fazê-lo vir à Sicília vingar o sogro. Com efeito, Anaxilas havia desposado Cidipe, filha de Terilo. Os Sicilianos dizem que Gélon, não podendo, por esse motivo, socorrer os Gregos, decidiu enviar aquelas imensas riquezas a Delfos.

166 — Acrescentam os Sicilianos que, no dia em que os Gregos bateram as forças persas em Salamina, Gélon e Téron desafiaram Amílcar na Sicília. Amílcar era, segundo afirmam, cartaginês pelo lado paterno e siracusano pelo lado materno, tendo subido ao trono de Cartago pelo seu próprio mérito. Ouvi dizer que, tendo perdido a batalha, desapareceu, não tendo sido possível encontrá-lo em parte alguma, nem vivo nem morto, embora Gélon tudo fizesse para localizá-lo.

167 — Os Cartagineses, porém, relatam o fato de maneira mais verossímil. Dizem eles que a batalha que os bárbaros travaram com os Gregos na Sicília durou desde o romper da aurora até o anoitecer, e que Amílcar permaneceu firme no campo da luta, imolando vítimas, cujas entranhas lhe auguravam grandes sucessos, queimando-as inteiras numa vasta fogueira. Tendo, todavia, percebido,

enquanto fazia libações sobre as vítimas, que suas tropas batiam em retirada, atirou-se ele próprio ao fogo, sendo logo devorado pelas chamas. De resto, tenha ele desaparecido dessa maneira, como narram os Fenícios, ou de outra, como querem os Siracusanos, o fato é que os Cartagineses fazem sacrifícios em sua honra, tendo erguido, em sua memória, monumentos em todas as cidades onde ele estabeleceu colônias, das quais Cartago é a maior.

168 — Os embaixadores que haviam estado na Sicília procuraram também convencer os Corcírios a tomarem o partido da Grécia, fazendo-lhes as mesmas solicitações que a Gélon. Os Corcírios responderam de uma maneira e agiram de outra bem diferente. Comprometeram-se prontamente a enviar tropas em auxílio dos Gregos, dizendo que, da sua parte, tudo fariam para que a Grécia não sucumbisse, pois sabiam que, se tal acontecesse, ver-se-iam, eles próprios, reduzidos à mais vergonhosa escravidão. Essa resposta pareceu bastante plausível aos embaixadores e muito lhes agradou; mas quando chegou o momento de concretizar a sua promessa, os Corcírios, que alimentavam outros propósitos, equiparam sessenta navios, enviando-os para as vizinhanças do Peloponeso. Lançando âncoras perto de Pilos e Ténaro, nas costas da Lacônia, as tripulações ficaram observando o desenrolar dos acontecimentos. Os Corcírios assim agiam na suposição de que as forças gregas não estavam em condições de resistir às tropas persas, muito superiores em número, e que toda a Grécia seria subjugada. Assim, pois, poderiam eles dirigir-se desta maneira ao soberano persa vitorioso: “Senhor, os Gregos concitaram-nos a prestar-lhes auxílio nesta guerra. Entretanto, embora dispuséssemos de forças consideráveis e de navios em número bem maior do que qualquer outro Estado da Grécia, com exceção dos Atenienses, não quisemos opor-nos aos vossos desígnios nem causar-vos maiores dificuldades”. Com isso esperavam obter condições mais vantajosas do que os outros, o que, a meu ver, poderia muito bem ter sucedido. Por outro lado, já tinham uma desculpa pronta para os Gregos, caso as coisas se passassem de outra maneira, e dela se serviram quando chegou o momento de responderem pela falta de cumprimento da sua promessa. Quando os Gregos os censuraram por não os terem auxiliado, declararam que haviam equipado sessenta trirremes, mas que os ventos do Mediterrâneo os impediram de dobrar o promontório Maleu, só tendo eles conseguido chegar a Salamina depois do combate naval, não tendo sido, portanto, por má vontade que haviam deixado de auxiliá-los. Foi assim que tentaram enganar os Gregos.

169 — Os Cretenses, ante a solicitação dos embaixadores dos Gregos, mandaram perguntar ao deus de Delfos, em nome de toda a nação, se lhes seria vantajoso socorrer a Grécia. “Insensatos! — respondeu-lhes a pitonisa — Muito vos lamentastes dos males que Minos vos enviou na sua cólera, por causa do socorro que destes a Menelau e do auxílio que prestastes aos Gregos para vingar-se do rapto de uma mulher em Esparta, e quereis agora auxiliá-los?” Ante essa resposta, os Cretenses recusaram-se a prestar qualquer socorro aos Gregos.

170 — Conta-se que Minos, saindo à procura de Dédalo, foi ter à Sicânia, que hoje se denomina Sicília, ali perecendo de morte violenta. Algum tempo depois, os Cretenses, incitados por um deus, lançaram-se todos contra a Sicânia com uma poderosa frota — com exceção dos Policnites e dos Presianos —, cercando, durante cinco anos, a cidade de Canicos, no meu tempo habitada pelos Agrigentinos. Por fim, não podendo capturá-la nem continuar o cerco, devido à falta de víveres, viram-se obrigados a retirar-se. Surpreendidos por forte tempestade perto de Iapígia, foram impelidos violentamente para a costa, tendo todas as suas embarcações quebradas. Sem recursos para retornar a Creta, foram obrigados a permanecer no país em cujas costas haviam ido ter, e ali

construíram a cidade de Hírie, trocando o nome de Cretenses pelo de Iapígios-Messápios, deixando de ser insulares para se tornarem habitantes do continente. Dessa cidade saíram mais tarde expedições para fundar novas colônias em outras partes. Tempos depois, os Tarentinos tentaram destruí-la, sendo completamente desbaratados, transformando-se a luta pela posse da cidade numa tremenda carnificina para os Tarentinos e para os habitantes de Régio, a maior já experimentada pelos povos gregos. Os habitantes de Régio, forçados por Micito, filho de Caros, a marchar em socorro dos Tarentinos, perderam, nessa ocasião, três mil homens, ignorando-se o montante das perdas sorridas pelos Tarentinos. Quanto a Micito, que era servidor de Anaxilas, deixou-se ficar em Régio para tratar dos seus negócios; mas, obrigado a abandonar a cidade, foi se estabelecer em Tégea, na Arcádia, ali consagrando grande número de estátuas a Olímpia.

171 — Dizem os Présios que, estando a ilha de Creta deserta, elementos de vários povos ali foram estabelecer-se, contando-se entre eles muitos gregos, e que foi na terceira geração destes últimos que se verificou a guerra de Troia, muito depois da morte de Minos, não tendo os Cretenses mostrado muita pressa em dar socorro a Menelau. Acrescentam os Présios que os Cretenses, ao regressarem de Troia, foram, por essa razão, atacados de peste e de fome, juntamente com os seus rebanhos. Ficando Creta despovoada pela terceira vez, ali veio estabelecer-se um terceiro grupo de colonos, hoje ocupantes da ilha, unindo-se aos sobreviventes do flagelo. Lembrando-lhes tais desgraças, a pitonisa dissuadiu-os de prestar auxílio aos Gregos contra os Persas.

172 — Os Tessálios seguiram, por necessidade, o partido dos Medos, pois que estes lhes fizeram ver que desaprovavam as intrigas dos Aleuades. Assim que souberam que o soberano persa estava prestes a passar para a Europa, enviaram embaixadores ao istmo, onde tinha lugar uma reunião de deputados da Grécia, escolhidos pelas cidades que se mostravam mais dispostas a defendê-la. Os embaixadores tessálios, chegando ao istmo, assim se expressaram perante os deputados gregos: “Gregos, é preciso guardar a passagem do Olimpo, a fim de salvar da guerra a Tessália e toda a Grécia. Da nossa parte, estamos prontos a fazê-lo, mas é necessário que envieis também forças consideráveis. Se não o fizerdes, podeis estar certos de que entraremos em entendimento com o soberano persa, pois não é justo sermos sacrificados por vossa causa, somente por estarmos colocados na parte mais oriental da Grécia. Se nos recusais socorro, não podeis obrigar-nos a dar-vos, e temos de procurar os meios de prover a nossa segurança”.

173 — Ante essa declaração dos embaixadores tessálios, os Gregos resolveram enviar por mar à Tessália forças de terra para guardar a passagem. Chegando a Alos, na Acaia, as tropas gregas desembarcaram e puseram-se em marcha em direção à Tessália, indo ter a Tempeia, onde se encontra a passagem que conduz à Baixa Macedônia, na Tessália, perto do Peneu, entre o Olimpo e o Ossa. Essas tropas gregas, em número de dez mil, aproximadamente, muito bem armadas, acamparam no referido local, indo juntar-se a elas a cavalaria tessália. Eveneto, filho de Careno, um dos polemarcas, tinha sido escolhido para comandar as forças lacedemônias, embora não fosse de sangue real. Temístocles, filho de Néocles, achava-se à frente dos Atenienses. Essas forças permaneceram poucos dias naquele lugar, pois os enviados de Alexandre, filho de Amintas, rei da Macedônia, aconselharam-nas a retirar-se, com receio de que, encurralados no desfiladeiro, ali fossem esmagadas pelo inimigo que avançava sobre elas e cuja força muito bem conheciam. Os Gregos seguiram o conselho, julgando-o proveitoso e considerando boas as intenções do rei da Macedônia. Penso, entretanto, que assim agiram levados pelo medo, desde que souberam existir, para entrar na

Tessália, outra passagem pelo país dos Perrebos, do lado da Alta Macedônia, perto da cidade de Gonos. E foi realmente por aí que penetrou o exército de Xerxes. As tropas gregas retornaram aos navios e fizeram-se à vela em direção ao istmo.

174 — Esse movimento verificou-se na Tessália, na ocasião em que o soberano se dispunha a passar da Ásia para a Europa e já se encontrava em Abido. Os Tessálios, vendo-se abandonados pelos aliados, não hesitaram em tomar o partido dos Persas, a eles aderindo com o maior empenho e prestando ao soberano importantes serviços.

175 — Os Gregos, de volta ao istmo, reuniram-se para deliberar, segundo o conselho de Alexandre, sobre de que maneira deviam fazer a guerra e qual o melhor local de ação. O alvitre aceito foi o de guardarem a passagem das Termópilas, pois esta parecia ser mais estreita do que aquela que dá acesso à Macedônia, na Tessália, ficando também mais próxima do que a outra. Tomaram a resolução de ocupar essa passagem, a fim de fechar aos bárbaros a entrada da Grécia. Quanto à força naval, decidiram enviá-la para o Artemísio, nas costas da Histiótida. Esses dois pontos (as Termópilas e o Artemísio) ficam perto um do outro, de maneira que as forças de terra e de mar poderiam manter-se em contato.

176 — O Artemísio se retrai ao deixar o mar da Trácia, tornando-se um pequeno estreito, entre a ilha de Cíato e as costas de Magnésia. Depois do estreito da Eubeia, corre ladeado por um terreno onde existe um templo dedicado a Diana e ao penetrar na Grécia pela Traquínia, apresenta uma reduzida dimensão. A passagem mais estreita que há no país é a que fica à frente e atrás das Termópilas, pois atrás, perto de Alpenes, não pode passar senão uma carroça, e à frente, perto do riacho de Fênix e da cidade de Antela, não há passagem senão para uma pequena viatura. A oeste das Termópilas encontra-se uma montanha escarpada e inacessível, que se estende até o monte Eta. O caminho a leste é limitado pelo mar, por pântanos e barrancos. Nessa passagem existem fontes de água quente, de que se servem os habitantes para banhos e que denominam *chatres*, junto às quais ergue-se um altar consagrado a Hércules. Essa passagem era fechada por uma muralha, na qual haviam aberto portas. Os habitantes da Fócida tinham-na construído por temor aos Tessálios, que tinham vindo da Tesprócia para estabelecer-se na Eólida, ainda hoje em poder dos mesmos. Tomaram essa precaução porque os Tessálios manifestavam intenções de subjugá-los, e dessa passagem fizeram, então, uma espécie de conduto para as águas quentes das fontes, tomando medidas para fechar por esse ponto a entrada para o seu país, medidas essas visando principalmente os Tessálios. A muralha, muito antiga, tinha tombado em parte; mas os Gregos ergueram-na de novo, com o propósito de repelir os bárbaros por esse lado. No burgo existente perto da passagem pretendiam eles abastecer-se de víveres.

177 — Depois de haverem considerado e examinado todos os pontos de acesso à região, os Gregos julgaram este último mais propício à defesa, porque os bárbaros não podiam fazer uso da cavalaria naquele terreno, e a infantaria estaria impossibilitada de penetrar em grupos maciços, perdendo muito da sua eficiência. Escolheram, pois, aquele ponto para sustentar o ataque das forças inimigas. Logo que souberam da chegada do soberano persa à Piéria, partiram do istmo, dirigindo-se, uns para as Termópilas, por terra, e outros para Artemísio, por mar.

178 — Enquanto preparavam-se apressadamente para defender-se nos dois referidos pontos, os habitantes de Delfos, inquietos pela sorte da Grécia e pela sua própria, consultaram o seu deus. A

pitonisa ordenou-lhes que dirigissem preces aos Ventos, que seriam poderosos defensores da Grécia. Recebendo essa resposta, os Délfios comunicaram-na a todos os gregos mais ciosos da sua liberdade e ergueram um altar aos Ventos, em Tia, onde existe um local consagrado à filha de Cefisse, que deu o seu nome ao cantão.

179 — Enquanto a força naval de Xerxes partia da cidade de Terma, dez navios, os melhores veleiros da frota, seguiram direto à ilha de Cíato, onde os Gregos possuíam três navios de observação, um de Trezena, outro de Egina e outro de Atenas. Percebendo de longe as embarcações dos bárbaros, os navios gregos puseram-se imediatamente em fuga.

180 — As embarcações persas perseguiram-nos, capturando primeiramente o navio de Trezena, comandado por Praxino. Estrangularam na proa da embarcação o mais belo homem da equipagem, considerando um presságio feliz ser um homem assim o primeiro grego por eles apanhado. Esse homem chamava-se Leão, sendo, talvez, essa a razão pela qual o trataram com tanta violência.

181 — O trirreme de Egina, comandado por Asonida, causou alguns embaraços aos bárbaros devido ao valor de Pites, filho de Isquenos, um dos seus defensores. Embora o navio fosse capturado, Pites não cessou de combater, até ser atingido por um golpe de machado, caindo semi-morto. Vendo que ele ainda respirava, os persas que combatiam no navio, admirando-lhe a coragem, resolveram preservar-lhe a vida, pensando-o com mirra e envolvendo os ferimentos com tiras de bisso. De volta ao acampamento, mostraram-no, com admiração, a todo o exército, e dispensaram-lhe toda sorte de atenções, enquanto tratavam como vis escravos os demais tripulantes do navio capturado.

182 — O terceiro navio, que tinha por comandante Formo de Atenas, logrou escapar, indo encalhar na embocadura do Peneu; mas os bárbaros dele se apoderaram finalmente, sem que contudo tivessem podido capturar os que o tripulavam, pois eles o abandonaram logo que encalhou, evadindo-se para Atenas, através da Tessália. Os Gregos estacionados no Artemísio foram informados do acontecimento por meio dos sinais feitos com fogo na ilha de Cíato. Tomados de pânico, abandonaram o Artemísio, retirando-se para Cálcis, a fim de guardar a passagem do Euripo. Deixaram, porém, patrulhas nos pontos elevados da Eubeia, para observar os movimentos do inimigo.

183 — Dos dez navios persas, três chegaram ao escolho denominado Mirmécio, entre a ilha de Cíato e a Magnésia, onde seus tripulantes ergueram uma coluna de pedra que haviam trazido. Entretanto, a frota, partindo de Terma, avançou para aquele ponto, onze dias depois da partida de Xerxes desse mesmo local. Pâmon, de Ciros, foi quem lhes indicou esse rochedo, que se encontrava na sua passagem. Os navios dos bárbaros gastaram um dia inteiro para contornar a costa da Magnésia, chegando a Sépias e à orla marítima entre a cidade de Castaneia e Sépias.

184 — Até esse ponto e até as Termópilas, a frota de Xerxes não havia encontrado empecilhos sérios no seu caminho. Compunha-se ela, então, de mil duzentos e sete navios vindos da Ásia, com uma equipagem de duzentos e quarenta e um mil e quatrocentos homens de diferentes nações, contando-se duzentos por navio. Além dessas tropas, fornecidas pelos que haviam dado os navios, havia ainda, em cada um deles, trinta combatentes persas, medos e sácios, num total de trinta e seis mil duzentos e dez homens. A todas essas tropas devemos acrescentar os tripulantes dos navios de

cinquenta remos, dando-se oitenta homens para cada um, perfazendo um total de duzentos e quarenta mil homens. A força naval vinda da Ásia compunha-se, ao todo, de quinhentos e dezessete mil seiscentos e dez homens, e o exército de terra de um milhão e setecentos mil homens de infantaria e oitenta mil de cavalaria, aos quais devemos acrescentar os árabes, que conduziam os camelos, e os líbios, com seus carros, num total de vinte mil homens. Eram essas as tropas procedentes da Ásia, sem contar os fâmulos que as seguiam, os navios carregados de víveres e os que os tripulavam.

185 — Juntemos ainda a esse número as tropas levantadas na Europa, das quais não posso falar senão por conjectura. Os gregos da Trácia e das ilhas vizinhas forneceram cento e vinte navios, com um total de vinte e quatro mil homens. Quanto às tropas de terra fornecidas pelos Trácios, Peônios, Eordos, Botieus, Calcídios, Brígios, Piérios, Macedônios, Perrebos, Enianos, Dólopes, Magnésios, Aqueus e todos os povos que habitam o litoral da Trácia, montavam elas, ao que penso, a trezentos mil homens. A essas devemos acrescentar as tropas asiáticas, perfazendo um total de dois milhões seiscentos e quarenta e um mil seiscentos e dez homens.

186 — Embora o número dos guerreiros fosse assaz considerável, penso que o dos criados que os seguiam, dos tripulantes dos navios de abastecimento e dos outros serviços da frota era maior ainda, ou pelo menos igual. Xerxes, filho de Dario, conduziu, assim, até Sépias e as Termópilas, cinco milhões duzentos e oitenta e três mil duzentos e vinte homens.

187 — Era esse o total de tropas que o soberano persa lançava contra a Grécia. Quanto às mulheres encarregadas de fazer pão, às concubinas, aos eunucos e outros mais, ninguém saberá dizer o seu número com exatidão, muito menos o dos condutores dos carros de bagagem e das bestas de carga, e o dos cães que acompanhavam o exército, tantos eram eles. Não é de admirar, por conseguinte, o fato de muitos rios não terem sido suficientes para estancar a sede de tantos homens e de tantos animais, e da grande quantidade de trigo e outros alimentos que tinha de ser distribuída cada dia para alimentá-los convenientemente. Entre tão grande número de homens, ninguém pela sua beleza, grandeza de porte e sobranceria era mais merecedor do que Xerxes para deter nas mãos tamanho poder.

188 — A força naval fez-se novamente à vela, dirigindo-se para a costa da Magnésia, entre a cidade de Castaneia e o litoral de Sépias, onde os primeiros navios ancoraram junto à terra e os outros se quedaram a pequena distância. O local não era, realmente, suficientemente vasto para abrigar uma frota tão numerosa, e os navios tiveram de ficar com a proa voltada para o mar, formando oito fileiras compactas, e nessa posição permaneceram durante a noite. Na madrugada do dia seguinte, depois de um tempo sereno e de grande calma, o mar agitou-se, desencadeando-se furiosa tempestade sob o sopro de um forte vento que os habitantes da região denominam helespontino. Os que perceberam o aumento gradativo do vento e que se encontravam na enseada, preveniram-se contra a tempestade, trazendo seus navios para terra. Os outros, porém, surpreendidos em pleno mar, foram impelidos, uns contra as encostas do monte Pélion, denominadas *ipnes*, e outros contra a costa, enquanto que alguns se espatifaram no promontório Sépias, e vários outros foram arrastados para a cidade de Melibeia e para Castaneia, sob a violência do temporal.

189 — Conta-se que tendo um oráculo, respondendo a uma consulta dos Atenienses, aconselhado aos mesmos que chamassem em seu auxílio seu genro, eles dirigiram preces a Bóreas. Bóreas, segundo a tradição grega, desposou uma ateniense de nome Oritiia, filha de Erecteu. Foi essa

aliança, segundo afirmam, que os levou a concluir ser Bóreas o genro a que se referia o oráculo. Assim, encontrando-se com seus navios em Cálcis da Eubeia, para observar os movimentos do inimigo, e percebendo a tempestade que se avizinhava, fizeram sacrifícios a Bóreas e a Oritiia, conjurando-os a socorrê-los e a desbaratar os navios dos bárbaros, como já haviam feito antes nas proximidades do monte Atos. Se foi atendendo a essas preces que Bóreas lançou-se com violência sobre a frota dos bárbaros, é o que não posso afirmar; mas os Atenienses afirmam que Bóreas, tendo-os socorrido antes, auxiliou-os também nessa ocasião. Por isso, quando retornaram à pátria ergueram-lhe uma capela às margens do Ilisso.

190 — Pelo menos quatrocentos navios foram destruídos pela tempestade, perecendo também um grande número de guerreiros bárbaros e perdendo-se imensas riquezas. A destruição causada na frota trouxe reais vantagens para Aminocles, filho de Cretines, da Magnésia, que possuía propriedades nas cercanias do promontório Sépias. Algum tempo depois, recolheu ele grande quantidade de vasos de ouro e de prata que o mar impelira para a costa. Encontrou também valiosos tesouros persas e apossou-se de uma grande quantidade de ouro, tudo resultante do naufrágio das embarcações dos persas. Aminocles tornou-se muito rico em consequência disso; mas não era feliz, pois, tornando-se o matador de seu próprio filho, passou o resto dos seus dias devorado por cruel mágoa.

191 — A perda dos navios que transportavam víveres e outros mantimentos de guerra foi também vultosa. Os comandantes da frota, receando que os Tessálios se aproveitassem do desastre para atacá-los, fortificaram-se atrás de uma alta paliçada construída com os destroços das embarcações, aguardando o fim da tempestade, que durou três dias. Finalmente, no quarto dia, os magos lograram aplacá-la imolando vítimas aos Ventos, realizando cerimônias em sua honra e oferecendo sacrifícios a Tétis e às Nereidas. É possível também que o temporal se tenha acalmado por si mesmo. Ofereceram sacrifícios a Tétis por terem sido informados pelos Iônios de que ela fora levada desse cantão por Peleu e que toda a costa de Sépias lhe era consagrada. De uma maneira ou de outra, o vento cessou no quarto dia.

192 — Os patrulheiros, vindos dos pontos mais altos da Eubeia no segundo dia, puseram os Gregos a par de tudo quanto havia acontecido com relação ao naufrágio, e estes, tomando conhecimento do fato, fizeram libações a Netuno Salvador, e, depois de haver-lhe rendido graças, voltaram, sem demora, para Artemísio, na esperança de ali encontrar ainda alguns navios inimigos. Desde então, passaram os Gregos a dar a Netuno o sobrenome de Salvador, que ainda hoje se conserva na Grécia.

193 — Amainando o vento e acalmando-se as vagas, os bárbaros reconduziram seus navios para o alto mar e costearam o continente. Depois de dobrarem o promontório de Magnésia, dirigiram-se diretamente ao golfo que leva a Págasa. Foi num ponto desse golfo que, segundo se conta, Jasão e os outros argonautas, que iam a Ea, na Cólquida, em busca do velo de ouro, abandonaram Hércules, que havia descido à terra à procura de água.

194 — Quinze navios da frota de Xerxes, que navegavam um pouco atrás dos outros, perceberam os Gregos postados em Artemísio, e, julgando tratar-se de unidades persas, foram ao seu encontro. Esse destacamento era comandado por Sandoces, filho de Taumásias, governador de Cime, na Eólia. Sandoces havia sido um dos juízes reais, e Dario mandara pô-lo na cruz, sob a acusação de

suborno num julgamento. Já se achava ele na cruz, quando o soberano, considerando que os serviços que ele havia prestado à casa real eram maiores que as faltas que cometera e reconhecendo que havia agido com precipitação, mandou libertá-lo. Assim, Sandoces salvou-se da morte a que havia sido condenado por Dario; mas, indo cair no meio da frota inimiga, não conseguira subtrair-se à pena uma segunda vez. Os Gregos, com efeito, logo que viram aqueles navios aproximar-se, compreenderam o engano e caíram sobre eles, capturando-os com facilidade.

195 — Aridólis, tirano de Alabanda, na Cária, foi aprisionado num desses navios, e Pentilo, filho de Demono, de Pafo, num outro. Dos doze navios de Pafo, que ele comandava, onze perderam-se em consequência da tempestade que se desencadeou sobre o promontório Sépias, sendo ele aprisionado, juntamente com a única embarcação que lhe restava, quando nela se dirigia para Artemísio. Os Gregos enviaram, acorrentados, os tripulantes para o istmo de Corinto, depois de interrogá-los sobre tudo que desejavam saber acerca do exército de Xerxes.

196 — A força naval dos bárbaros chegou a Afetas, com exceção dos quinze navios comandados, como já disse, por Sandoces. Xerxes, com o exército de terra, tendo atravessado a Tessália e a Acaia, penetrou nas terras dos Málios. Ao passar pela Tessália, lançou sua cavalaria contra a dos Tessálios, tida como a melhor de toda a Grécia, impondo-lhe duro revés. De todos os rios da Tessália, o Onocono foi o único que não bastou para matar a sede dos componentes do grande exército.

197 — Quando Xerxes chegou a Alos, na Acaia, seus guias, sempre empenhados em pô-lo a par de tudo, fizeram-no ciente do que se contava nesse país com relação ao local consagrado a Júpiter Lafístio, contando-lhe que Atamas, filho Éolo, tendo tramado com Ino a perda de Frixo, o castigo dessa sua ação recaiu sobre os seus descendentes, por ordem de um oráculo. Os Aqueus interditaram ao primogênito dessa família a entrada no Pritaneu, que eles denominam Leito, e fiscalizaram rigorosamente o cumprimento dessa ordem. Se, apesar de tudo, o primogênito ali entrar, não pode sair senão para ser imolado. Muitos dos que, violando o cumprimento da lei, deviam ser imolados — acrescentaram os guias —, fugiram, receosos, para outro país; mas, se mais tarde retornassem à pátria, seriam presos e levados para o Pritaneu. Conduzida ruidosamente para aquele local, a vítima, toda envolvida em tiras de pano, era ali sacrificada. Os descendentes de Citissore, filho de Frixo, sofreram essa pena porque Citissore, ao regressar de Ea, cidade da Cólquida, libertou Atamas das mãos dos Aqueus, que estavam em vias de sacrificá-lo para purificar o país, segundo a ordem que haviam recebido de um oráculo. Com isso, Citissore atraiu sobre seus descendentes a cólera do deus. Ciente desses fatos pela narrativa dos guias, Xerxes, atingindo o bosque consagrado ao deus, absteve-se de ali penetrar, proibindo, igualmente, as tropas de fazê-lo, testemunhando assim o mesmo respeito pela casa dos descendentes de Atamas.

198 — Passando pela Tessália e Acaia, Xerxes dirigiu-se para o país dos Málios, nas proximidades de um golfo, onde se observam todos os dias o fluxo e o refluxo da maré. Nas vizinhanças desse golfo encontra-se uma planície muito larga em certo ponto e bastante estreita em outro. Montanhas elevadas e inacessíveis, denominadas Rochas Traquínias, erguem-se em torno do país. Antícira é a primeira cidade que encontramos no golfo, vindo da Acaia. O rio Esperqueu, que corre do país dos Enianos, banha essa cidade, desembocando no mar, perto da mesma. A vinte estádios desse rio encontra-se um outro, chamado Diras, o qual, segundo dizem, brotou da terra para com suas águas socorrer Hércules, que se queimava. A outros vinte estádios do Diras fica o Melas,

distante cinco estádios da cidade de Tráquis.

199 — É nesse trecho que o país apresenta sua maior largura. Uma planície de vinte e dois mil pletros estende-se das montanhas perto das quais está situada a cidade de Tráquis, até o mar. Nas montanhas que circundam a Traquínia existe, ao sul de Tráquis, uma abertura, por onde passa o Asopo.

200 — Ao sul do Asopo corre o Fênix, pequeno rio que nasce nas montanhas e se lança no próprio Asopo. O país, na região do Fênix, é muito estreito. O caminho que ali abriram só permite a passagem de um carro. A distância entre o Fênix e as Termópilas é de quinze estádios. Nesse intervalo fica o burgo de Antela, banhado pelo Asopo, que perto dali se precipita no mar. Em torno o terreno se alarga. Vê-se ali um templo de Ceres Anfictiônida, assentos para os anfictiões e um templo do próprio Anfictião.

201 — Xerxes acampou em Mális, na Traquínia, e os Gregos perto do desfiladeiro, conhecido como desfiladeiro das Termópilas pela maioria dos habitantes da Grécia e das terras vizinhas. O exército dos bárbaros ocupava todo o terreno que se estende para o norte até Tráquis, e o dos gregos, a parte do continente voltada para o sul.

202 — As tropas gregas que aguardavam o rei da Pérsia nesse ponto consistiam em trezentos espartanos muito bem armados; mil tegeatas e mantineus; cento e vinte homens de Orcomenes, na Arcádia, e outros mil homens do resto da Arcádia; quatrocentos coríntios; dois flionteus e oitenta micênios. Essas tropas vinham do Peloponeso. Havia ainda vinte beócios, setecentos téspios e quatrocentos tebanos.

203 — Além dessas tropas, haviam os Gregos convidado a tomar parte na luta todos os guerreiros dos Lócrios-Opontinos e mil focídios. Solicitando o seu auxílio, os Gregos asseguraram-lhes, pelos seus emissários, que já se haviam posto em campo; que estavam aguardando para todo momento a chegada do resto dos aliados; que o mar seria guardado pelos Atenienses, Eginetas e outros povos que compunham a força naval; que não deviam ter motivos para receio, pois não era um deus que vinha atacá-los, mas um simples mortal, sujeito, como qualquer mortal, a um revés, e que, portanto, seus intentos poderiam ser frustrados. Esse arrazoado dos Gregos encorajou aqueles dois povos a enviar tropas a Tráquis, para socorrer seus aliados.

204 — Cada corpo de tropas era comandado por um general do respectivo país; mas Leônidas, da Lacedemônia, era o que gozava de maior prestígio, cabendo-lhe, por conseguinte, o comando geral de todas as forças. Entre os seus ancestrais figuravam Anaxandrides, Leão, Euricratides, Anaxandro, Eurícrates, Polidoro, Alcâmenes, Teleclo, Arquelau, Agesilau, Dorisso, Leobotes, Equestrato, Ágis, Eurístenes, Aristodemo, Aristômaco, Cleodeu, Hilo e Hércules.

205 — Leônidas conquistou a coroa sem esperar. Sendo Cleómenes e Dorieu, seus irmãos, mais velhos do que ele, nunca pensou tornar-se rei algum dia; mas, tendo Cleómenes morrido sem deixar filhos, enquanto que Dorieu já havia falecido na Sicília, Leônidas, que havia desposado uma filha de Cleómenes, subiu ao trono, por ser o primogênito de Cleômbroto, filho mais jovem de Anaxandrides. Partindo para as Termópilas, escolheu ele para acompanhá-lo trezentos espartanos na flor da idade e todos com filhos. Levou também consigo tropas tebanas, cujo número já tive ocasião de mencionar. Essas tropas eram comandadas por Leontíades, filho de Eurímaco. Os tebanos foram

os únicos gregos que Leônidas se empenhou em conduzir à luta, porque eram acusados de inclinar-se para a causa dos Medos. Ele os convidou para tomar parte na guerra, a fim de ver se eles enviariam tropas ou se renunciariam abertamente à aliança com os Gregos. Eles enviaram tropas, embora estivessem mal-intencionados.

206 — Os Espartanos enviaram na frente Leônidas, com seus trezentos homens, a fim de encorajar com essa conduta o resto dos aliados e com receio de que eles abraçassem a causa dos Persas, vendo a lentidão dos primeiros em socorrer a Grécia. A festa das Cárnias impedia-os, então, de se porem em marcha com todas as suas forças, mas pretendiam partir logo após, deixando em Esparta apenas um pequeno número de soldados para guardar a cidade. Os outros aliados alimentavam o mesmo propósito, encontrando-se na mesma situação, pois chegara a época dos Jogos Olímpicos; e como não esperavam combater tão cedo nas Termópilas, tinham-se limitado a enviar um pequeno número de tropas de vanguarda.

207 — Entretanto, as tropas gregas que já se encontravam nas Termópilas, tomadas de pânico ante a aproximação dos Persas, puseram-se a discutir se deviam ou não abandonar aquela posição. Os Peloponésios eram de parecer que deviam regressar ao Peloponeso para guardar o istmo; mas Leônidas, vendo que os focídios e os lócrios se mostravam indignados com isso, opinou que ali deviam permanecer, ficando resolvido enviarem-se correios a todas as cidades aliadas para solicitar auxílio contra as forças persas, pois os que ali se encontravam eram em número insuficiente para resistir a um choque com os invasores.

208 — Enquanto assim deliberavam, Xerxes enviou um dos seus cavaleiros para fazer um reconhecimento da situação das tropas gregas e sobre o número das mesmas. Ele tinha ouvido dizer, quando se encontrava na Tessália, que um pequeno corpo de tropas se havia concentrado naquela passagem, e que os lacedemônios, comandados por Leônidas, da raça de Hércules, formavam o grupo vanguardeiro. O cavaleiro, aproximando-se do local onde se achavam as forças gregas, examinou-as cuidadosamente; mas não pôde ver as tropas que se encontravam atrás da muralha ali erguida. Percebeu somente as que haviam acampado diante da muralha. Os lacedemônios guardavam esse posto. Nesse momento, uns ocupavam-se com exercícios gímnicos, enquanto que outros penteavam os cabelos, espetáculo que muito o surpreendeu. Depois de ter calculado o número deles e examinado atentamente o local, o cavaleiro persa regressou ao seu acampamento, sem ser perseguido, pois ninguém dera pela sua presença.

209 — De regresso ao seu posto, o cavaleiro fez a Xerxes um relato minucioso de tudo o que havia visto e observado. Diante do exposto, o soberano não pôde admitir que os Gregos se dispusessem a enfrentar, daquela forma, o perigo e a morte, parecendo-lhe sobremodo ridícula tal maneira de agir. Mandou chamar Demarato, filho de Aríston, que se achava no acampamento, e quando este chegou interrogou-o sobre a conduta dos lacedemônios em tão perigosa situação. "Senhor — respondeu Demarato —, quando encetamos a marcha contra a Grécia eu vos falei sobre esse povo, dizendo-vos da atitude que ele assumiria ante o perigo de um ataque, e nenhuma atenção destes às minhas palavras. Embora incorra no risco de desagradar-vos, quero que saibais a verdade e peço-vos que me escuteis. Aqueles homens que ali se encontram estão dispostos a vedar-vos a passagem, e para isso se preparam, pois os Lacedemônios têm o costume de tratar dos cabelos quando em vésperas de arriscar a vida numa empreitada. Se conseguirdes subjugar esses homens e os que se encontram em Esparta, podeis estar certo, senhor, que nenhuma outra nação ousará mais

erguer-se contra vós, já que os Espartanos, contra os quais agora marchais, são o povo mais valoroso da Grécia, e o seu reino e a sua cidade os mais florescentes e belos de todo o país". Xerxes, não podendo dar fé a essas palavras, perguntou, ainda uma vez, de que maneira os gregos, sendo em número tão reduzido, poderiam fazer frente ao seu poderoso exército. "Senhor — volveu Demarato —, podeis considerar-me um impostor se não acontecer tal como vos digo".

210 — O soberano, todavia, não se deu por convencido, e deixou passar quatro dias, esperando que os gregos se pusessem em fuga. Finalmente, no quinto dia, vendo que eles se mantinham firmes no seu posto e decididos a resistir-lhe, sentiu-se tomado de cólera e enviou contra eles um destacamento de medos e de císsios, com ordem de capturá-los e trazê-los à sua presença. Os medos lançaram-se impetuosamente sobre os gregos, mas foram repelidos com grandes baixas. Novas tropas vieram à carga, e os defensores gregos, embora fortemente castigados, não recuaram. Então todos compreenderam claramente, inclusive o próprio Xerxes, que os Persas possuíam muitos homens mas poucos soldados. O combate prolongou-se durante todo o dia.

211 — Vendo-se rudemente repelidos em todos os assaltos, os medos retiraram-se, sendo substituídos por tropas persas, cujos componentes eram, pelo rei, denominados Imortais e comandados por Hidarnes. Essas tropas atiraram-se sobre o inimigo, seguras da vitória; mas não lograram maiores vantagens que os medos. Sendo suas lanças mais curtas que as dos gregos e desenrolando-se a luta num sítio estreito, não puderam fazer valer o seu maior número. Os lacedemônios combateram de maneira admirável, fazendo ver que eram hábeis e os inimigos muito ignorantes na arte militar. Todas as vezes que lhes voltavam as costas, eles, julgando que se tratava de um fuga, punham-se a persegui-los. Então os gregos, fazendo meia-volta, enfrentavam-nos de novo e desbaratavam-nos. Por fim, os persas, vendo que, não obstante seus reiterados ataques, não conseguiam assenhorear-se da passagem, resolveram retirar-se.

212 — Conta-se que o soberano persa, que observava o combate, receando pela sorte do seu exército, ergueu-se do trono por três vezes. Tal o resultado desse primeiro choque. Os bárbaros não conseguiram melhores resultados na segunda sortida que tentaram. Gabavam-se, porém, de os gregos não poderem mais erguer as mãos, em vista dos ferimentos recebidos na refrega. Os gregos, todavia, colocando-se em ordem de batalha por nações e por batalhões, continuaram combatendo cada qual por sua vez, com exceção dos focídios, que se mantinham no alto da montanha guardando o atalho. Os persas, vendo que não obtinham melhor êxito que no dia anterior, retiraram-se para as suas posições.

213 — Mostrava-se Xerxes muito preocupado com essa situação, quando Efialtes, málio de nascimento e filho de Euridemo, veio procurá-lo na esperança de obter uma boa recompensa. Esse traidor indicou ao soberano o atalho que conduz, pela montanha, às Termópilas, tornando-se, assim, o causador da perda dos gregos que guardavam essa passagem. Praticada essa vil ação, refugiou-se na Tessália, para se pôr a coberto da vingança dos Lacedemônios; mas, embora fugisse, sua cabeça foi posta a prêmio pelos pilágoras, numa assembleia dos anfictiões em Pilas, e certo dia, vindo ele a Antícira, foi morto por um traquínio chamado Atenades. Este matou-o, porém, por um outro motivo, de que falarei depois; mas não deixou, por isso, de receber dos Lacedemônios a recompensa prometida.

214 — Dizem também ter sido Onetes de Carista, filho de Fanágoras, e Coridalo de Antícira que revelaram a Xerxes a existência da outra passagem e conduziram os persas em redor da

montanha. Não dou fé a essa versão, apoiando-me, por um lado, no fato de os pilágoras gregos não terem posto a prêmio a cabeça de Onetes, nem a de Coridalo, mas a de Efialtes, o que por certo só fizeram depois de estarem seguramente informados sobre o verdadeiro culpado; e por outro lado, na circunstância de Efialtes ter fugido logo depois. Na verdade, é bem possível que Onetes conhecesse o atalho; mas quem conduziu os persas através da montanha foi, evidentemente, Efialtes, e é a ele que eu acuso de tal crime.

215 — A revelação feita por Efialtes e o plano por ele apresentado animaram muito a Xerxes, enchendo-o de satisfação. Sem perda de tempo, enviou ele Hidarnes com suas tropas para o ponto indicado, confiante no resultado da missão. O general partiu do acampamento na hora em que se acendem os fachos. Os Málios, habitantes da região, haviam descoberto o atalho e por ali tinham conduzido os Tessálios contra os Focídios, quando estes, tendo fechado com uma muralha a passagem das Termópilas, se haviam posto a coberto das incursões daqueles. Por muito tempo esse atalho não tivera nenhuma utilidade para os Málios.

216 — O atalho começa no Asopo, que corre pela abertura da montanha que tem o nome de Anopeia, e termina na cidade de Alpena, a primeira do país dos Lócrios, do lado dos Málios, perto da rocha denominada Melampiges e da localidade dos Cercopes. É nesse ponto que a passagem se apresenta mais estreita.

217 — As tropas persas, tendo atravessado o Asopo, perto do desfiladeiro, caminharam durante toda a noite, tendo à direita os montes dos Eteus, e à esquerda os dos Traquínios. Já se encontravam no alto da montanha, quando o dia começou a clarear. Como já disse, achavam-se concentrados nesse ponto mil focídios muito bem armados, para defender seu país da invasão dos bárbaros e para guardar o atalho. A passagem inferior era defendida pelas tropas de que já falei, e os Focídios se haviam oferecido a Leônidas para guardar o atalho.

218 — Os persas galgaram a montanha sem serem percebidos, protegidos pelos carvalhos que ali cresciam em abundância. O tempo estava calmo, e os focídios finalmente os descobriram pelo ruído que faziam ao pisar as folhas das árvores espalhadas pelo chão. Erguendo-se incontinênti, muniram-se de suas armas, e nesse instante surgiram os bárbaros. Estes, que não esperavam encontrar inimigos, ficaram surpresos à vista de um corpo de tropas bem armadas. Hidarnes, receando tratar-se de lacedemônios, perguntou a Efialtes de que país eram aquelas tropas. Recebendo a resposta, dispôs os persas em ordem de batalha. Os focídios, estonteados por uma nuvem de flechas, fugiram para o alto da montanha, e julgando que aquelas tropas tinham vindo expressamente para atacá-los, prepararam-se para recebê-las como homens que não receiam a morte. Todavia, Hidarnes, e os persas, guiados por Efialtes, desceram apressadamente a montanha, deixando-os em paz.

219 — O adivinho Megístias, tendo consultado as entranhas das vítimas, comunicou aos gregos que guardavam o desfiladeiro das Termópilas, que eles deviam perecer no dia seguinte, ao romper da aurora. Logo depois, trânsfugas os advertiram sobre os movimentos dos persas em torno da montanha. Era ainda noite quando receberam essa notícia. Quando o dia clareou, os focídios deixaram o alto da montanha. Num conselho reunido para estudar a situação as opiniões divergiram, sendo uns de parecer que se devia permanecer no posto, enquanto que outros optavam por uma retirada. Separaram-se depois dessa deliberação; uns partiram e dispersaram-se pelas suas respectivas cidades, outros permaneceram com Leônidas.

220 — Dizem que foi o próprio Leônidas quem decidiu mandá-los embora, a fim de não expô-los a uma morte certa, considerando, entretanto, que, por uma questão de honra, nem ele nem os espartanos que ali se achavam podiam retirar-se, encarregados, como tinham sido, de guardar a passagem. Sinto-me mais inclinado a crer que Leônidas, notando o desencorajamento dos aliados e vendo-os pouco dispostos a correrem o mesmo perigo que os espartanos, ordenou-lhes que se retirassem. Quanto a ele próprio, achou, sem dúvida, que seria vergonhoso fazer o mesmo, e que, permanecendo no seu posto, adquiriria para si uma glória imortal, e para Esparta uma felicidade perene; pois a pitonisa, respondendo a uma consulta dos espartanos no começo da guerra, tinha declarado que seria preciso que a Lacedemônia fosse destruída pelos bárbaros ou que o seu rei perecesse. A resposta estava assim concebida em versos hexâmetros. "Cidadãos da vasta Esparta, ou vossa célebre cidade será destruída pelos descendentes de Perseu, ou toda a Lacedemônia chorará a morte de um rei descendente de Hércules. Nem a força dos touros nem a dos leões poderá sustentar o choque impetuoso do Persa, que tem o poderio de Júpiter. Não. Ninguém será capaz de resistir-lhe". Prefiro supor que as reflexões de Leônidas sobre esse oráculo e a glória dessa façanha que ele queria reservar somente para os espartanos levaram-no a dispensar os aliados, a acreditar terem sido estes de parecer contrário ao seu e que se tenham retirado por covardia.

221 — Esta crença encontra forte base no fato de ter Leônidas não somente feito partir os aliados, como também enviado na companhia deles o adivinho Megístias de Acarnânia, a fim de que o mesmo não perecesse com ele. Esse adivinho descendia, ao que se diz, de Melampo, e fora ele quem, analisando as entranhas das vítimas, predissera o que veio a acontecer. Megístias, porém, não o abandonou, contentando-se em enviar de volta o filho único, que o havia acompanhado na expedição.

222 — Os aliados se retiraram por obediência a Leônidas. Os tebanos e os téspios permaneceram com os lacedemônios; os primeiros contra a vontade, porquanto Leônidas os retivera para servirem de reféns. Os téspios permaneceram voluntariamente, declarando-se dispostos a não abandonar jamais Leônidas e os espartanos, e pereceram com eles. Eram comandados por Demófilo, filho de Diadromas.

223 — Xerxes fez libações ao nascer do sol, e, depois de haver esperado algum tempo, pôs-se em marcha na hora em que o mercado costuma estar cheio de gente, como lhe havia recomendado Efialtes. Descendo a montanha, os bárbaros e o soberano aproximaram-se do ponto visado. Leônidas e os gregos, marchando como para uma morte certa, avançaram muito mais do que haviam feito antes, até o ponto mais largo do desfiladeiro, já sem a proteção da muralha. Nos encontros anteriores não haviam deixado os pontos mais estreitos, combatendo sempre ali; mas neste dia, a luta travou-se num trecho mais amplo, ali perecendo grande número de bárbaros. Os oficiais destes últimos, colocando-se atrás das fileiras com o chicote na mão, impeliam-nos para a frente à força de chicotadas. Muitos caíram no mar, onde encontraram a morte, enquanto que inúmeros outros pereceram sob os pés de seus próprios companheiros. Os gregos lançavam-se contra o inimigo com inteiro desprezo pela vida, mas vendendo-a a alto preço. A maioria deles já tinha as suas lanças partidas, servindo-se apenas das espadas contra os persas.

224 — Leônidas foi morto nesse encontro, depois de haver praticado os mais prodigiosos feitos. Com ele pereceram outros espartanos de grande valor, cujos nomes não desconheço. Os persas perderam também muitos homens de primeira categoria, entre os quais Abrocomes e

Hiperantes, ambos filhos de Dario, que os tivera de Fratagunes, filha de Artanes, que era irmão de Dario, filho de Histaspes e neto de Arsames. Como Artanes não possuía outros filhos, todos os seus bens passaram com Fratagunes para Dario.

225 — Esses dois irmãos de Xerxes pereceram ali de armas na mão. Foi violento o combate travado sobre o corpo inanimado de Leônidas. Os persas e os lacedemônios repeliam uns aos outros alternadamente, mas, finalmente, os gregos, depois de haverem posto quatro vezes em fuga o inimigo, conseguiram retirar do campo o corpo do valoroso comandante. A vantagem alcançada pelos gregos durou até a chegada das tropas conduzidas por Efialtes, quando a situação mudou favoravelmente aos persas. Os gregos recuaram para o ponto mais estreito do desfiladeiro. Em seguida, transpondo a muralha, mantiveram-se todos, exceto os tebanos, sobre a colina que se ergue à entrada do desfiladeiro e onde hoje se vê um leão de pedra erigido em homenagem a Leônidas. Os que ainda possuíam espadas, com elas se defendiam; os outros lutavam com as mãos limpas e com os dentes. Mas os bárbaros, atacando-os sem trégua, uns de frente, depois de haverem posto abaixo a muralha, e os outros por todos os lados, depois de os terem envolvido, aniquilaram-nos a todos.

226 — Se bem que todos os lacedemônios e téspios se tivessem conduzido com grande bravura, dizem que Dieneces, de Esparta, a todos suplantou pelo seu valor e desprendimento na luta, citando-se dele uma frase memorável. Antes da batalha, tendo ouvido um traquínio dizer que o sol seria obscurecido pelas flechas dos bárbaros, tão grande era o número deles, respondeu-lhe sem perturbar-se: "Nosso hóspede da Traquínia nos anuncia toda sorte de vantagens. Se os medos cobrirem o sol, combateremos à sombra, sem ficarmos expostos ao seu ardor". De Dieneces contam-se outras coisas semelhantes, que são como outros tantos monumentos por ele legados à posteridade.

227 — Alfeu e Maron, filhos de Orsifante, ambos lacedemônios, foram os que mais se distinguiram depois de Dieneces; e entre os téspios, Ditirambo, filho de Harmatides, foi o que mais se cobriu de glórias.

228 — Foram todos enterrados num mesmo lugar, onde haviam tombado para sempre, e sobre o seu túmulo, bem como sobre o monumento dos que pereceram antes de haver Leônidas mandado embora os aliados, vê-se esta inscrição: "Quatro mil peloponésios combateram aqui contra três milhões de homens". Esta inscrição refere-se a todos, mas a seguinte refere-se particularmente aos espartanos: "Caminhante, vai dizer aos Lacedemônios que aqui repousamos por havermos obedecido às suas leis". Há ainda esta dedicada ao adivinho Megístias: "É aqui o túmulo do ilustre Megístias, morto pelos medos, depois de terem eles atravessado o Espérquio. Não concordou em abandonar os chefes de Esparta, embora soubesse que os Parcas cairiam sobre ele".

Os anfictiões mandaram gravar essas inscrições sobre colunas, a fim de honrar a memória desses bravos; mas a inscrição dedicada ao adivinho Megístias foi mandada gravar por Simônides, filho de Leoprepes, pela grande amizade que lhe dedicava.

229 — Assegura-se que Êurito e Aristodemo, do grupo dos trezentos, tiveram ambos oportunidade de escolher entre retirar-se para Esparta, guardando o leito em Alpenas, em vista da moléstia que lhes atacou os olhos, pois haviam sido, por isso, dispensados por Leônidas, ou voltar ao acampamento e ali perecer, se não quisessem regressar à pátria. Êurito, ante a liberdade de escolha, tomou uma resolução, sem dúvida digna de todos os encômios. Informado da manobra dos persas através da montanha, pediu suas armas e ordenou ao seu ilota que o conduzisse ao campo de

batalha. O ilota, porém, fugia pouco depois, e Êurito, lançando-se à luta, perdeu a vida, enquanto que Aristodemo permanecia covardemente em Alpenas. Se tanto Aristodemo como Êurito se houvessem retirado para Esparta, como lhes foi dado escolher, creio que os Espartanos nada teriam a censurá-los, porquanto a moléstia nos olhos seria uma razão plausível para abandonar o campo da luta. O que encheu de cólera os Espartanos foi o procedimento de Aristodemo, aproveitando a oportunidade para conservar a vida, enquanto que Êurito, podendo tê-la conservado pelas mesmas razões, preferiu sacrificar-se pela segurança dos seus compatriotas.

230 — Enquanto alguns adotam essa versão do que se pode chamar de fuga de Aristodemo para Esparta, aproveitando-se do pretexto acima mencionado, outros afirmam que o exército, tendo-o enviado como delegado a determinado lugar, ele, embora podendo retornar a tempo de tomar parte na batalha, deixou-se ficar propositadamente longe dali, a fim de furtar-se ao combate e dessa maneira conservar a vida.

231 — De regresso à Lacedemônia, Aristodemo foi alvo de acerbas censuras e coberto de opróbrio, sendo por todos considerado como criatura infame, indigna de qualquer consideração. Lançaram sobre ele a pecha de cobarde, negando-se todos a dirigir-lhe a palavra e a prestar-lhe qualquer favor. Mais tarde, porém, Aristodemo conseguiu reabilitar-se na batalha de Plateia.

232 — Conta-se também que Pantites, do grupo dos trezentos, sobreviveu à derrota, por encontrar-se, na ocasião da batalha, na Tessália, onde fora enviado como embaixador; mas, tendo regressado a Esparta e vendo-se desonrado, enforcou-se.

233 — Os tebanos, comandados por Leontíades, combateram contra o exército persa enquanto estiveram com os gregos e a isso se viram forçados; mas, logo que perceberam que a vitória se inclinava para os persas e que os gregos dirigidos por Leônidas haviam sido rechaçados na colina, abandonaram seus companheiros e aproximaram-se dos bárbaros, estendendo-lhes a mão. Afirmaram-lhes terem sido os primeiros a abraçar a causa dos persas e que tinham vindo às Termópilas forçados pelas circunstâncias, não lhes cabendo a mínima culpa pelos primeiros insucessos das armas persas. Essa declaração, que recebeu o apoio dos tessálios, salvou-lhes a vida. Contudo, nem todos tiveram a mesma sorte, pois muitos foram mortos pelos bárbaros ao se aproximarem e sem terem tido tempo de explicar-se, enquanto que muitos outros receberam, por ordem de Xerxes, o estigma real, a começar por Leontíades, seu general. O filho de Leontíades, Eurímaco, que mais tarde se apoderou de Plateia com os quatrocentos tebanos que comandava, foi morto pelos habitantes dessa cidade.

234 — Tal o resultado da batalha das Termópilas. Cessada a luta, Xerxes mandou chamar Demarato, a quem falou nestes termos: “Demarato, és um homem de bem, e a verdade das tuas palavras me deixou plenamente convencido disso, pois o que me disseste foi confirmado pelos fatos. Mas, dize-me agora se é ainda grande o número de lacedemônios que terei de enfrentar e se são todos tão bravos e decididos quanto esses que acabamos de bater em tão dura refrega.” “Senhor — respondeu Demarato —, os lacedemônios são assaz numerosos e possuem muitas cidades. Mas é preciso que definais exatamente o que pretendeis. Esparta, capital do país, conta com uma população de oito mil homens, todos da mesma têmpera dos que combateram aqui. Os outros lacedemônios, embora bravos, não se igualam a estes”. “Indica-me, pois — volveu Xerxes —, a maneira pela qual poderemos subjugá-los com um mínimo de perdas. Tu, que foste o rei deles, deves saber o que

pretendem".

235 — "Oh rei! — retrucou Demarato — Já que pedis com confiança minha opinião, é justo que eu vos diga o que me parece mais acertado. Enviai trezentos navios da vossa frota às costas da Lacônia. Existe, perto dali, uma ilha chamada Citera. Quílon, o homem mais sábio que já tivemos, dizia ser vantajoso para os Espartanos que essa ilha submergisse, pois esperava sempre que ela desse um dia lugar a um plano semelhante ao que agora vos exponho; não porque previsse a vossa expedição, mas porque receava a ação de qualquer outra frota inimiga. Vossos navios devem partir para essa ilha, a fim de espalhar o terror sobre as costas da Lacônia. Os Lacedemônios, vendo a guerra às suas portas, ficarão impossibilitados de prestar socorro ao resto dos gregos quando vós os atacardes com o exército de terra. Submetido o resto da Grécia, a Lacônia não poderá resistir-vos. Se não agirdes da maneira que vos digo, podereis encontrar grandes obstáculos pela frente. À entrada do Peloponeso há um istmo bastante estreito, onde todos os Peloponésios, ligados contra vós, oferecer-vos-ão combates muito mais renhidos do que os que tivestes de sustentar até aqui. Se fizerdes o que vos digo, tornar-vos-eis senhor do istmo e de todas as cidades adjacentes".

236 — Aquêmenes, irmão de Xerxes e um dos comandantes da frota, presente no momento, receando que o soberano se deixasse persuadir pelas afirmações de Demarato, tomou a palavra: "Senhor, vejo que recebeis favoravelmente os conselhos de um homem invejoso da vossa boa fortuna e que traiu os vossos interesses; pois tal é, geralmente, o caráter dos Gregos: têm inveja da felicidade dos outros e detestam os poderosos. Se na situação em que nos encontramos, depois de havermos perdido quatrocentos navios num naufrágio, enviarmos outros trezentos para varrer as costas do Peloponeso, nossos inimigos tornar-se-ão tão fortes quanto nós. Se, ao contrário, nossa frota se mantiver unida, seremos invencíveis, e os Gregos não estarão em condições de resistir-nos. As nossas duas forças devem marchar juntas, a do mar podendo prestar socorro à de terra e vice-versa. Se as separarmos, elas não poderão auxiliar-se mutuamente. Contentai-vos em organizar bem as vossas forças e não vos inquieteis com o que venham a fazer os inimigos. Quanto à maneira como dirigirão a resistência, às medidas que poderão tomar e aos recursos de que dispõem para vos enfrentar, isso diz respeito somente a eles. Se os Lacedemônios derem combate aos nossos, não conseguirão reparar, com isso, a derrota que acabam de sofrer".

237 — "Aquêmenes — observou Xerxes —, teu conselho me parece acertado e sinto-me inclinado a segui-lo; mas estou convencido de que Demarato me propõe o que considera mais vantajoso para mim. Embora o teu parecer se sobreponha ao dele, não posso acreditar que ele esteja mal-intencionado. Suas palavras anteriores, confirmadas pelos acontecimentos, são uma prova da sua fidelidade para conosco. Que um homem, invejoso da felicidade de um seu concidadão e que nutra contra o mesmo um ódio secreto, procure dar-lhe conselhos que não lhe pareçam, de maneira alguma, acertados, é coisa facilmente compreensível. Mas um hóspede deve sempre encarar com simpatia a prosperidade do amigo que o acolhe, e se este o consulta, ele não lhe dará senão bons conselhos. Demarato é meu hóspede, e quero que de ora em diante se abstenham de falar mal dele".

238 — Dando por encerrada a palestra, Xerxes pôs-se a examinar os corpos dos soldados mortos na peleja. Tendo sabido que Leônidas era rei e general dos Lacedemônios, ordenou que lhe cortassem a cabeça e a pregassem num poste. Tal procedimento vale-me como uma prova convincente, entre muitas outras que eu poderia apresentar, de que Leônidas era, em vida, o homem contra o qual Xerxes nutria maior animosidade. Se assim não fosse, não teria, de certo, tratado o seu

cadáver com tanta desumanidade; pois, de todos os homens que conheço, nenhum honra mais os que se distinguem pela bravura do que os Persas.

239 — Os Lacedemônios foram os primeiros a ter conhecimento da marcha de Xerxes contra a Grécia. Ante a notícia, mandaram consultar o oráculo de Delfos, que lhes deu a resposta a que já me referi. O aviso lhes chegou de maneira bastante singular, e quem o deu foi Demarato, filho de Aríston, refugiado entre os Medos. Se Demarato assim agiu para proteger ou para insultar os Lacedemônios, é o que não posso afirmar, porquanto acredito que ele não estava bem intencionado com relação a eles. Como quer que seja, tendo Xerxes resolvido lançar-se contra os Gregos, Demarato, então em Susa, procurou informar os Lacedemônios das intenções do soberano. Mas como lhe faltavam meios para isso e receava ser descoberto, serviu-se do seguinte artifício: tomou de uns tabletes duplos, raspou a cera que os recobria e neles escreveu o aviso com referência aos planos do soberano. Feito isso, cobriu as letras com cera, a fim de que, ocultando as informações neles contidas, o portador não viesse a achar-se em dificuldades, caso fosse detido pelos que guardavam as passagens. Quando os tabletes chegaram à Lacedemônia, ninguém atinou, a princípio, com o seu significado; mas Gogo, filha de Cleómenes e mulher de Leônidas, acabou descobrindo que se a cera fosse removida, algo seria encontrado gravado na madeira. Seguindo a sua sugestão, removeram a cera e descobriram os caracteres. A mensagem foi lida e depois transmitida aos outros povos gregos.